



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – OSMAR DE AQUINO
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA**

ROSIVALDO PEREIRA DO NASCIMENTO JÚNIOR

**TESSITURAS DE UM IMAGINÁRIO SOCIAL SOBRE OS CORPOS CEARENSES
NO ROMANCE A FOME(1890) DE RODOLFO TEÓFILO (1877-1890)**

GUARABIRA

2022

ROSIVALDO PEREIRA DO NASCIMENTO JÚNIOR

**TESSITURAS DE UM IMAGINÁRIO SOCIAL SOBRE OS CORPOS CEARENSES NO
ROMANCE A FOME (1890) DE RODOLFO TEÓFILO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em História.

Área de concentração: História Cultural e Cidade

Orientador: Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior.

GUARABIRA

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N244t Nascimento Júnior, Rosivaldo Pereira do.
Tessituras de um imaginário sobre os corpos cearenses em A fome (1890) de Rodolfo Teófilo (1877-1890) [manuscrito] / Rosivaldo Pereira do Nascimento Junior. - 2022.

85 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior, COORDENAÇÃO DO CURSO DE SOCIOLOGIA - CEDUC."

1. Corpo. 2. Carne. 3. Imaginário. 4. Literatura. I. Título

21. ed. CDD 907.2

ROSIVALDO PEREIRA DO NASCIMENTO JÚNIOR

TESSITURAS DE UM IMAGINÁRIO SOCIAL SOBRE OS CORPOS
CEARENSES NO ROMANCE *A FOME* (1890) DE RODOLFO TEÓFILO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em História.

Área de concentração: História Cultural e Cidade.

Aprovada em: 07 / 12 / 2022

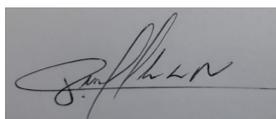
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Joedna Reis de Meneses
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Susel Oliveira da Rosa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha mãe (Ceixa), que com paciência e cuidado fez-me carne, lançando-me ao mundo para fazer-me corpo. À minha tia e prima (Cida e Aninha) pelo carinho e dedicação nas horas de aperseio. Às três, dedico este escrito.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, por toda força e coragem transmitida desde a minha entrada no curso de História até a realização deste trabalho.

Ao meu orientador e amigo, prof. Durval Muniz pela companhia e a troca de conhecimento a cada diálogo. Você foi uma figura indispensável durante a minha formação. Sem você não sei se conseguiria alcançar o tanto que alcancei nesses últimos anos. Muito obrigado, mestre!

Ao meu pai (Valdo) e ao meu irmão (Vítor) por toda paciência e ajuda nas horas mais precisas.

Aos professores do Curso de licenciatura em História da UEPB-Campus III/ Guarabira, em especial, à Susel Oliveira da Rosa, Joedna Reis, Alômia Abrantes e Francisco Fagundes que contribuíram ao longo desses quase cinco anos, por meio das disciplinas e debates, projetos de extensão e aquilo que considero o ponto fundamental do nosso curso, a relação amigável, mas sempre respeitosa, entre os alunos e os professores. Meu muitíssimo obrigado!

Mais uma vez agradeço às professoras Joedna Reis e Susel Oliveira da Rosa pela disponibilidade em participar da banca de avaliação deste trabalho. Sou muito grato a vocês!

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio, em especial à Gabrielly, Maria Helena, Júlio, Gabriel, Bianca, Janielle, Ana Virgínia, Társila, Ananda Júlia e Ítalo. Vocês foram fundamentais para minha permanência na instituição, sem vocês não sei como teria sido essa trajetória. Estendo o agradecimento aos colegas do *Corpus: Grupo de estudos e pesquisas em história dos corpos e das sensibilidades*, que sem as discussões semanais, sempre com muitas indicações de leituras e muito afeto, este trabalho não seria possível.

Além disso, sou muito grato ao CNPq e à UEPB pelo apoio prestado com as bolsas de Iniciação Científica. Muito Obrigado!

“(...) meu corpo não se deixa reduzir tão facilmente. Afinal, ele tem suas fontes próprias de fantástico; possui também ele, lugares sem lugar e lugares mais profundos, mais obstinados ainda que a alma, que o túmulo, que o encantamento dos mágicos. (...) Em todo caso, uma coisa é certa, o corpo humano é o ator principal de todas as utopias” (FOUCAULT, 2013, p. 10 e 12).

RESUMO

Este trabalho pretende analisar como a literatura de uma época, se entrelaça a outros domínios discursivos, como a ciência, tecendo um imaginário social sobre os corpos cearenses, ao dar sentidos e significados para a materialidade de suas carnes. Com isso, nos servimos do romance *A Fome: cenas da secca do Ceará* (1890), composto pelo farmacêutico e escritor radicado no Ceará, Rodolfo Teófilo, visando investigar essa fabricação entre os anos de 1877, início da chamada *grande seca*, e 1890, ano de publicação do livro. Desse modo, distinguimos as noções de carne e corpo, sendo a primeira entendida como a materialidade biológica que dá sustentação ao corpo, que, por sua vez, é a implantação dos elementos sociais e culturais na materialidade carnal. Além disso, tomamos a literatura como uma forma de discurso, no sentido dado por Foucault (2018), ou seja, uma instituidora de sentidos e, portanto, de práticas, não se limitando à mera reprodutora da realidade, mas partícipe de sua urdidura, articulando-se a outros domínios do social nessa feita. Para tanto, utilizamos como recurso metodológico a *Análise genealógica do discurso* com o objetivo de captar não apenas as dimensões racionais dos discursos, mas os sentimentos e emoções presentes, percebendo seus efeitos na sociedade.

Palavras-Chave: Corpo. Carne. Imaginário. Literatura.

ABSTRACT

This paper aims to analyze how the literature of an age is intertwined with other discursive domains, like science, weaving a social imaginary about cearenses' (how native people from the state of Ceará are called) bodies, by giving meaning to the materiality of their flesh. With this, we use the novel "A Fome: cenas da seca do Ceará (1890)", (The Hunger: scenes of Ceará's drought), written by the cearense pharmacist and writer Rodolfo Teófilo, seeking to investigate this manufacture between the years of 1877, the beginning of the so-called great drought, and 1890, the year of the publication of the book. In this way, we distinguish the notions of flesh and body, the first being understood as the biological materiality that support the body, which, in turn, is the implantation of social and cultural elements in carnal materiality. In addition, we take literature as a form of discourse, in the sense given by Foucault (2018), that is, a instituter of meanings and, therefore, of practices, not limited to the mere reproducing of reality, but participating in its warp, articulating itself to other domains of the social in this making. For this purpose, we used as a methodological resource the Genealogical Analysis of Discourse with the objective of capturing not only the rational dimensions of discourse, but the feelings and emotions present, perceiving their effects in society.

Keywords: body; flesh; imaginary; literature.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. A EMERGÊNCIA DE UM ROMANCE	18
2.1 <i>Rodolfo Teófilo, o apóstolo da ciência</i>	18
2.2 <i>Rodolfo Teófilo, o literato</i>	25
3. DISCURSOS QUE (CON)FUNDEM-SE: A PRESENÇA DA CIÊNCIA NO ROMANCE <i>A FOME</i> (1890)	34
4. A FOME DAS CARNES OU OS CORPOS DA FOME: OS CEARENSES EM <i>A FOME</i> (1890)	54
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	80

1. INTRODUÇÃO

Ao nascer, o indivíduo se vê preso em meio a uma imensa e desordenada nuvem de falas, palavras, conceitos, práticas, sinais, gestos, atitudes, que vão pouco a pouco sendo impressas em suas carnes, somando-se e incorporando-se, fazendo-se um, transmutando-se em corpo, numa metamorfose lenta e dolorida que não cessa de acontecer durante toda a sua existência (LE BRETON, 2011). Incorporando em suas carnes os elementos da cultura e do social no qual está inserido, seu corpo se forma, abrindo-se ao infinito, fazendo de sua precariedade, das feridas abertas, do sangue jorrado, linhas de vida, dando-lhe uma falsa sensação de continuidade, de existência única, mas que visivelmente, a cada momento, modifica-se. O corpo, e conseqüentemente as carnes, sofrem com os distintos choques, ocasionados pelo seu encontro com os afetos do mundo, impulsionando modificações físicas e subjetivas, infinitesimais, que muitas vezes o comprometem, pois como já afirmara Michel Foucault, o corpo seria “a superfície de inscrição dos acontecimentos históricos”, o corpo seria produzido e corrompido, fabricado e dilacerado, pelo movimento turbilhante da história (FOUCAULT, 2017).

Da mesma maneira, aquele sujeito formado e conformado, posto que fora docilizado (FOUCAULT, 2014) pelo seu meio social e cultural, não cessa de produzir resistências contra os poderes instituintes de sua própria corporeidade, sua a composição física e imaginária. Do seu corpo, faz eclodir formas de subverter a ordem na qual está inserido, pois como já disse o mesmo filósofo, é ele, o corpo, que possuindo recursos que lhe são próprios e fantásticos, não se submete facilmente (FOUCAULT, 2013). Com ímpeto e coragem faz de si a utopia primeira, dando a sua existência propósitos que muitas vezes beiram ao absurdo. Vislumbrando acalantar o seu coração inquieto, despeja sobre o real seu cheiro tendencioso, o simbólico, caracterizado pela capacidade “de fixar o vínculo social pela criação de sentido e de valores” (LE BRETON, 2019, p. 9), de fazer brotar as formas a partir de um lugar, tecendo o próprio mundo conhecido, fazendo dele realidade. Abre-se às batalhas, às lutas pelo dizer sobre o real, implodindo formas e produzindo outras, despertando-se verdadeiramente aos afetos, aos encontros.

A carne limita, mas apoia, dá suporte material aos corpos para que eles existam. Da mesma maneira, fazer corpo é fazer sujeito. No entanto não podemos falar numa carne pronta, delimitada, onde se inscreveria um corpo à bel prazer, engana-se quem acredita num pensamento originário, transcendental, de onde brotaria o dizer último, o sentido universal, absoluto. Engana-se! Há luta entre esses elementos, nunca estando em plena

conformação. Carne, corpo e sujeito, embora sejam distintos, se entrecruzam, são fabricados concomitantemente, sem que possamos saber onde se inicia um e termina o outro. Corpo e sujeito, por exemplo, nascem no interior da *ordem do discurso*, atravessando a própria individualidade, mas ambos se dissociam da carne ao mesmo tempo em que a submetem a determinadas exigências, deformando-a ou conformando-a; fazer corpo é torná-la dócil, destituí-la de sua plena existência, há uma tensão perpétua entre o corpo e a carne (ALBUQUERQUE JR, 2020).

Outrossim, é a produção do discurso que tem o sujeito como uma instância importante, mas não parte exatamente dele, existindo uma tensão entre o “murmúrio” lancinante do real e as falas dispersas no tempo, o arquivo que lança a possibilidade do ver e do dizer, a ordem que molda o discurso, as leis anônimas que regem a possibilidade do enunciar. Dessa maneira, é possível percebermos que a existência do sujeito não se dá previamente. O sujeito se produz e é produzido no próprio ato de capturar as centelhas de falas dispersas e agrupá-las no espaço da *ordem do discurso* transmutando os ruídos em uma melodia compreensiva, sendo, destarte, condicionado por práticas discursivas determinadas por regras obscuras e localizadas no curso da própria história. Assim, o sujeito, para Michel Foucault, não seria a instância de onde germinaria a verdade do próprio discurso, mas produto de uma dispersão, um conglomerado de falas ditas no tempo, que o moldam concomitante ao ato de nomear algo. Sobre isso, o filósofo afirmou haver uma voz sem nome que o precedia há bastante tempo, não havendo começos, e ele, “em vez de ser aquele de quem parte o discurso”, seria antes “o ponto de seu desaparecimento possível” (FOUCAULT, 2014, p. 5-6).

Daí, podemos ver que o sujeito não passa de uma dentre outras instâncias na produção do discurso, não sendo fonte privilegiada de sua tessitura, embora tenha uma centralidade específica no interior da ordem discursiva. Alia-se ao sujeito outra instância, aquela que dá unidade e coerência ao discurso: o autor. Peça fabricada por uma modernidade que tudo quer identificar, não se reduzindo a “uma mera construção ideológica, produto de um poder dominante (burguês) que tem sua emergência determinada por certos materiais de produção (como a impressão)” (ALVES, 2015, p.92), que embora sejam importantes chaves de compreensão para a sua emergência, não pode ser pensada como causas únicas, abrindo sua figura para um vasto domínio no qual pode ser articulado a elementos de diversos tipos (ALVES, 2015). Então, Foucault fala sobre a ordem sacra para qual o dito é lançado no momento de sua enunciação, ao evidenciar “que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e

redistribuída por certo número de procedimentos”, além disso teriam “por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento (...) esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 2014, p. 8-9).

Assim, o discurso é colocado por Foucault como o centro da linguagem instauradora da realidade, apreendendo todo campo de sentidos e imagens nos quais os seres humanos estão inseridos (FOUCAULT, 2017), dando sentido ao rumor do real, transformando uma parcela mínima de seu infinito numa chama de realidade que não cessaria de se apagar. O real nos tocara de forma avassaladora, nos indagando, nos conflitando, atacando as nossas carnes, fazendo escorrer das feridas e arranhões o sangue que banharia a terra informe e faria inundar, através dos procedimentos discursivos, um mundo de formas, modelado e construído eminentemente pela nossa necessidade de tudo significar (ALBUQUERQUE JR, 2007). O discurso, portanto, seria fruto de uma tensão perpétua, entre o “murmúrio” lancinante do mundo e a ordem que pretende civilizar a palavra. Dessa mesma forma, o discurso é também uma prática, porque está em relação a um conjunto de técnicas, instituições, comportamentos e pedagogias, sendo, portanto, fruto de uma batalha. Atrelado a política, é conseqüentemente, através dele que se expressam as relações de poder: “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2014, p. 10).

Dentre todas as formas narrativas, talvez, a literatura, em seu sentido moderno¹, seria aquela que extrapola os limites discursivos ou localiza-se na beira, no próprio limite, estabelecendo-se num espaço inteiramente exposto, no qual pretende “reproduzir-se, mas expondo-se igualmente à infiltração corrosiva da dúvida e da perplexidade. É por onde o desafiam também os inconformados e os socialmente mal ajustados” (SEVCENKO, 1999, p. 20). Longe de pensar a literatura como produto de um sujeito autônomo, que rasga o seu interior transpondo-o para o texto, Sevcenko (1999) se põe a pensar a literatura como discurso, e, portanto, como sendo urdido por um conjunto de instâncias que moldam seu objeto, as palavras, as imagens presentes no texto, sua estética, o estilo de quem escreve, os recursos gráficos e editoriais. Interferem nesses quesitos, os sentimentos, as emoções, as esperanças, os desejos, os conflitos, as relações políticas e sociais de uma época. Tudo se

¹ Na conferência *Linguagem e literatura* feita na cidade de Bruxelas, em dezembro de 1964, Michel Foucault expõe a recente emergência daquilo que costumamos compreender por literatura. Segundo o filósofo, surgiu em algum momento entre o fim do século XVIII e início do século XIX. No entanto, o mesmo ressalta que embora seja um produto muito novo, o que se entende por literatura pode ser lançado para textos muito antigos. FOUCAULT, M. *Linguagem e literatura*. In: _____. *A grande estrangeira: sobre literatura*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. p. 74-135.

emaranha na tessitura da narrativa, bem como na materialidade da própria obra, sendo essa “a razão por que ela aparece como um ângulo estratégico notável, para a avaliação das forças e dos níveis de tensão existentes no seio de uma determinada estrutura social” (SEVCENKO, 1999, p. 20). A literatura seria, dessa maneira, experiência de linguagem, sendo o escritor alguém que produz jogos de linguagem, fazendo, pretensamente, com que ela fale por si mesma, não sendo apenas puro objeto artístico, do qual o leitor pode desfrutar de sua companhia, mas torna-se forma de pensamento, propalador de afetos, transpondo intensidades, servindo à dispersão das *formações discursivas*, possibilitando a emergência de outras formas narrativas. A literatura não representaria o mundo, ou nos daria a ver o mundo tal como é, antes, porém, tece-o (de)formando-o. O espaço literário choca-se com o espaço do real, (re)velando um outro, as várias camadas nas quais os sentidos se sobrepõem e se interpõem, conjurando-se num molde específico, assim como uma rosa que ganha seu traço na justaposição de finas pétalas.

Diante do exposto, tomamos os conceitos de corpo (LE BRETON, 2012; ALBUQUERQUE JR, 2020) e de discurso (FOUCAULT, 2014, 2016, 2017) como ferramentas para pensar nosso objeto de pesquisa. Este trabalho busca analisar como a literatura de uma época constrói regimes de corpos, se entrelaçando com outros domínios discursivos como a ciência, dando sentidos e significados diversos para a materialidade das carnes (ALBUQUERQUE JR, 2020). Para tanto, nos debruçamos sobre *A fome: cenas da secca do Ceará* (1890), primeiro romance escrito por Rodolfo Teófilo, intelectual e farmacêutico de profissão, formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, que publicou no curso de sua vida mais quatro romances e alguns outros livros de poemas, história, memória e botânica que versavam sobre o Ceará e sua gente. Assim, estabelecemos como recorte espacial a província/ estado² do Ceará, embora sua literatura ressoe em outros espaços com a denominação de “literatura do norte”. Tomamos como temporalidade os anos entre 1877 e 1890, tendo como justificativa o período de início da chamada grande seca de 1877-1879 e a publicação do romance a ser trabalhado. Visamos identificar no escrito, como o discurso médico-científico do fim do século XIX se relaciona com o discurso literário presente na obra de Teófilo tecendo um determinado imaginário social sobre os corpos dos cearenses. De fato, seguimos o pensamento pós-estruturalista de Deleuze e Guattari (2011) ao dizer que “um livro não tem objeto e nem sujeito”, mas, sim, “feito de matérias diferentemente formadas, de datas e velocidades muito diferentes”, é um

² Antes da proclamação da República no Brasil, no ano de 1889, os atuais estados da federação possuíam a denominação de províncias.

agenciamento que se conecta sempre com outros agenciamentos (DELEUZE; GUATTARI, p. 18).

Enfatizar a dimensão corporal no discurso literário me parece ser de extrema importância, uma vez que seria nas carnes onde primeiro se observaria a inscrição das relações de poder entre os homens, sendo, portanto, uma das justificativas para este trabalho. Seguindo este pensamento, fazer uma história dos corpos é fazer uma história do olhar de determinada época sobre a natureza dos homens e mulheres. David Le Breton, antropólogo francês, nos alerta para a dimensão cultural e social que adentra e educa determinadas maneiras de enxergar as coisas (LE BRETON, 2019). Portanto, é interessante pensarmos como uma época mobilizava determinados olhares, quais relações essas maneiras de ver o mundo mantinha com os interesses políticos e sociais daquele momento, que sinais de apreço e/ou recusa faziam circular entre os seus, visando captar maneiras de sentir o outro.

A principal fonte desta pesquisa foi a obra *A Fome*, escrita em 1890. De fato, como afirmou Deleuze e Guattari (2011) o livro deve se relacionar com outros agenciamentos, e, para tanto, o articulamos com outros campos do discurso, como jornais³, fotografias⁴, produção médica⁵, a crítica literária⁶ e a historiografia⁷, etc. Dessa maneira, um conceito central para essa análise será o de *dispositivo* presente na obra de Giorgio Agamben (2009). Ele nos permitirá perceber como um livro, aparentemente inofensivo, pode fazer jorrar de suas páginas afetos que neutralizam ou corrompem os sentidos, os gestos e as corporeidades, na medida em que o filósofo italiano entende por dispositivo, a partir de um alargamento do conceito foucaultiano, “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos” (AGAMBEN, 2009, p. 40), não apenas as instituições faladas por Foucault, como as prisões, manicômios, escola, etc., que haveria uma conexão mais aparente com o poder. Nesse sentido, o interesse em

³ Os jornais consultados foram, *O pão* (CE); *O cearense* (CE); *O estado do Ceará* (CE); *A quinzena* (CE), *Gazeta de Notícias* (RJ) a partir das seguintes palavras-chaves: Rodolpho Theophilo; Ciência; Medicina; Sertanejo; Sertão; Seca; Retirante; Fome; Higiene; Biologia; Evolução; Migração; Raça. Visei buscar artigos e notícias que pudesse por em relação com a obra.

⁴ As fotografias feitas durante a *seca de 1877*, disponíveis na Brasiliana Fotográfica, serviram para divulgar o evento para o mundo.

⁵ Revista *Gazeta Médica da Bahia* (BA); *Brazil Médico* (RJ).

⁶ Críticas de Adolfo Caminha, José Veríssimo, entre outros pares do momento; além disso, me detive às análises de Lúcia Miguel Pereira, Nelson Werneck Sodré e Afrânio Coutinho durante as décadas de 1950, 1960 e 1970. Pude, dessa maneira, trazer o lugar relegado na memória da literatura cearense e nacional ao escritor-farmacêutico, abrindo margem para suas ressonâncias.

⁷ O próprio Rodolfo Teófilo publicou um História das secas do Ceará (1877-1880), no ano de 1884, que lhe rendeu o ingresso como sócio correspondente do Instituto Histórico Geográfico.

Agamben localiza-se no ponto em que este filósofo considera como dispositivos, “a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação” (AGAMBEN, 2009, p.41), mas também “a própria linguagem, que talvez é o mais antigo dos dispositivos, em que há milhares e milhares de anos um primata - provavelmente sem se dar conta das consequências que se seguiriam – teve a inconsciência de se deixar capturar” (AGAMBEN, 2009, p. 41).

Para tanto, utilizamos como recurso metodológico a *análise genealógica do discurso* proposta por Michel Foucault, visando compreendermos as dimensões que circundam e se articulam para a produção discursiva de um imaginário sobre o corpo na literatura do autor cearense. Penso junto com o filósofo francês, a produção de uma história genealógica, que inspirada em Nietzsche, visa captar os jogos e estratégias de produção de sentidos para os acontecimentos passados. Este método não se preocuparia na reintegração do evento perscrutando sua identidade primeira, mas percebendo os movimentos de sua constituição a partir das relações de poder e saber, tomando como objeto de estudo não apenas as dimensões racionais que são expressadas explicitamente nos discursos, mas os sentimentos, os instintos, as paixões presentes em toda ação humana. Sobre a análise do discurso o autor fala que “não se ocupa do problema do sujeito falante, mas examina as diferentes maneiras pelas quais o discurso cumpre uma função dentro de um sistema estratégico onde o poder está implicado e pelo qual o poder funciona”, assim o poder não estaria fora do discurso, nem seria a origem dele, “o poder é algo que funciona através do discurso, porque o discurso é, ele mesmo, um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder”(FOUCAULT, 1994, p. 453 apud CASTRO, 2009, p. 120).

Por conseguinte, é sobre as carnes que atua o discurso, bem como os poderes, evidenciando a sua centralidade como a “superfície de inscrição dos acontecimentos”, assim “a genealogia, como análise da proveniência, está[ria], portanto, no ponto de articulação do corpo com a história. Ela deve mostrar o corpo como inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo” (FOUCAULT, 2017, p. 60). Com isso, tomamos as sugestões feitas pelo historiador Jean-Jacques Courtine em seu livro *Decifrar o corpo: Pensar com Foucault* (2013) como auxílio para tratar as fontes selecionadas, articulando-as em rede, visando aproximar saberes, instituições, enunciados, leis, que estão visceralmente atrelados a certos domínios do poder hegemônico do momento tratado. A literatura de Teófilo, serviria, então, a determinados fins, se abrindo como respostas às demandas postas pelo momento de sua feitura. Há implicações políticas e sociais que conclamam pela

fabricação de determinados corpos na literatura cearense do período estudado, o final do século XIX.

Pessoalmente, por nascer no Nordeste, sempre me vi deslocado das formas trazidas pelos discursos referentes a este espaço: terra do cabra-macho, com seu jeito bruto, povo que resolve suas pendências na violência, entre outras maneiras de estereotipar a imagem daqueles que tem essa região como seu torrão natal. Durante muitos anos consumi ingenuamente, quase sem questionar-me, esses discursos que se digladiavam com meu jeito de existir, deixando-me em um não-lugar. Acredito que isso possibilitou a procura e a aderência a outras maneiras de olhar o regional: conheci a clássica obra de estudos sobre Nordeste, *A Invenção do Nordeste e outras artes* (2011), escrita por Durval Muniz de Albuquerque Júnior, ainda no início da graduação de História, sendo (co)movido pelas imagens empregadas e pelos questionamentos trazidos no texto. As imagens clichês sobre a região eram pouco a pouco rasgadas e outros Nordestes foram emergindo em mim. No entanto, consciente do impacto do regionalismo nordestino para a produção das subjetividades das pessoas que aqui residem, desenvolvi uma preocupação em relação a questão das identidades e do ser nordestino, aos sentimentos de mundo que dão forma a esse ser, que, por sinal, foi objeto de estudo de outro livro do mesmo autor: *Nordestino: invenção do “falo”* (2013).

O regionalismo alimentou imagens sobre como as pessoas são no Nordeste e isso se corporificou de uma maneira, que quem não pudesse ser daquele modo estaria negando suas “raízes”. Foi quando descobri que antes do *romance de 30*, não havia o Nordeste, pois ele ainda não existia enquanto região, o Nordeste só vai passar a existir entre os anos de 1920-1940, não obstante, o Norte, que tinha sido fonte privilegiada para a produção de várias obras de literatura. O discurso regionalista nordestino seria herdeiro do discurso regionalista nortista. Porém, não só isso, com a seca transformada em problema regional inúmeras foram as missões destinadas a estudar essas terras, produzindo um enorme acervo de saberes acerca de sua fauna, flora, composição topográfica, meteorológica e, também, de sua gente. Dado o prestígio da literatura, durante o século XIX, interessei-me cada vez mais por esta forma de discurso, encontrando-me com o trabalho de Rodolfo Teófilo, que articulava produção literária e científica, podendo perceber em seus escritos possibilidades de extrair respostas (ou mais perguntas) para as inquietações que residiam em mim. Na metade do curso de História, pude entrar em contato com o campo de estudos da História do Corpo, através dos encontros semanais do *Corpus: grupo de estudos e pesquisas em histórias dos corpos e das sensibilidades*, coordenado pelo professor Durval Muniz, dessa

maneira, pude compreender o corpo como uma materialidade constituída por camadas de historicidade, ao mesmo tempo em que ele agenciaria a própria história. Daí, fui encorajado a pôr em conexão meus interesses, desenvolvendo este trabalho. Portanto, esta pesquisa se justifica pessoalmente na medida em que visou estudar a construção de um imaginário sobre os corpos dos habitantes do espaço em que vivo e nasci, cruzando com meu interesse sobre a literatura, percebendo sua dimensão social, seu papel como instituidora de elementos culturais, com minha motivação em compreender o lugar do corpo nessa fabricação imagética.

Outrossim, a maioria dos trabalhos que tomam a escrita de Teófilo como objeto de pesquisa situam-se no campo das letras e da literatura (ALMEIDA, 2007; MORAES, 2020; PINHEIRO, 2011), pouquíssimos foram aqueles que se debruçaram sobre seus textos literários na historiografia. Dois preocuparam-se abertamente com o corpo: a dissertação defendida no mestrado interdisciplinar em História e Literatura da UECE, em 2020, intitulada *Literatura, História e ciência no século XX: a visão naturalista de Rodolfo Teófilo sobre o povo cearense*, escrita por Erika Mendonça, estuda a apropriação das teorias científicas europeias do século XIX para elaboração do sertão cearense na literatura naturalista, distinguindo-se deste trabalho por compreender o discurso como fruto de um poder, sem falar que não se deteve o suficiente em relação às escolhas estéticas no texto. Além desse, há o livro do historiador cearense João Alfredo de Sousa Montenegro, *A política do corpo na obra literária de Rodolfo Teófilo* (1997), no qual analisa os romances *A fome* (1890) e *O Reino de Kiato* (1922), buscando identificar elementos que segundo o autor comporiam uma “política do corpo”, pensada como modos de compreendê-los, de manuseá-los, de tratá-los adequadamente em nome de um progresso científico, se distanciando deste trabalho à medida que busca encontrar as intencionalidades do autor na composição de sua narrativa, centrando a urdidura do texto na própria pessoa de Teófilo, local de onde emanaria o discurso. De fato, podemos pensá-lo assim, mas o foco deste trabalho será outro, inseri-lo num campo mais vasto do pensamento, relacionando-o a outros discursos, confluindo para a tessitura dos corpos cearenses. Ademais, outros trabalhos tomaram-no como testemunha dos eventos que o cercaram, fonte de informação para a história política e social (CORREIA, 2016; DAMASCENO, 2018), ou biografaram-no (VALE NETO, 2006). No entanto, esta pesquisa se dedica a perceber o romance *A fome* como um sintoma de sua época, um espaço literário para onde convergem inúmeros elementos que constituem o seu real e que transparecem na própria escrita, através de significados variados, dando luz sobre os abalos provocados pela história.

Assim, a justificativa historiográfica deste trabalho reside na relevância da temática abordada, na pergunta que fiz às fontes, da mesma forma em que trarei o escritor e farmacêutico como agente político do seu tempo, observando seu romance como construtor de sentidos e significados diversos, produzindo impactos sociais relevantes.

No primeiro capítulo, nos dedicaremos a apresentar o autor e sua relação com seus pares na produção do texto literário. Assim como as implicações políticas e sociais do momento em que escreveu e como elas aparecem no percurso de sua narrativa, fazendo emergir uma crítica ao período vivenciado pelo autor. Depois, no segundo capítulo, tentaremos articular o discurso da literatura à centralidade dada à ciência no período, uma vez que esse elemento faz de Teófilo um personagem central daquele momento, pois antes de ser escritor, foi cientista, um farmacêutico formado pela Faculdade de Medicina da Bahia. Assim sendo, o discurso científico foi um elemento crucial na urdidura de seu texto, ultrapassando a importância que foi dada a esse discurso nos demais autores de sua época. Na pena do autor cearense, a descrição dos acontecimentos faz jorrar excrementos e sangue, faz aparecer órgãos e sistemas do corpo humano, pois são analisados cautelosamente por ele. A linguagem técnica e científica se confunde pouco a pouco com a linguagem literária, sendo motivo de inúmeras críticas por parte de seus pares. Além disso, no terceiro capítulo, analisaremos as imagens dos corpos produzidas pela narrativa de seu romance *A fome*, bem como as escolhas estéticas por ele realizadas, que implicaram na expressão e veiculação de determinadas formas de ver e sentir os corpos dos grupos sociais que são tomados como protagonistas da narrativa, dando ao seu romance ressonâncias políticas e sociais diversas.

2. A EMERGÊNCIA DE UM ROMANCE

2.1 *Rodolfo Teófilo, o apóstolo da ciência*

Desde o fatídico Natal de 1928, quando ocorrera a morte de sua esposa e companheira de muitos anos, dona Raimundinha, com quem se casara, no outono de 1879, Rodolpho Marcos Theophilo, como se chamava, recolheu-se em sua casa, no bairro do Benfica, e nunca mais quis sair pelas ruas da cidade de Fortaleza (LIRA NETO, 1999). Também era de conhecimento de todos, que o farmacêutico não gostava tanto de socializar. Virgílio Brigido, em prefácio ao romance *A fome* (1890), analisado nesta pesquisa, via naquele homem “alongado e magro”, com “olhos pouco luminosos e muito meditativos”, uma pessoa de “poucas palavras e muitos actos, tudo porem de manso como quem tem preguiça”. Havia algo naquele ser de “bom caracter varonil”⁸, que o impedia de expressar com a voz os sentimentos que afloravam dentro de si, mas que ficavam marcados tacitamente em seus gestos, assim como na sua escrita. O infortúnio parece tê-lo perseguido durante toda sua vida, talvez, por isso tenha constituído um corpo de “vulto severo e ascético” (SALES, 1902 apud SOMBRA, 1997, p. 58), como certa vez afirmara seu amigo Antônio Sales, numa matéria para *o Diário de Pernambuco*, no ano de 1902.

Desde muito cedo, aos 11 anos de idade, quando ficara órfão de mãe e pai, ganhando a vida como caixeiro, até a luta travada para formar-se farmacêutico, desde os anos em que se notabilizou como crítico das políticas de socorros em períodos de seca, até a batalha que empreendeu contra à variola, sempre em defesa dos ideais da ciência do momento, sofrendo uma série de perseguições à sua pessoa executadas pelos mandachucas da república naquele estado, até culminar com o falecimento da sua “fada risonha e benfazeja”, como escreveu Sales sobre Dona Raimundinha, a vida de Rodolfo Teófilo foi de uma luta constante contra as adversidades que erguiam-se diante dele. A morte da esposa amada, foi vista como um prelúdio para o descanso daquelas carnes que pouco a pouco definhavam. Essa proximidade da morte é afirmada pelo farmacêutico em uma visita feita pelos jornalistas do jornal *O povo*⁹, à sua residência, ainda no ano de 1930:

⁸ BRÍGIDO, Virgílio. Rodolpho Theophilo. In: THEOPHILO, R. *A fome: Scenas da secca do Ceará*. Porto: Typ. De A. J. da Silva Teixeira, 1890. p. VII-XXI.

⁹ Segundo Waldy Sombra, o jornal naquele momento era dirigido pelo Demócrito Rocha. Cf.: SOMBRA, Waldy. *Rodolpho Theophilo: o varão benemérito da pátria*. Fortaleza, 1997. p. 183

por ocasião de uma visita que lhe fizemos o diretor deste jornal e o escritor Paulo Duarte, Rodolfo Teófilo, que os recebera na intimidade, apontou-lhes as longas pernas pobres de músculos, que não lhe sustinham o peso do corpo, dizendo-lhes, entre pilhérico e melancólico: - “Estas pernas estão pedindo cova...” (*O povo*, 04.07.1932, ano V, nº 1300, p. 1 apud Sombra, 1997, p. 182-183).

Assim, aqueles representantes da imprensa saíram dali sabendo que uma hora ou outra teriam de informar o falecimento daquele “velho avô bemquerido”, como afirmou a escritora Rachel de Queiroz ao homenagear Rodolfo Teófilo, no álbum comemorativo da cidade de Fortaleza, do ano de 1931. O farmacêutico, mesmo não tendo conquistado avultadas riquezas materiais, era reconhecido pelo “preciosismo talento da coragem”, que nas palavras de Brígido faziam entoar elogios à sua figura, descrita como “cheia de firmeza e caracter”, contrastando com uma época de espíritos corruptos, onde “a moral” seria “quase regulada pelas conveniências”. Aquele ser de “muito leal coração”¹⁰, com “suas barbas brancas de apóstolo”, era, segundo a autora de *O quinze* (1930), “uma das mais belas figuras venerandas do Ceará”. De “suas velhas mãos trêmulas”, germinaram 28 obras de variados temas, desde poemas, passando por memórias, críticas literárias e críticas políticas, romances, contos e crônicas, até estudos científicos, como os livros sobre a História do Ceará e sobre Botânica. Persistente em seus ideais, encontrava-se nos idos de 1931, aos 78 anos, “no esgotamento do seu grandioso esforço”, pois dedicara “toda uma longa vida de trabalho” propagando suas convicções acerca da realidade de sua terra, espalhando luz, de acordo com Queiroz, que dizia: se “a inveja, a inconsciência e a ignorância conseguissem fazer apagar e esquecer o que sua mão escreveu, nas cicatrizes bemfeitoras que cada cearense traz nos braços, está gravada para sempre a marca de sua ciência generosa”¹¹.

Sua produção bibliográfica reporta sempre às problemáticas postas pelo momento em que escreveu cada uma de suas obras. Engana-se quem pensa que seus escritos são apenas *sobre* os eventos ou objetos abordados, ele próprio foi um produtor de eventos, um ator político, que ajudou na confecção dos sentidos dados aos acontecimentos dos quais participou, intervindo e experimentando o real. Dessa forma, não se faz dificultoso perceber o que Teófilo quis expressar nas seguintes linhas direcionadas ao jornal *Correio do Ceará* no dia 03 de julho de 1930:

¹⁰ BRÍGIDO, Vígilio. Rodolpho Theophilo. In: THEOPHILO, R. A fome: Scenas da secca do Ceará. Porto: Typ. De A. J. da Silva Teixeira, 1890. p. VII-XXI.

¹¹ Queiroz refere-se as marcas produzidas pela infusão da vacina antivariólica nas pessoas. De fato, Teófilo foi um dos responsáveis, quase sem o apoio do poder político, que, pelo contrário, por inúmeras vezes o difamou perante a opinião pública, pela erradicação da varíola naquele Estado. Cf.: QUEIROZ, R. Rodolpho Theophilo. In: BEZERRA, Paulo (org.). Álbum de Fortaleza. Ed. Fac-similar. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2016. p. 519

Criei a literatura regionalista aqui. Quase sozinho, ou bem, ou mal, neste meio século, tenho sustentado as letras no Ceará, publicando algumas dezenas de livros. Alguns deles ficarão pela importância do assunto. A História das Secas, por exemplo, viverá porque o flagelo não se acaba. Publicando-os, tive em vista tornar conhecida a calamidade no Sul e impressionar os governos. Consegui que o sulista conhecesse o que era uma seca. Epiácio Pessoa, quando presidente da República, mandou editar e reeditar os meus livros sobre a calamidade para que não se extinguissem (THEOPHILO, *Jornal do Ceará*. 3.7.1930 apud SOMBRA, 1997, p. 198).

Sua postura militante, o fez enunciar nos atos e nas palavras, o profundo compromisso com suas ideias. Assim, não é difícil imaginar o impacto que vivenciou quando recém-chegado a Fortaleza, vindo da cidade de Pacatuba, onde se instalou, após a conclusão do curso de Farmácia, na Faculdade de Ciências Médicas da Bahia, ainda com seus 24 anos, se deparou em pouquíssimos meses, com uma enorme quantidade de moribundos advindos do interior da província, expulsos de suas casas, de seus lugares, do chão que servia de sustentáculo para a vida e dava sentido às suas existências. Foram todos eles, arrastados pelo fétido hálito da fome, uma das cabeças da grande hidra que aterrorizava a província do Ceará de tempos em tempos: a seca. Tal evento não pode ser compreendido apenas como um fenômeno natural, tendo mais do que repercussões econômicas e sociais, atingindo profundamente a corporeidade daqueles que o experienciavam.

A seca de 1877, considerada a *Grande Seca* pela produção intelectual e jornalística do momento, durou cerca de três anos produzindo um número de mortos que girou em torno de 500 mil nas províncias da Paraíba, Piauí, Rio Grande do Norte e Ceará (ALBUQUERQUE JR, 1987. p. 24). O Ceará, espaço deste estudo, segundo o historiador Duval Muniz de Albuquerque Júnior¹², possuía naquele momento uma população de cerca de 886 mil habitantes e nos anos em que ocorreu o fenômeno viu a morte de mais de 119 mil corpos. Só no ano de 1878, segundo Frederico de Castro Neves, no obituário do jornal *O cearense*, publicado no dia 05.11.1879, foram contabilizados 57.760 mortos (NEVES, 2005. p. 118). Do mesmo modo, inúmeros foram os indivíduos que migraram daquela província em busca de condições de sobrevivência, principalmente para o Amazonas e Pará. O historiador cearense Raimundo Girão, em sua *História Econômica do Ceará*, fala em mais de 50 mil migrantes (GIRÃO, 2000, p. 404). Fortaleza, a capital provincial, segundo o

¹² Segundo o mesmo historiador, em seu trabalho, *Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino: de problema a solução (1877-1922)*, onde problematiza a emergência da Seca como um problema regional, é importante não tomarmos estes números de forma absoluta, pois conflituam com outros dados trazidos por outros autores, impossibilitando uma certeza sobre real soma de mortos, abarracados e migrantes, havendo, portanto, a utilização dos números para a promoção de estratégias políticas (ALBUQUERQUE JR, 1988. p. 21-25). No entanto, é importante localizarmos estatisticamente com o objetivo de termos uma noção sobre a proporção do problema.

mesmo autor, possuía uma população de cerca de 25 mil pessoas, mas rapidamente “converteu-se na metrópole da fome, capital de um reino pavoroso, o reino macilento do martírio coletivo numa raça em penúria. Em dezembro [de 1877] já estavam aí, a mais, 85.000, que em março de 78 eram 100.00 e em setembro 114.000” (GIRÃO, 2000, p. 401-402).

Será em torno do evento da seca que os agentes do regionalismo nortista elaborarão discursos que visam reivindicar suas demandas (ALBUQUERQUE JR, 1995). De fato, as elites de parte da região Norte vinham em crise desde do início da década de 1870 com o declínio da exportação do algodão, que ocasionou sua progressiva perda de espaços na economia e nos assuntos políticos do Império brasileiro. Sem uma devida resposta do governo central para os contratempos econômicos, os setores dirigentes de algumas províncias dessa parte do Brasil tiveram que dar conta de uma sequência de calamidades sociais sofridas em decorrência de uma série de estiagens ocorridas nas últimas décadas do século XIX, principalmente a já citada *Grande Seca*, que teve consequências devastadoras, acentuando a pobreza nos sertões, bem como a mendicância nos centros urbanos litorâneos, além de provocar o aumento significativo da criminalidade no interior das províncias atingidas. A partir dos eventos dos fins da década de 1870, aglutinam-se em torno desse problema as elites de algumas províncias que sofriam constantemente com esse fenômeno, fazendo emergir a concepção de um *norte seco*, que englobava as províncias do Ceará, da Paraíba, do Rio Grande do Norte e de Pernambuco. Tal ideia, produz modificações nos sentidos atribuídos à seca, que antes era noticiada pela imprensa do sul como *Seca do Ceará*, passando a ser percebida como uma adversidade que acometia outras províncias, sendo divulgada pelos jornais dos fins do XIX como *Seca do norte*, principalmente após a grande estiagem de 1889, menos intensa, mas não sem atingir profundamente os corpos dos pobres nortistas.

O jovem farmacêutico não mediu esforços para ajudar aquela a quem considerou como uma mãe, a terra que o acalentou, que o fez filho, que o formou, mesmo sendo “paupérrima”: o Ceará. Já sabia a essa altura ter nascido do ventre da “opulenta” Bahia, no ano de 1853, fato que só tomou conhecimento ao fazer sua matrícula no curso de Farmácia daquela província no ano de 1872, considerando tal acontecimento um acidente (THEOPHILO, 1923 apud SOMBRA, 1997. p. 21). Assim, como aponta seu biógrafo, Waldy Sombra, dizia-se “cearensíssimo” e com orgulho esbravejava: “sou cearense porque quero” (SOMBRA, 1997. p. 21-22). Dono de um “espírito altruístico”, Teófilo prestava atendimentos de forma espontânea “aos enfermos e subnutridos”, o que fazia de sua

farmácia, localizada no centro da cidade de Fortaleza, “prédio número 80 da Rua da Palma, atualmente Major Facundo”, um “consulado da miséria” (SOMBRA, 1997, p. 39).

É verdade que pouco a pouco o Ceará deixa de ser o reduto exclusivo da miséria, alargando os domínios da penúria para o que virá a ser denominado de Nordeste, já nas primeiras décadas do século seguinte. No entanto, é importante frisarmos a importância da literatura cearense para a produção de sentidos e significados a respeito do fenômeno da seca. Todo um arsenal de imagens é posto em circulação por vários intelectuais que visam divulgar o acontecimento através de seus trabalhos no campo literário, sendo classificados pela crítica como autores de uma “literatura das secas”. Independentemente das intenções pessoais, tais produções indicavam o caráter político que assumia a construção de uma identidade regional. Antes da *seca de 77*, ainda em 1876, o escritor nascido no Ceará, mas que desde muito jovem passou a residir em Pernambuco, Franklin Távora, publicara o livro *O Cabeleira*, onde já em sua contracapa anunciava a pretensão de inaugurar uma “litteratura do norte” brasileiro, além de destacar como subtítulo do romance “História Pernambucana”. Narrando a vida do Cabeleira, apelido de José de Gomes, um dos mais famosos personagens da cena do banditismo nortista, especialmente de Pernambuco, o romance possui como espécie de prefácio uma carta com forte teor político na qual o autor emite as seguintes palavras:

As letras têm, como a política, um certo carácter geográfico; mais no norte, porém, do que no sul abundam os elementos para a formação de uma literatura propriamente brasileira, filha da terra. A razão é óbvia: o norte ainda não foi invadido como está sendo o sul de dia em dia pelo estrangeiro (TAVORA, 1876, p.)

Claramente, neste documento, ele ansiava por um dizer literário sobre essas terras, bem como sobre essa gente, estabelecendo-o como o local viável para a execução de uma literatura genuinamente brasileira, já que estaria relativamente livre dos efeitos da modernização e do crescente processo de urbanização. Da mesma forma, é possível identificar em suas linhas, o desejo de uma articulação entre os intelectuais nascidos nesse espaço com o objetivo de desenvolverem uma literatura que mostrasse o Norte para aqueles que não o conhecessem ou que devido a alguma antipatia faziam por desprezar o grande acervo de tradições e histórias existente nesse lugar. Afirmava ser necessário escrever sobre os costumes e hábitos dos seus homens, sobre as suas paisagens, utilizando o romance, um gênero moderno, para dar notícias sobre essa realidade desconhecida.

Concomitante à reivindicação de Távora em relação a uma literatura nortista, é importante destacar que o Brasil experimentava uma intensa modificação em suas estruturas políticas e sociais. As elites ansiavam adequar-se aos parâmetros civilizatórios promovidos pela política imperialista europeia. Desse modo, paulatinamente alastra-se entre a intelectualidade oitocentista ideias que provinham das correntes do liberalismo político e econômico, bem como do pensamento racista, se constituindo em recursos de explicação para as mazelas que corrompiam as novas estruturas sociais em emergência no país. A chamada *geração de 1870* promoveu em seus escritos o exacerbado biologismo, evolucionismo, naturalismo e realismo das teorias em voga na Europa, trazendo-as para a realidade brasileira. Instituições como a Faculdade de Direito do Recife, o Exército, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e as Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia foram diretamente responsáveis pela divulgação dessas concepções em solo nacional (SCHWARCZ, 1993).

Por conseguinte, não é difícil imaginar a figura de Teófilo no interior desse movimento da história. Marcado profundamente pelos abalos tectônicos de sua época, o farmacêutico jamais permaneceu inerte aos principais acontecimentos de seu tempo. Partícipe ativo de todos eles, como já colocado, dedicou àquela província do norte, o Ceará, todo seu ímpeto e suor. Trabalhou incessantemente pelas causas sociais que pululavam naquela parte do país como, por exemplo, o abolicionismo, chegando a receber do governo imperial, no ano de 1884, “pelos reais e beneméritos serviços prestados ao povo cearense” (SOMBRA, 1997, p. 294), a comenda do Oficialato da Rosa, mas também atuou intensamente contra a varíola, o alcoolismo, entre outros causos que eram tidos como percalços do almejado *Reino de Kiato*¹³. Esse, o último de seus romances, com o subtítulo *No país da verdade*, publicado pela editora *Monteiro Lobato e cia* em 1922, que foi escrito em 1920, trazia a utopia de um reino dominado pelos ideais de racionalidade e de cientificidade, onde os humanos, livres de todos os males que corrompiam a boa vida, viveriam sem doenças ou maiores perturbações, podendo exercer a verdadeira liberdade: aquela de uma espécie livre da degeneração, onde os ideais de civilização, ordem e progresso faziam-se presentes (THEOPHILO, 1922).

De fato, “varão benemérito da pátria”¹⁴ apresentava críticas contundentes à gestão dos recursos públicos naquela província, à administração sanitária e do estado de penúria a que vivia relegada à população. Theophilo fez parte da *geração de 1870*, que foi

¹³ TEÓFILO, Rodolfo. *O Reino de Kiato: no país da verdade*. São Paulo: Monteiro Lobato e Cia, 1922, p. 145.

¹⁴ Em referência ao título da biografia de Rodolfo Teófilo escrita por Waldy Sombra. Cf.: SOMBRA, 1997.

extremamente influenciada pelas noções de raça e de pureza racial, de ordem e de progresso, tendo como uma das maiores preocupações o destino da nação brasileira, sua constituição, além de ingressar no interior do regionalismo, como vislumbrados pelo escritor Franklin Távora. É notório evidenciar que nas três últimas décadas do século XIX, no Ceará, principalmente em sua capital, Fortaleza, havia uma intensa presença do mendicante nas ruas, pessoas flageladas pela fome, com escarificações em todo o corpo, suplicando um punhado de farinha, o que contrastava com o ideal de cidade ansiado pelas elites cidadinas, que tinham na beleza e no sublime seus referenciais (NEVES, 2005). A necessidade de explicar e debater sobre os episódios atordoantes afim de conclamarem por respostas e soluções, impulsionaram a criação de clubes intelectuais. Neste período, funda-se na cidade a *Academia Francesa*, que desenvolvia a divulgação do acervo intelectual europeu em terras cearenses. Posteriormente, na década de 1880, surge o *Clube Literário*, que reunia intelectuais engajados na luta abolicionista. Seus participantes escreviam para o jornal *A Quinzena* (1887-1888), onde publicavam textos de variados estilos.

A errância pela Fortaleza de fins dos oitocentos, muniu-lhe de histórias e experiências que afetaram profundamente sua produção intelectual. Como observado por Isac Vale Neto (2006) as obras do autor cearense quase sempre tomam a lembrança como matéria-prima para sua produção (VALE NETO, 2006. p. 13). Com isso, passou a estudar o assunto das secas¹⁵, desde a descrição geográfica do Ceará, tratando de temas, como a climatologia, a geologia, a hidrografia, a orografia, passando pelas suas consequências econômicas e sociais, bem como sobre os efeitos morais e biológicos nos corpos dos habitantes. Além disso, o Ceará, sua gente, os seus sertões, a busca por um “typo” humano cearense se faz temas marcantes em seus escritos. Como aponta o mesmo historiador, Teófilo ansiava, no interior de sua produção bibliográfica, construir para si uma espécie de “protagonismo” em temas referentes às “secas, epidemias e problemas de saúde pública”. Havendo, portanto, um “caráter militante(...), na qual a força da letra não só perenizaria o relato, mas o dotaria de poder, de capacidade de transformação social”. Característica muito próxima daquela de vários intelectuais do período, como mostrou Nicolau Sevcenko (1999) em seu clássico trabalho *Literatura como Missão*. No prefácio intitulado *Rodolpho Theóphilo: o protesto da palavra* para a edição fac-símile do livro *Violência*, publicado

¹⁵ Publicou no ano de 1884 o livro *História da Seca do Ceará (1877-1880)*, primeiro de vários trabalhos dedicados ao tema. O autor ofereceu este texto ao médico Marcos José Theophilo, seu pai. Nele, desenvolve o assunto, partindo das condições geográficas da província cearense, passando pelo clima, tratando de sua economia e a questão social durante a seca. Com esta obra, conseguiu ingressar no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro no ano de 1890. THEOPHILO, Rodolfo. *História da seca do Ceará (1877-1880)*. 2ed. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.

originalmente em 1904, Adelaide Gonçalves diz o seguinte: “A palavra em Rodolfo Teófilo é poderosa arma da crítica, ela própria vacina contra a corrupção do tempo e das armadilhas da política como negócio” (GONÇALVES, 2005, p. 11 apud VALE NETO, 2006, p. 16).

2.2 Rodolfo Teófilo, o literato

Publicado em 1890, *A fome*, marca a estreia de Rodolfo Teófilo nos quadros da literatura nacional. Já conhecido nas suas plagas pela atuação como farmacêutico, militante abolicionista e autor de obras de cunho científico nas áreas da botânica e da História, o escritor havia ingressado no *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* naquele mesmo ano, apoiado pela sua *História da Secca do Ceará*, publicada em 1884. Como já explanado, vivenciara durante toda a década de 1880 os empreendimentos literários e intelectuais que germinaram na cidade de Fortaleza, como o *Clube Literário*, publicando uma série de textos para o jornal *A Quinzena* (1887-1888). *A fome*, que tem como subtítulo da sua primeira edição *Scenas da secca do Ceará*, indiciando a intenção de reconstituir o teatro de horrores daquele momento, eternizando nas mais de quinhentas páginas uma série de relatos dantescos apreendidos pelo escritor naquela experiência traumática para a sociedade cearense e brasileira.

Com relativa repercussão em sua época, fazendo emergir um misto de críticas elogiosas e o peso da pena dos zoilos¹⁶, que insatisfeitos com aquela sua faceta literária fizeram duras ressalvas ao seu projeto. O romance toma a figura de Manoel de Freitas, um proprietário de terras em declínio, que com o advento da seca, perde seus últimos recursos, sendo obrigado a retirar-se do seu torrão natal em busca da assistência do governo provincial. No percurso entre o sertão e a capital, que toma toda a primeira parte do livro, intitulada de *Êxodo*, inúmeros são os acontecimentos que se desdobram, fazendo com que cada capítulo seja posto como uma barreira vencida até a chegada à terra prometida, onde poderiam salvar-se do flagelo da fome. Malgrado o destino dos personagens, Fortaleza se revelaria mais próxima do inferno que do paraíso para os famintos. Não bastasse todas as adversidades passadas no percurso em direção a capital, Freitas e sua família experienciariam a degradação dos corpos humanos, evidenciada principalmente na terceira parte da obra, denominada de *Misérias*, motivadas pela necessidade da mendicância, da

¹⁶ Em referência a um dos livros do autor, *Os Meus Zoilos* (1924), no qual ele se dedica a responder uma série de críticas feitas a sua pessoa por seus opositores. De acordo com o dicionário online Michaelis, a palavra Zoilo significa “crítico parcial, corrosivo, incompetente, invejoso”. Cf.: < <https://michaelis.uol.com.br/>>.

exploração do trabalho, das doenças, principalmente da varíola. A segunda seção da obra, intitulada *Casa negraira*, evidencia o mau-caratismo, a ganância, o vício e todos os males que corrompem o espírito humano nos tempos de turbulências.

O romance *A fome* está alinhado àquilo que se convencionou chamar de “literatura das secas”, projeto literário que toma as secas que acometeram a região norte brasileira durante a segunda metade do século XIX como plano para o desenvolvimento da narrativa, sendo Teófilo considerado por Tristão de Ataíde como o precursor dessa temática na literatura, o que é reafirmado por Lira Neto, na introdução ao romance, na edição de 2002. Embora Teófilo tenha sido conhecido como divulgador do tema, firmando seu nome a partir dele, não se pode esquecer do romance *Os Retirantes*, publicado em 1879, escrito pelo jornalista José do Patrocínio, que viajou durante a *seca de 1877* ao Ceará, enviado pelo jornal *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, onde cobriu com detalhes aquele acontecimento. Em artigo intitulado *As imagens retirantes: a constituição da figurabilidade da seca pela literatura do final do século XIX e do início do século XX* (2016), Durval Muniz de Albuquerque Júnior evidencia a utilização de dois modelos narrativos que estruturam os romances que tratam sobre o tema das secas: a narrativa do êxodo e a narrativa da via sacra. Seriam eles, “dois modelos narrativos clássicos, presentes na cultura ocidental”, que, segundo o historiador, a historiografia sobre a seca do norte e nordeste não se dedicou a estudar. Ambas imagens

vão ser figuradas, inicialmente, e recorrentemente rerepresentadas na produção literária que se diz regionalista, sendo posteriormente apropriadas por outros gêneros narrativos e artísticos. Mesmo em permanente reelaboração e reinscrição, essas imagens retirantes, sobrevivem e retornam periodicamente nos discursos em torno desse fenômeno dito regional (ALBUQUERQUE JR, 2017, p.).

Inserindo a “literatura das secas” no projeto literário proposto por Franklin Távora de constituição de uma literatura do norte, Albuquerque Júnior mostra o caráter eminentemente político do projeto ao qual é inserido esses romances, pois se articulariam visando construir narrativamente a região (ALBUQUERQUE JR, 2016). Segundo Tristão de Ataíde, essas produções afirmam uma suposta identidade local trazendo nos enredos “seus traços próprios, sua linguagem característica, seus problemas típicos, suas paisagens e seus homens” (ATAÍDE, p. 183 apud MARCHESAN, 2017, p. 367).

O período no qual o livro é publicado está situado pela historiografia tradicional da literatura brasileira na escola Naturalista do final dos oitocentos. O ano de 1890 torna-se um marco para a crítica literária daquele momento devido a publicação de *O cortiço* (1890), de

Aluísio Azevedo, considerado o mais bem projetado romance com as características propostas pela escola naturalista. Essa escola se caracteriza pela pretensão de trazer ao texto literário a verificabilidade imposta às ciências naquele instante, transformando-os em cópias exatas da realidade experimentada, além de tornar evidente os pressupostos da fisiologia e da psicologia em seus personagens, justificando os comportamentos e ações com base nas modernas produções científicas daqueles anos, havendo entre os intelectuais do período a necessidade de educar os leitores através das narrativas literárias, uma vez que essas eram consideradas a principal forma de transmissão de informações científicas, ao lado das matérias de jornais. Nicolau Sevcenko afirma que

As décadas situadas em torno da transição dos séculos XIX e XX assinalaram mudanças drásticas em todos os setores da vida brasileira. Mudanças que foram registradas pela literatura, mas, sobretudo mudanças que se transformaram em literatura. Os fenômenos históricos se reproduziram no campo das letras, insinuando modos originais de observar, sentir, compreender, nomear e exprimir. [...] Fruto das transformações, dedicada a refletir sobre elas e exprimi-las de todo modo, essa literatura pretendia ainda mais alcançar o seu controle, fosse racional, artística ou politicamente (SEVCENKO, 1999, p. 237).

Tal passagem exprime o papel central da literatura naquele momento como um *locus* privilegiado de produção, leitura, inscrição, interpretação dos inúmeros acontecimentos que permearam aquele fim de século. De fato, como afirma a autora Erika Gonçalves de Mendonça (2020), o cientificismo não adentrou no país através da produção acadêmica científica, mas a partir do discurso literário. Foi por meio da literatura que as mais importantes ideias científicas daquele momento puderam se alojar no imaginário nacional, tornando-se quase uma espécie de senso comum. Rodolfo Teófilo tanto sabia disso, que inversamente aos companheiros de pena, como Émile Zola, que partiu da literatura para abordar o campo científico, trouxe sua bagagem de cientista para a feitura do texto literário, visando divulgar este conhecimento considerado o mais confiável e capaz de solucionar os problemas que aterrorizavam os corações daqueles que viviam naqueles anos (PINHEIRO, 2011).

Seus textos literários estão repletos de referências e noções científicas, sua linguagem e seu estilo são duramente criticados pelos excessos de cientificismo. Teófilo continuava a incorporar em seu texto elementos que o associavam ao romantismo, principalmente o nítido maniqueísmo, a luta do bem contra o mal presente em seus personagens e a construção de imagens que beiram o absurdo, se inserindo numa estética do horror, como, por exemplo, no capítulo em que uma criança é encontrada numa casa abandonada sendo consumida pelos morcegos que se alimentam de seu sangue, ou a cena considerada pelo autor como “um

[dos] drama [s] da fome”, em que Freitas encontra uma mulher ainda viva estirada sobre uma pedra numa postura de crucificada, aguardando inerte o ataque de urubus, que “alternando o canto pavoroso com pios agudos e longos, aproximam-se da vítima” e faz “o banquete começa[r]”. As aves disputavam àquele corpo “o melhor quinhão da presa”, que “sem formas para reagir, mas ainda com consciência para temer e sentir”, apenas olhava para o céu. Prosseguindo a descrição do evento, o narrador descreve os ataques nos olhos, no ventre, bem como a vida que aos poucos foge como a luz do dia cessa ao entardecer (THEOPHILO, 1890, p. 61-62, 71-72). Além disso, a própria necessidade de falar sobre o torrão natal, o Ceará, sobre seus sertões, sua gente, expressam elementos característicos do romantismo. Lembremos que havia sido neste movimento que o regional se tornou tema para a literatura, sendo considerado uma marca da identidade nacional brasileira, no entanto, os realistas pouco a pouco incorporaram esses elementos enfocando outras questões:

Foi um momento em que, sem o domínio do espaço do território, optou-se por um fundo de natureza exuberante para histórias envoltas em conflitos de paixões ambientadas no interior do país. O realismo organizou suas narrativas em torno de tipos, costumes e situações próprios do mundo rural, num cenário que não é mais a vastidão genérica dos românticos, mas paisagens regionais que vão constituindo o espaço típico da literatura regional. O que bem notamos na passagem do romantismo para o realismo no interior do ideário regionalista é que o homem do campo, sua personagem, que de início é objeto das narrativas, passará a ser sujeito (MARCHESAN, 2017, p. 368).

Antônio Candido (2000) afirmará que a sugestão de Franklin Távora aos intelectuais nortistas abriu caminho para uma produção que culmina no romance de 1930. Havendo, portanto, características que solidificam esta maneira de fabricar imagens por meio de palavras, como por exemplo,

o senso da terra, da paisagem que condiciona tão estreitamente a vida de toda a região; um “patriotismo regional, orgulhoso das guerras holandesas, do velho patriarcado açucareiro, das rebeliões nativistas”; e “a disposição polêmica de reivindicar a preeminência do Norte, reputado mais brasileiro (CANDIDO, 2000, p. 271-272 apud MORAES, 2020, p.57).

Parte dessa construção mítica, feita pela crítica especializada, da aderência pura de um escritor a uma determinada escola literária, baseando-se em um modelo a ser seguido pelos autores, relega qualquer texto que fosse mais ou menos comprometido com os ideais da ciência ao ostracismo. Neste caso, os romances modelares seriam aqueles publicados por Émile Zola, escritor francês considerado o precursor da estética naturalista na literatura. Marina Sena (2017), se vale das posições de Afrânio Coutinho (1968) para problematizar essa concepção que relega o texto literário, objeto da análise, ao segundo plano da crítica,

enfazando os “aspectos extratextuais, como a biografia do autor, para explicar a produção ficcional do mesmo” (COUTINHO, 1968 apud SENA, 2017, p. 11). Alia-se a esta prática, a “necessidade de encaixar a produção ficcional brasileira em um idealizado projeto de literatura nacional” (SENA, 2017, p. 12). No entanto, vários foram os momentos em que os críticos produziram objeções acirradíssimas às obras de Zola, questionando a própria aplicabilidade do projeto naturalista. Desse modo, partindo das “falhas” do escritor francês, o historiador brasileiro Nelson Werneck Sodré afirma que o lapso naturalista consiste na impossibilidade de reproduzir o real tal como é, bem como seu interesse desesperado em casos “particulares e patológicos, em detrimento de aspectos universais e gerais da sociedade” (SODRÉ, 1965 apud SENA, 2017, p. 29).

Dessa maneira, é interessante perceber que a literatura de Teófilo incorpora elementos de diversas tendências literárias, construindo uma modalidade de texto literário, que foi, muitas vezes, mal compreendido pelos críticos de sua época. Adolfo Caminha, por exemplo, chegou a dizer as seguintes palavras sobre a escrita do farmacêutico:

O que desde já vou afirmando é que o Sr. Teófilo pode ser um cidadão muitíssimo trabalhador, um ativíssimo fabricante de vinho de caju (o que o é), incansável mesmo nos labores de sua profissão, extremamente amorosa para com a sua terra natal, pode ter todas as qualidades de bom cidadão; mas em tempo algum conseguirá um lugar proeminente na literatura nacional. Falta-lhe certo *quid*, largueza de vistas, orientação e bom gosto, predicados indispensáveis a quem se aventura nesse terreno (CAMINHA, 1891 apud MORAES, 2020, p. 108).

Assim, é possível ter uma noção da recepção crítica que mereceu o romance *A fome* naquele momento. No entanto, a rispidez da pena do autor de *A normalista* (1893) não parou por aí. No mesmo texto, que foi publicado originalmente sob o pseudônimo de D' Egas na *Revista Moderna* no ano de 1891, Caminha continua com seu juízo:

Um assumpto como as secas do Ceará, digamos com franqueza, inteligentemente aproveitado por José de Alencar ou por Aluizio Azevedo, fosse como romance, fosse como simples narrativa dramática, daria, estou certo, páginas admiráveis de estilo e verdade. Enquanto o Sr. Teófilo, que é nortista, que sempre residiu em sua terra, que assistiu de *visu* todas aquelas cenas canibalescas e incríveis de miséria e de fome, não conseguiu dar senão páginas sem estilo, sem arte, sem verdade às vezes, e que dirá sem interesse, se a grandeza do assunto, a própria essência da obra não nos obrigasse a ler todo o livro, pondo de parte sua feição literária (CAMINHA, 1891 apud MORAES, 2020, p.109).

Além disso, critica duramente o linguajar científico presente no trabalho de Teófilo, afirmando que “quando o leitor quiser saber essas coisas, que afinal não podem ser compreendidos por toda a gente, vai à verdadeira fonte. Claude Bernard ensina isso maravilhosamente”. Ainda o aconselha a escrever “tratados de fisiologia e de ciências

naturais”, já que a “vocação” de Teófilo seria “a ciência pura” (CAMINHA, 1891 apud MORAES, 2020, p. 111). Conclui seu texto comparando a escrita de Teófilo com a de Zola:

Os romances de Zola, por exemplo, são verdadeiros documentos humanos, verdadeiros estudos sociais, encerrando muitas vezes problemas complicadíssimos de fisiologia e sociologia. Entretanto, Zola não perde tempo com largas e maçantes preleções científicas. Diz a coisa como ela é, como ela foi observada, como foi sentida e conforme a verdade científica. Escrever um romance não é somente acumular fatos inverossímeis e sem lógica. Foi-se o tempo do romance íntimo, escrito ao acaso, todo de imaginação (CAMINHA, 1891 apud MORAES, 2020, p. 111).

A crítica de Caminha ao texto de Teófilo direcionou uma certa visão acerca da escrita desse autor, fazendo com que parte dos juízos que vieram posteriormente se espelhassem na sua fala, para relegar o farmacêutico cearense à lata do lixo da literatura nacional. Com exceção dos seus conterrâneos, que segundo Adriana Moraes (2020) colocam Teófilo como um observador dos costumes, fazendo dele um “compilador da identidade cearense”, pouquíssimas foram as coisas ditas no último século pelos grandes nomes da crítica literária nacional sobre sua produção. A maioria dos autores preteriu seu estilo literário, enquadrando-o como um “regionalista antecessor do romance de 30”. É importante destacar que as palavras de Caminha mantiveram relativo impacto entre os estudiosos da literatura por anos, sendo reproduzidas pela maioria dos que lhe sucederam. Lucia Miguel Pereira em sua obra *História da Literatura Brasileira: Prosa de Ficção – de 1870 a 1920*, publicada na década de 1950, lhe dedica um pequeno espaço de quatro parágrafos, quase sem nenhum destaque, com o nome de Teófilo nem figurando no sumário. Miguel Pereira qualifica a obra como pedante, pois “o desejo de exibir conhecimentos científicos tornou o estilo, já de si empedrado e baço, comicamente desajeitado para a ficção, e privou suas personagens da fraca vitalidade que possuíam”. Diz ainda, que se “tivesse narrado com simplicidade os casos, por si mesmos dramáticos, que evocou, talvez houvesse logrado fazer uma obra interessante” (PEREIRA, 1957 apud MORAES, 2020. p. 52). Continua seu parecer, classificando os romances do cearense naquele momento como “ilegíveis”, questionando a fama do escritor alcançada na imprensa local, no momento da publicação da obra, associando sua imagem ao prestígio da *Padaria Espiritual*¹⁷, instituição literária na qual o farmacêutico ingressou na década de 1890. Dessa maneira, conclui Miguel Pereira afirmando que “em *A fome*, onde há uma ou outra cena bem feita, situações inteiramente falsas e romanescas deturpam o sentido da narrativa, [...] o estilo ainda é mais empolado do que nos outros

¹⁷ Instituição literária, surgida no ano de 1892, em Fortaleza, dedicada a produção e divulgação da literatura cearense. Cf.: CARDOSO, G. P.; PONTE, S. R. (Orgs.). *Padaria Espiritual: vários olhares*. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012. 183 p.

romances”. Continua a escritora, “a descrição dos retirantes é um modelo de mau gosto” (PEREIRA, 1957 apud MORAES, 2020. p. 52).

Nos últimos anos, surgiram novas perspectivas sobre a produção literária de Rodolfo Teófilo. Autores como o já citado Luiz Gonzaga Marchesan (2017), Júlio França (2015; 2017), Marina Sena (2017), Adriana Moraes (2020), Valéria Machado (2016), Charles Pinheiro (2011), entre outros, utilizaram-se dos escritos ficcionais do farmacêutico para desenvolverem análises que reorientam a história da literatura brasileira para outros domínios que não aqueles estabelecidos pelo cânone. De fato, podemos concordar com a opinião dos críticos acerca da presença de uma linguagem maçante que compromete a fluidez da leitura, mas jamais relegá-lo ao “ilegível” como faz Lúcia Miguel Pereira. Teófilo nos possibilita pensarmos outras maneiras de vislumbrar o fenômeno do Naturalismo no Brasil, uma vez que há em seus trabalhos uma mistura de elementos que se entrelaçam de maneira curiosa, produzindo uma outra forma literária, nem meramente romântica, nem totalmente naturalista, embora tome emprestado para sua forma elementos oriundos dessas duas escolas. Como mostra Marina Sena (2017) na sua dissertação de mestrado intitulada *O gótico-naturalismo na literatura brasileira oitocentista*, o naturalismo no país se fundiu com elementos de uma “visão de mundo gótica, que, em conjunto com o discurso estetizado e pretensamente científico (...), deram forma a uma nova poética surgida na virada do século, o Gótico-Naturalismo” (SENA, 2017, sem página). Não houve um distanciamento das intenções da produção naturalista, mas foram plasmados artifícios narrativos advindos de uma cultura de suspeição às mudanças experimentadas por aqueles anos do fim dos oitocentos (SENA, 2017, sem página).

Como filho do naturalismo em voga, é nítido a influência da ciência e de seus critérios de objetividade para a tessitura do trabalho. Em resposta às críticas feitas por Adolfo Caminha, o escritor-farmacêutico revela o seguinte sentimento:

De todas as injustiças que o Sr. Caminha faz a *Fome* a que mais me doeu e me revoltou mesmo foi a falta de verdade nas scenas que descrevo. Tenho consciência do contrario: percorri os abarracamentos, ouvi com grande atenção e piedade as narrativas dos infelizes famintos e assim julguei ter photographado no meu livro, não todos os episodios d’essa angustiosa epoca, porem os que julguei mais extraordinarios sob o ponto de vista das miserias humanas (THEOPHILO, R. *O pão*, n. 26, 15 de outubro de 1895, p. 4),

Sua intenção era, portanto, a de fixar com exatidão os eventos daquele período nas palavras contidas no seu texto. Além disso, a associação entre a narrativa literária e o gesto de fotografar evidencia sua pretensão de dar aos personagens e cenas de seu romance um

caráter fidedigno. Isso nos leva a refletir acerca do estatuto da imagem fotográfica naquele período, atravessada pela ilusão de objetividade e transparência, (con)fundindo-se com o real fixado. Dessa maneira, o fenômeno literário pretendido naturalista se faz verificável, assim como os fenômenos naturais. Descrever as experiências é a ambição desses romancistas. (MARCHESAN, 2017).

Mais além, segundo Moraes (2020), considerando a orientação tomada por Luiz Gonzaga Marchesan (2017) na análise da narrativa de Teófilo, diz que essa visão abre a possibilidade do entendimento acerca de elementos que sempre foram perceptíveis nos trabalhos ficcionais do cearense, mas que jamais foram compreendidos plenamente pela crítica, taxando-o de “escritor do mal-estar, da escatologia, da morbidez e do mau gosto”, como sugeriu Sérgio Ripardo, em texto da *FolhaOnline*¹⁸, ao evidenciar o modo como os contemporâneos de Teófilo viam os seus trabalhos. Marchesan afirma que a narrativa do farmacêutico-escritor toma como matéria os *fait divers*¹⁹ “voltada para o monstruoso, o catastrófico, o grotesco, com um senso de espetáculo permeado pela emoção” (MARCHESAN, 2017. p. 369), identificando na escrita do farmacêutico a mesma estratégia utilizada pelo escritor francês Victor Hugo para a fabricação de seus textos. Segundo Marchesan, ele escreveu seu romance nos “moldes românticos e de Victor Hugo, de quem Rodolfo Teófilo foi leitor confesso, de um lado, a bondade exacerbada; e de outro, a maldade fora de seus limites, num cenário de horror pavoroso(...)”. Dessa maneira, associa-se à figura do pretense naturalista, a figura de um romântico tardio o qual tensiona “o bem com o mal, momento em que, em meio a múltiplas peripécias, transparece a ambientação do mal, num cenário gótico, mórbido, em ruínas, de regiões reféns da seca” (MARCHESAN, 2017. p. 366).

Alinhados a perspectiva de Marchesan (2017), Júlio França (2017) e a já citada Marina Sena (2017) analisam o perfil gótico dos textos do escritor cearense, atentando para a exploração dos limites do humano, a narração detalhada das perversidades e transgressões morais dos personagens, as ações brutais minuciosamente colocadas no papel, que se associam aos termos científicos e a larga pretensão de documentar os acontecimentos evidenciando uma *estética do excesso*, que exprime sentimentos de desilusão diante da

18

¹⁹ Segundo Valéria Guimarães, “os *fait divers* podem ser definidos como relatos cotidianos sem grande importância que povoaram jornais e revistas (...) desde meados do século XIX com crimes sangrentos, tragédias da cidade e todo tipo de prodígio. Eram notícias narradas com recursos da ficção, algumas de teor muito sensacionalista (...)”. Cf.: GUIMARÃES, V. Apresentação – Mera espuma das ondas ou uma história cultural do crime. In: KALIFA, Dominique. A tinta e o sangue: narrativas sobre crimes e sociedade na Belle Époque. São Paulo: Editora UNESP, 2019. p. 9.

modernidade experimentada, bem como o descrédito dado ao humano em sua suposta bondade natural. De fato, todos esses elementos se fazem presentes nas histórias contadas pelo cearense. As metáforas corporais existentes, objeto de problematização deste trabalho, se abrem ao monstruoso e a disformidade, a linguagem tétrica é manipulada para mobilizar emoções e suscitar determinados comportamentos ligados ao asco e à repulsa (FRANÇA; SENA, 2017). Da mesma maneira, é possível abrir para outras perspectivas como a análise feita por Valéria Machado (2016), por exemplo, em sua tese de doutorado, com o objetivo de refletir sobre como a fome é elaborada em três narrativas literárias brasileiras produzidas em temporalidades distintas, tomando, justamente, o romance *A Fome* como o precursor de sua pesquisa, ao lado de *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos, além de *Homens e Caranguejos* (1967), de Josué de Castro.

Portanto, é possível encontrar em seus escritos as temáticas mais variadas, permitindo a produção de análises das mais inovadoras sobre a obra literária do farmacêutico. Seus romances e poemas jorram inúmeras imagens que formam determinado imaginário, que foi sendo atualizado acerca dos acontecimentos, corpos, costumes nortistas e posteriormente nordestinos. Dessa maneira, perceber *A Fome* (1890) como um arquivo de imagens, que se articulam com outros domínios na produção de um imaginário, é atentar para a importância dada à linguagem na construção da realidade, evidenciando seu caráter eminentemente político, atrelado às relações de poder. Não é cansativo lembrar que esta pesquisa toma o discurso literário como um construtor de mundos, destacando o caráter poético da língua para a fabricação de sujeitos e subjetividades. O trabalho com a literatura nos abre brechas para refletir sobre as emoções e os sentimentos que circularam naquele momento, possibilitando o entendimento da promoção de determinadas ações políticas em um contexto tão turbulento quanto aquele vivido pelo cearense. Crítico da modernidade experimentada pela elite do período, o farmacêutico trouxe para sua produção temas de delicado aspecto, mas que se faziam necessários visando a instauração de uma mudança cultural e social subordinada aos preceitos do cientificismo. Dedicou-se terminantemente à luta contra aquilo que julgava ser o impedimento para o desenvolvimento do Ceará, a favor dos ideais do progresso e de civilização advindos do continente europeu, mas não sem uma visão mórbida e duvidosa do caminho traçado. Para tanto, fez de sua escrita militante a carta que denunciava essas mazelas, instaurando significados sobre o real experimentado.

3. DISCURSOS QUE (CON)FUNDEM-SE: A PRESENÇA DA CIÊNCIA NO ROMANCE A FOME (1890)

O Museu do Ceará guarda algumas das principais relíquias sobre a história daquele estado. Entre elas, pode-se vislumbrar a cadeira e a escrivaninha utilizadas por Rodolfo Teófilo durante seus muitos anos de trabalho intelectual (PINHEIRO, 2011). Sentado ali, o farmacêutico-escritor dedicou-se a construir uma memória para si, bem como para o Ceará, capturando em meio ao grande rumor produzido pelo emaranhamento dos ditos de outrora, pequenínissimos fragmentos de falas, tecendo sua própria narrativa acerca dos acontecimentos que ocorreram naquele estado. Fez jorrar das experiências com a linguagem, o encantamento do sentido, fazendo circular um outro mundo, que já não seria mais aquele de antes. O dito pelo escritor transmutaria as coisas, metamorfoseando as formas estabelecidas, (de)formando-as, fazendo delas um acontecimento. Teófilo, farmacêutico de profissão, não poderia dedicar-se a tecer esse mundo sem levar em consideração a produção científica daquele momento, procurando entre os discursos técnicos as explicações racionais que viessem a proporcionar controle sobre o acaso dos eventos do real. Aquele espaço de estudos, sua pequena escrivaninha, era adornada por bustos de dois admiráveis cientistas, claramente inspirações para sua vida profissional e pessoal, os produtores de feitos revolucionários: Edward Jenner e Louis Pasteur (SOMBRA, 1997).

De fato, o século XIX se caracterizou por diversas modificações na vida prática dos homens e mulheres. O desenvolvimento de modernos meios de comunicação, como o telégrafo e o telefone; novos meios de transporte, como o trem à vapor e o automóvel modificaram a vida, notadamente, das elites. Aquele, é considerado como sendo o século da eletricidade, devido ao desenvolvimento da luz elétrica. No campo da política pode-se presenciar a emergência dos modelos de regime e gestão ligados ao liberalismo burguês, especialmente à ascensão da democracia nos Estados europeus e o desenvolvimento de correntes do pensamento socialista e anárquico defendendo um outro modelo de Estado. Nos países americanos, a maioria, seja por guerra ou acordos políticos, conquistaram suas independências. O colonialismo se vestiu de uma nova roupagem adquirindo uma outra cara sob a explicação científica da superioridade da raça europeia, potencializando sua capacidade de subordinar e explorar os corpos asiáticos e africanos com impactos

irreversíveis para os respectivos continentes (NAZARIO, 2017). É nesse conjunto de transformações que a literatura se inscreve, ganhando determinada forma. No entanto, é interessante pensarmos que não apenas a literatura ganha forma, mas ela produz formas para esse mundo em emergência, ao atribuir sentidos às coisas. Temas que outrora passavam despercebidos para os escritores, tornaram-se evidências e, com base nas investidas científicas para explicar determinados “problemas”, foram postos como objeto desse emergente modelo literário que privilegiava a realidade em todos os seus ângulos.

Tal empreitada visava fazer daquele jogo de palavras, daquela experiência de linguagem, como diz Michel Foucault sobre a literatura (FOUCAULT, 2016), o retrato da realidade social vivenciada pelos escritores. No entanto, é importante frisarmos, que o chamado realismo não se revela como uma escola única que emergiu em determinado momento histórico e fez suceder outras maneiras de apresentar o mundo, mas como “uma cena enunciativa que se (re) atualiza a cada vez que é retomada em outros momentos e espaços de enunciação” (MACHADO, 2016, p. 35). Neste sentido, tomamos a cena naturalista como um modo de abordar a realidade, como a tentativa de conjugar os preceitos literários com as regras da ciência. A literatura responderia não apenas como uma maneira de tecer linguisticamente um mundo, reduzindo a multiplicidade das formas existentes à unidade do signo, enquadrando o real parcialmente, mas também como veículo de divulgação dessa imagem, maneira de promover a ciência como conhecimento legítimo e confiável. A abordagem naturalista da literatura teria forte teor pedagógico, ampliando os domínios do conhecimento científico para além das instituições acadêmicas. No Brasil, por exemplo, com a limitação de acesso aos espaços de produção da ciência no país, a divulgação para o grande público ficaria restrita aos jornais diários, que muitas vezes abordavam a matéria científica com forte teor sensacionalista. Dessa maneira, escritores que se alinhavam aos parâmetros europeus de civilização, se dedicavam a (re) produzir o que havia de mais inovador na ficção literária do momento. Nesse sentido, a literatura naturalista aparecia na história como o mais evoluído estilo de produção literária superando os idealismos e a metafísica presente no modelo romântico.

O meio e a hereditariedade apareciam nesse campo literário como chaves de explicação para as relações humanas, tomando como base epistemológica o modelo científico positivista a partir das formulações de Augusto Comte, baseando-se na observação empírica. Havia a compreensão de que os fenômenos socioculturais deveriam ser estudados da mesma maneira que se estudava os fenômenos da natureza, visando desvelar o conjunto de leis que os punha em movimento, através da análise de suas causas e efeitos. Tal

empreitada se posicionava contra os espiritualismos e a favor de princípios materialistas do mundo, sendo o método científico “senão o único, o melhor para solucionar os problemas humanos” (CUNHA, 2017, p. 40). O século XIX esteve embebido de crenças como a do progresso contínuo das civilizações humanas, tomando a racionalidade como a esperança para um bem viver. O Conde Saint-Simon (1760 – 1825) afirmava que a tendência vista entre os pensadores desde o século XV foi de tomar o pensamento a partir da observação e pô-lo em discussão. Com isso, o autor tenta construir uma memória evolutiva do conhecimento científico desde o Renascimento, estabelecendo um progresso evolutivo deste modelo de explicar o mundo. Na obra intitulada *Memória sobre a ciência do homem* (1813-1816), defende a necessidade de positivar as ciências particulares, visando produzir uma ciência geral positiva²⁰ (CUNHA, 2017).

Entre as ideias mais influentes no meio intelectual cearense daquele momento, estava o pensamento de Augusto Comte, que figurava como uma das principais formas de pensar desde pelo menos a década de 1870, com o aparecimento da Academia Francesa²¹ na cidade de Fortaleza (PINHEIRO, 2011). Em seu *Curso de Filosofia Positiva*, Comte afirmava a necessidade do positivista “encarar as teorias [...] como se tivessem por objeto a coordenação dos fatos observados” (COMTE, 1830-1843, p. 19-20 apud CUNHA, 2017, p. 41). Esse modo de compreender o mundo, estaria ligado estreitamente ao “terceiro e último estado da filosofia geral”, superando a metafísica, na escala evolutiva da cultura (CUNHA, 2017, p. 41). O filósofo francês defendia que a ciência positiva deveria procurar “as leis efetivas, quer dizer, suas relações invariáveis de sucessão e semelhança”. Ao cientista caberia a necessidade de estabelecer ligações “entre os diversos fenômenos particulares e certos fatos gerais” (COMTE, 1830-1843, p. 20 apud CUNHA, 2017, p. 41). A ciência teria a missão de descobrir as leis imutáveis que habitariam a natureza, bem como a sua atuação, buscando sua unidade. A ciência objetivaria submeter a natureza ao domínio do homem. Tais ideias valiam para as ciências específicas, mais ainda para a “ciência universal”, a “sociologia positiva, fundamento de toda reforma e aprimoramento humano e modo de superação definitivo dos “estádios” anteriores da cultura (o teológico e o metafísico)” (CUNHA, 2017, p. 41).

²⁰ Segundo Cunha, desde Leibniz o termo positivo tem como referência àquilo que estaria na ordem da observação, uma coisa que poderia ser reconhecida imediatamente, se revelando como um fato, uma realidade que existe de modo inegável (CUNHA, 2017, p. 41).

²¹ Segundo Charles Pinheiro, a Academia Francesa (1872-1875) emerge como uma reação ao romantismo existente no Ceará naquele período, intelectuais como Tomás Pompeu (1852-1929), Capistrano de Abreu (1853-1927) e Araripe Júnior (1848-1911) entre outros, todos contemporâneos de Teófilo, faziam parte desse grupo, que pretendia discutir as investidas do pensamento político, literário e filosófico daquele momento (PINHEIRO, 2011, p. 41-42).

Outrossim, a grande preocupação de Comte recaía sobre a Humanidade, considerada a instância universal que permitiria a vida social, material, intelectual e moral dos indivíduos. Nesse sentido, emergiria como substituto do Deus cristão dando “positividade” à sociedade (CUNHA, 2017). Para o filósofo francês seria “(...) a teoria da ordem e do progresso, as únicas capazes de nos preservar, uma do arbitrário, outra do absoluto [...] nenhum grande progresso pode efetivamente se realizar se não tende, enfim, para evidente consolidação da ordem” (COMTE, 1830-1843, p. 1-4 apud CUNHA, 2017, p. 45). A partir dessas posições, o estudo da sociedade deveria ser auxiliado pela biologia e a fisiologia, na busca das leis da vida social, impedindo sua “tendência à dissolução” (CUNHA, 2017). A fisiologia, ciência desenvolvida no decorrer do século XIX e que ganhou enorme importância nas áreas médicas tornou-se chave para os diversos trabalhos que visavam a análise do “corpo social”. O já citado Conde de Saint-Simon, publicou em 1813 um livro denominado *Da fisiologia social*, que pensava a fisiologia não apenas como uma ciência que diria

respeito ao funcionamento interno e individual de processos físicos e químicos. Pensada socialmente, ela estuda a vitalidade das culturas e das civilizações, aquilo que contribui ou para desenvolvê-las e aprimorá-las, ou, ao contrário, estancá-las, perturbá-las e destruí-las” (CUNHA, 2017, p. 41).

Haveria interdependência e finalidades nos movimentos das sociedades, cabendo, portanto, a fisiologia social compreender o entrelaçamento dos seus aspectos econômicos, sociais, políticos, morais e artísticos (CUNHA, 2017).

No romance *A fome*, escrito por Rodolfo Teófilo, a presença de tais formulações podem ser observadas quando se fala sobre a política cearense e o desenrolar das ações praticadas pelo governo provincial. Teófilo dedica um capítulo inteiro para narrar o contexto político em que ocorreu a grave crise social que acometeu o Ceará entre os anos de 1877 e 1880, a chamada *Grande Seca*, evento histórico que serviu de cenário para a produção de sua narrativa literária. Naquele momento, quem comandava o país era o gabinete Conservador, mantendo como seu representante naquela província a figura do Conselheiro Aguiar, que quando ascendeu à presidência da província, Fortaleza, sua capital, já contava com cerca de 43 mil migrantes. O presidente é descrito pelo autor como um homem que tinha idade avançada, possuidor de “padecimentos físicos” que “traziam-lhe sérios embaraços á gestão dos negocios públicos” (THEOPHILO, 1890, p. 224). Aqui podemos observar a relação posta entre a desordem social e a desordem orgânica, o presidente por ser um homem com determinados problemas relacionados a sua saúde, não conseguira ter forças

suficientes para devolver a ordem moral e social àquele espaço. As medidas tomadas pelo presidente em sua administração confirmariam as teses de Teófilo:

Em sua estreia faleceu-lhe o tino administrativo e não cuidou de palpar com suas próprias mãos a chaga aberta na grande população faminta, e cauterisou-a com resolução enérgica. Isolou-se em seu palácio e assim pretendeu vêr pelos olhos de seus informantes, muitos d'elles apaixonados e embusteiros, a miséria que devastava infrene as populações emigradas dos sertões (THEOPHILO, 1890, p. 225).

Nessa passagem, pode-se perceber a utilização de metáforas que muito se relacionam com a área médica, como “falecer”, “chaga” e “cauterizar”, indicando a necessidade de haver um projeto que se assemelhasse àquele das ciências médicas, visando promover uma cura dos problemas que acometiam esse corpo social. Da mesma maneira, em outro momento, diz o seguinte: “(...) actualmente o vicio contamina tudo! Os maus penetram no recinto das habitações honestas; quanto mais no descampado, onde nem ao menos humildes palhas constituem a propriedade, o asylo inviolavel de família” (THEOPHILO, 1890, p. 374). O uso da palavra “contamina” e “vicio” para referir-se à presença dos desarranjos sociais relacionados a questões de ordem moral, indiciam a presença de uma interpretação fisiológica da sociedade.

Segundo Newton Cunha (2017), a obra que mais inspirou os escritores naturalistas franceses fora o *Introdução ao Estudo da Medicina Experimental* (1865), do médico e importante nome da fisiologia francesa, Claude Bernard. Para o fisiologista francês, o método experimental conduziria ao conhecimento da vida física. A partir de suas formulações, o mestre da escola naturalista francesa, Émile Zola, escreve *O romance experimental* (1880), afirmando que o método experimental conseguiria conduzir ao conhecimento do lado passional e intelectual dos indivíduos: “é apenas uma questão de graus sobre a mesma via, da química à fisiologia, depois da fisiologia à antropologia e à sociologia” (ZOLA, sem pág., apud CUNHA, 2017, p. 42). Para Zola,

o romance experimental é uma consequência da evolução científica do século, ele continuaria e completaria a fisiologia; ele substitui o estudo do homem abstrato, do homem metafísico pelo estudo do homem natural submetido às leis fisico-químicas e determinado pelas influencias do meio (...). O homem metafísico está morto, todo o nosso terreno se transforma com o homem fisiológico. (...) o método experimental, tanto nas letras quanto nas ciências, está em vias de determinar os fenômenos naturais, individuais e sociais, dos quais a metafísica não havia dado até aqui senão explicações irracionais e sobrenaturais (ZOLA apud CUNHA, 2017, p. 43).

De fato, a fisiologia torna-se durante o século XIX uma ciência de grande destaque. Claude Bernard carrega consigo o título de um dos principais nomes desse campo de estudos, considerando a fisiologia como a ciência mestra dos fenômenos da vida. Na tese de doutorado intitulada *Um programa de “sciencia do Brazil”: a inserção da fisiologia experimental na agenda científica brasileira em fins do século XIX (1880-1889)*, a historiadora brasileira Ana Carolina Gomes, aponta que durante o século XIX ela poderia ser entendida

como a parte da biologia que estudava “os corpos organizados no estado dinâmico”, isto é, vivos (...) e tem por objetivo e objeto os conhecimentos das ações ou fenômenos que eles [os corpos vivos] manifestam, bem como a relação existente entre essas ações e as partes do organismo que as realizam (GOMES, 2009, p. 23 e 24).

Dessa maneira, seria nesse século que a fisiologia ganharia destaque, tornando-se independente da anatomia clássica. Considerada uma ciência submetida às leis da física e da química, a fisiologia se dedicaria a estudar os movimentos e funções físico-químicas que ocorreriam no organismo humano. Com isso, não poderia deixar de ser uma referência para os escritores naturalistas.

Em *A fome*, Teófilo expõe o seu conhecimento acerca da fisiologia. Na passagem em que o personagem Freitas e seus escravos estão escavando uma cacimba visando a busca de água, as reações de esforço e cansaço causadas pelo movimento de escavação se fazem presentes a partir da exposição do que convencionaria a ser chamado de sistema respiratório:

Duas horas depois d’aquelle trabalho arduo e penoso retarda-se o compasso dos ferros contra o sólo, a respiração dos trabalhadores torna-se mais curta e ofegante, a amalgama de suor e pó, que cobria-lhes a pelle núa como uma camada de verniz, corre arrastada por uma onda mais abundante, que se extravasa dos póros e agua não aparece! O calor do sol, o caçação extenua-os. Os gazes rejeitados pelos pulmões escaldam-lhes as narinas, como se sahissem de uma caldeira a ferver.”. (THEOPHILO, 1890. p. 06)

Aqui, é importante ressaltar que desde o século XVIII estudos foram desenvolvidos evidenciando a importância das reações químicas para explicar a existência da vida. Em um deles, o escocês Joseph Black descobriu a impossibilidade de respirar aquilo que ele chamou de “ar fixo”, o dióxido de carbono. No entanto, foi o francês Antoine-Laurent de Lavoisier, quem expôs a mobilidade dos gases nos pulmões, comparando o processo de respiração com o de combustão, onde era possível perceber que o gás inalado, o oxigênio, se convertia no dióxido de carbono, que era expirado. Dessa maneira, o químico estabeleceu que o oxigênio

seria indispensável à existência do corpo, fator determinante para a possibilidade de manutenção da vida no corpo-máquina (PORTER; VIGARELLO, 2012. p. 473).

Segundo Gomes, a partir desse período é possível perceber em autores como François Broussais (1772-1838), por exemplo, uma guinada fisiológica na medicina, modificando epistemologicamente as compreensões de saúde e doença. A medicina fisiológica se dedicava a observar “a vida dos (nos) órgãos (em movimento) e os agentes que os influenciam, os pontos de perturbação fisiológica na doença” (GOMES, 2009, p. 24). Do mesmo modo, Claude Bernard fala em uma medicina experimental, na qual a fisiologia serviria como base para os estudos médicos devido ao seu nível de comprometimento com o método experimental da prática em laboratórios. Ela não seria meramente movida pela observação, contabilizando como uma de suas características a incorporação de um método que tornasse a investigação mais precisa, muito mais objetiva, àquele proporcionado pelo método gráfico, estabelecendo um modelo próprio de pesquisa (GOMES, 2009).

Em outro momento, ao descrever a cena na qual o personagem Edmundo havia sido covardemente envenenado pelo personagem Simeão de Arruda, pode-se perceber a descrição fisiológica da reação promovida pelo veneno naquele rapaz. A fisiologia fazia-se presente na tentativa de apresentar as relações entre a cor da pele e o fraco trabalho da circulação sanguínea, a comunicação dos intestinos com o sistema nervoso e as partes do cérebro, a dificuldade em respirar corretamente, sem falar na aflição que tudo isso causava naquele corpo:

O olhar havia-se amortecido de todo e pálpebras cerradas esperava a morte como termo á agonia que prostava. Suas feições descompostas, quase cadavéricas, tinham uma côr lívida; uma manifesta cyanose azulava-as, devido ao trabalho circulatório, que era imperfeito. Aquelle organismo forte e vigoroso cahia n'uma profunda atonia. Elle achou-se pela primeira vez na vida em um meio onde o equilibrio dos corpos era instavel, sujeito a movimentos alternos de ascensão e descida, e d'ahi as perturbações nas funções orgânicas. A vida animal tambem sofria. A circulação do cerebro não era regular; a sua perturbação causava desordem que se observava nas vísceras, cujos nervos estão em comunicação mais directa com o encephalo. (...) De todos os póros do corpo exsudava um suor gelado que esfriava-lhe a pelle; as extremidades estavam álgidas; a respiração era curta; o pulso pequeno e fraco, e de quando em vez vinha uma vertigem, como um aviso de que a onda sanguinea que subia, era insufficiente para alimentar a circulação do cerebro. O estomago, que até então não tinha sido influenciado pelo encephalo, veio aumentar os padecimentos causados por aquelle estado mórbido. (...) O mundo a andar-lhe á roda, o coração a bater um rythmo, a preguiça pulmonar, tudo isso era menos, era suportável, á vista da angustia que sentia no estomago, angustia que se manifestava, não por vômitos, mas por um estado nauseoso, afflictivo e desalentador. (THEOPHILO, 1890, p. 271 - 272)

Aqui percebemos a presença de alguns pressupostos explorados pelos estudiosos dessa área de conhecimento. Para Broussais haveria uma certa continuidade entre o estado normal e o

patológico, eles não seriam coisas distintas, a doença emergia pelo desvio das funções que deveriam seguir o curso normal. Dessa maneira, as mudanças eram de ordem quantitativas, seja de falta ou excesso, prejudicando a manutenção do estado saudável (GOMES, 2009). Com isso, no fragmento citado, pode-se perceber a partir dos vocábulos “amortecido”, “imperfeito”, “instável”, “perturbação”, “insuficiente”, “pequeno”, “fraco” e “preguiça” a presença das indicações quantitativas para observar as funções orgânicas, sendo a principal função da fisiologia a busca pelo controle dessas alterações.

A fisiologia abria caminho para a análise das carnes em movimento, em seu estado vivo, uma espécie de anatomia animada, diferindo-se, assim, da ciência anatômica, que pretendia estudar as carnes em seu “estado estático” (GOMES, 2009, p. 24). Mesmo sendo praticada há milênios, desde pelo menos o século XV, a anatomia vinha carregada de mudanças que lhe reorientavam no interior da ordem dos saberes, culminando em fins do século XVIII com o desenvolvimento da anatomia patológica, que influenciada pela história natural, visava classificar as doenças de acordo com suas classes, espécies e variedades, concebendo-as como “entidades reais governadas por leis naturais”. Para a anatomia patológica “as doenças residiam em órgãos específicos, que os sistemas das doenças correspondiam a lesões anatômicas, e que as mudanças orgânicas patológicas eram responsáveis pelas manifestações das doenças” (PORTER; VIGARELLO, 2012, p. 485). Privilegiava-se o estado qualitativo dos órgãos e tecidos. Esse saber centrava seu método de estudos na observação, estabelecendo os sentidos da visão, mas também o do tato, como aberturas para o conhecimento seguro sobre o mundo. A emergência das dissecações, ainda nos séculos XIV e XV, indicaram uma mudança epistemológica em curso no qual o saber sobre algo, para haver determinada confiabilidade, deveria vir acompanhado do “testemunho dos sentidos”, nesse caso, o tato e a visão seriam as portas pelas quais o contato faria imprimir no pensamento a coisa com suas características, aquilo que definiria o ente. Autores como André Vesálio (1514-1564) e Berengário da Carpi (1460-1530) afirmavam a importância da ideia de uma “anatomia sensibilis”, sustentada pela noção de “prova”, no qual o conhecimento seria produto das estruturas perceptíveis pelos sentidos. Com isso, “os sentidos constituem a pedra fundamental de toque do conhecimento anatômico, empírico e qualitativo, descobrindo formas, cores, texturas, consistências e temperaturas” (MANDRESSI, 2012, p. 425). Segundo Mandressi, as dissecações humanas saltavam das profundezas da história depois de mais de um milênio, quando os relatos galênicos sobre a anatomia dos animais, especialmente dos macacos, já não eram suficientes para explicar a corporeidade humana. Haveria então, a necessidade de abrir os corpos, de caminhar em

direção às suas carnes para melhor conhecê-las e, assim, discerni-las através dos sentidos, intervindo nelas e ordenando-as em “partes”²² (MANDRESSI, 2012). Contudo, no século XIX, cientistas influentes, como Bernard, apresentavam a anatomia como uma ciência passiva, reduzindo-a a constatação dos fenômenos, sem conseguir explicar a sua constituição (GOMES, 2009).

Igualmente, a atuação dos microrganismos como causadores de certas doenças faz-se presente nas páginas de *A fome* (1890). Como já citado no início deste capítulo, Rodolfo Teófilo sentia uma forte admiração por Edward Jenner (1749-1823) e Louis Pasteur (1822-1895): o primeiro, desenvolvedor da vacina animal antivariólica; o segundo, um dos principais nomes da chamada teoria microbiológica das doenças. Ambos eram produtores de feitos revolucionários que auxiliavam com explicações tanto para a causa das doenças, quanto para combatê-las. De fato, Teófilo vivenciou a recepção da produção de Pasteur na Bahia quando foi estudante do curso de farmácia na Faculdade de Ciências Médicas da Bahia. Na época, havia um intenso debate acerca da entrada dessas ideias não só naquela província, mas também no país, uma vez que a concepção mais difundida sobre a origem das doenças era a miasmática. A teoria dos miasmas tinha

a concepção segundo a qual a doença se difunde tipicamente não por contato pessoal, mas por meio das emanções que se desprendem do meio ambiente. (...) era plausível sugerir que a doença residisse nas exalações atmosféricas envenenadas que se desprendiam das carcaças em putrefação, dos alimentos estragados e dos excrementos, dos solos embebidos de água poluída, dos restos de legumes que apodreciam e de outras sujeiras nos arredores (PORTER; VIGARELLO, 2012, p.483).

Já as ideias de Pasteur sustentavam que “seres infinitamente pequenos” seriam os verdadeiros causadores das doenças. Com esse cientista, inaugura-se “um novo paradigma científico” o qual relacionava “os micro-organismos vivos às transformações químico-biológicas em determinados materiais orgânicos, assim como, posteriormente, à gênese de algumas doenças” (MALAQUIAS, 2016, p.737).

Uma das principais propagadoras do pensamento da microbiologia no Brasil foi a *Gazeta Médica da Bahia*, revista científica fundada por médicos brasileiros e estrangeiros radicados em Salvador, no ano de 1864. Defendendo uma medicina social, o periódico

²² Mandressi (2012) salienta a importância do conceito de “parte” para a anatomia, pois traduziria a fragmentação que é a imagem central do projeto anatômico. André Du Lariens (1558-1609) diz que o conhecimento anatômico não trataria do “corpo interior e contínuo, mas dividido em partes e membros” (DU LAURENS, 1600, p. 53 apud MANDRESSI, 2012, p. 434), sendo a noção de “parte”, tal como proposta por Jean Fernel (1497- 1558), segundo a qual “é um elemento aderindo ao seu todo, usufruindo de uma vida comum com este, e feito para sua ação e seu uso” (FERNEL, 1554, p. 234 apud MANDRESSI, 2012, p. 434), como a melhor desenvolvida até então.

divulgava os conhecimentos científicos mais recentes, visando produzir um direcionamento na tomada das decisões sobre as políticas públicas do momento. Além disso, afirmavam a necessidade do método experimental para a produção da ciência brasileira, bem como lutavam a favor da reforma do ensino superior no país. É importante salientar, que, no Brasil, a recepção dessas ideias não se deu de forma passiva. Os cientistas, cada qual a partir dos meios que lhes eram acessíveis, procuravam adequar ou acrescentar ao pensamento europeu nascente às suas demandas (re)formulando-o. O contato com as ideias e o diálogo entre os pares se davam através da “troca de correspondência, leitura e tradução de bibliografias e periódicos europeus, da participação em eventos, comissões e viagens de estudo, além de encontros e congressos científicos” (MALAQUIAS, 2016, p. 738). A teoria dos germes foi pouco a pouco adentrando aos espaços mais diversos da sociedade, proporcionando transformações jurídicas, gestuais, de vocabulário, de vestimentas e da arquitetura do ambiente hospitalar (PORTOCARRERO, 1991, p. 69 apud MALAQUIAS, 2016, p. 737).

Não obstante, é interessante pensarmos como as teorias dos germens e a teoria miasmática entrelaçavam-se naquele momento de intensa modificação nas concepções de saúde e doença, impactando a fabricação de projetos políticos que visavam reordenar o corpo social. Havia uma preocupação constante com o cheiro exalado pelos lugares. O olfato tornava-se um sentido fundamental para a percepção dos espaços propagadores de moléstias. Como afirma, Dina Czeresni (1997), os odores como critério para a emergência das epidemias perduraram durante milênios, até o firmamento do conceito de transmissão, que baseado no sentido da visão, procurava adentrar nas profundezas dos corpos em busca de lesões e causas que justificassem a contaminação. No romance, Teófilo em diversas passagens utiliza-se do termo “atmosphera” para referir-se ao ar exalado pelos ambientes. Em alguns momentos, sempre acompanhado de adjetivos, como “pôdre”, “deleteria”, o ar torna-se a substância corrompida na qual a doença está situada. Nos seguintes relatos é possível identificarmos os entrelaçamentos entre essas abordagens, o primeiro refere-se ao carbúnculo bovino; o segundo, estaria ligado à epidemia de varíola na cidade de Fortaleza e o terceiro, ao clima da Amazônia e seus efeitos para a saúde:

A atmosfera que enchia os campos era deleteria e pôdre. Freitas lutou até ser de todo vencido. Não foi a fome que o desarmou, foi a peste. Epizootias de diversas naturezas se desenvolveram e faziam diariamente centenas de victimas. O microbio da pústula maligna, o *bacillus anthracis*, reproduzia-se de uma maneira assombrosa. Aqueles ínfimos seres geravam-se á custa do calor e da podridão (THEOPHILO, 1890, p. 10).

A atmospherá da cidade cada vez mais se infeccionava, pois, pedaços de carne pôdre e pús, não encontrando logar onde ficassem depositados, cahiam dos cadáveres nos passeios das casas e calçamento das ruas. (...) Era a legião dos infusorios em numero de muitos milhares de bilhões que se havia rebellado e, disseminada na atmospherá, levava a morte á tenda do homem (THEOPHILO, 1890, p. 334).

O costume, que a tudo dobra, em pouco tempo amoldou Ignacio áquelles hábitos. Mas ás intemperies, ao veneno palustre emanado dos vegetaes que apodreciam ao sol á margem dos rios e nos alagados, se habituaría tambem? (THEOPHILO, 1890, p. 450).

Ao mesmo tempo em que se reconhece o micróbio como o desenvolvedor da doença, coloca o ambiente pútrido como seu propagador. Um ambiente deteriorado, no qual se exalam ares nocivos, sempre caracterizado por um cheiro fétido, seria o responsável pelo contágio, deixando de enfatizar o potencial humano de fazer circular os micro-organismos que corromperiam a saúde.

Foi dessa maneira que muitas vezes o farmacêutico-escritor tratou da profusão das doenças em *A Fome (1890)*. Concomitante, inúmeras vezes a temática dos fenômenos patológicos que mais afligiam as populações destroçadas pelos efeitos da seca apareceu no escrito, sempre movido pelo seu ideal científico, dedicando-se a explanar detalhadamente as consequências das moléstias no organismo humano. A falta de saneamento básico, a alimentação precária, entre outras questões proporcionavam a proliferação desenfreada de micro-organismos que encontravam nas carnes humanas o espaço de sua conservação. Bactérias, vírus, fungos e protozoários se difundiam em meio ao desordenamento e a precariedade dos meios de vida daquelas pessoas. Os temíveis “micróbios” tornam-se protagonistas de partes importantes dessa história, especificadamente: aqueles da varíola²³ e da febre tifoide. Utilizando-se de expressões como, no caso da varíola, “nova época de dor” e “mais uma pagina no livro negro de seus infortunios” (THEOPHILO, 1890, p. 331), o autor visava evidenciar o caráter contristador desses acontecimentos, os efeitos dramáticos ao qual eram submetidas as corporeidades humanas. À varíola, uma das doenças mais temidas do mundo naquele momento, pois atingia todos os estratos sociais, sem distinção de cor, gênero e classe (VIGARELLO, 2002, p. 13), foi dada uma centralidade em sua narrativa e ações, pois durante o ano de 1878 a doença assolou ferozmente a província do Ceará, acometendo mais de 80 mil indivíduos só em Fortaleza e nos seus subúrbios, matando mais de 56 mil pessoas (THEOPHILO, 1922, p. 237 e 245). Os primeiros casos se deram por

²³ Segundo Letícia Lustosa Martins, “a varíola era uma doença aguda, causada por um vírus chamado de *poxvirus varioloe* da família dos *ortopoxvirus*” (MARTINS, 2012, p.35). O último caso da doença no mundo foi registrado em 1977, sendo declarada erradicada em 1980 pela OMS.

volta de agosto do mesmo ano, tendo o mês de setembro apresentado a contaminação de mais de 250 pessoas, dos quais 45 sucumbiram à doença. No mês de outubro a cidade já estava ilhada pelo vírus, que afligiu principalmente os abarracados (THEOPHILO, 1922, p. 221 -223).

Empregando aquilo que Susan Sontag em seu clássico ensaio *A doença como metáfora* (1984) nomeou de metáforas topográficas, centradas nas ideias de invasão, corrupção e corrosão, o autor constrói a sua explicação para a intromissão do vírus naquele espaço social, compreendido como um grande corpo, organismo que necessitava ser tratado e cuidado visando uma vida plena, duradoura e longe das doenças que o corrói, que sofre um “ataque (...) súbito e terrível” (THEOPHILO, 1890, p. 331). Privilegiando os tropos que se referem ao discurso bélico-militar, o vírus é visto como um inimigo a ser extirpado:

A variola acampou-se traiçoeiramente em derredor da cidade da Fortaleza e esperou o momento oportuno de dar o assalto (...) viera do sul pela estrada que liga o Aracaty á Fortaleza. Deu-se o ataque. Cahiam feridos ao primeiro encontro ás dezenas, depois ás centenas, depois aos milhares (THEOPHILO, 1890, p. 331 e 332).

Como um “inimigo” acampado, “esperando o instante de dar combate” (THEOPHILO, 1890, p. 332) o vírus é compreendido como um mal que corrói o ser humano, estando num plano distinto dele, num espaço radicalmente diferente, com o qual a natureza do homem não poderia conviver pacificamente: “os infinitamente pequenos (...) se levantavam das trevas onde jaziam despercebidos pela pequenez e atacavam os organismos superiores e os destruíam!” (THEOPHILO, 1890, p. 335). As armas para o combate estavam postas há bastante tempo: desde o fim do século XVIII, quando o médico inglês Edward Jenner, inventou a vacina antivariólica. Sua produção se dava através do exemplar bovino do vírus (*cow-pox*), embora a varíola, enquanto uma doença dessa maneira denominada, só existisse em indivíduos humanos (MARTINS, 2012). Após coleta do material extraído das lesões dos bovinos, inoculavam no humano, fazendo-se reproduzir reações próprias da enfermidade, mas muito mais brandas. Assim, retirava-se dele novos excrementos, a “linfa” ou “pús”, produzindo outras imunizações (SOUSA, 2011) No entanto, poucos eram aqueles organismos protegidos. Havia um mau entendimento acerca de sua eficácia, a “repugnância” era disseminada entre os abarracados e a população em geral, “quasi todos fugiam espavoridos dizendo a uma voz: - Deus nos livre de metter a peste no corpo!” (THEOPHILO, 1890, p. 332).

O autor narra detalhadamente as condições que possibilitaram abrir “mais o campo ao inimigo”. Segundo Teófilo, Fortaleza naquele momento tinha elementos propícios para a proliferação do “micróbio”, entre eles “a elevação da temperatura a 33° centígrados, a falta da vaccina, o nenhum asseio nas habitações, a aglomeração de emigrantes nos abarracamentos” (THEOPHILO, 1890, p. 332). Isso deu margem para que “o inimigo atac[asse] de um modo terrível e violento! A variola se incubou de uma só vez em todos os organismos não preservados pela vaccina” (THEOPHILO, 1890, p. 335). Naquelas condições o contágio se dava inevitável. A peste, sem respeitar nada, invadia “desde a palhoça do retirante até o palácio do presidente da província” (THEOPHILO, 1890, p. 334). Utilizaram-se de algumas medidas que pouco surtiam efeitos, mas tardava a contaminação que crescia entre o final de novembro e início de dezembro de maneira vertiginosa: as pessoas isolavam-se em suas casas, saíam apenas para comprarem algo de importante, comida ou remédio, e durante à noite queimavam alcatrão nas ruas²⁴. O governo provincial mandou construir lazaretos provisórios, nomeou algumas comissões de socorros, mas sem muita eficácia devido ao alto número de indivíduos derribados pela moléstia. Em *História da Secca do Ceará* (1822), Teófilo diz que o tratamento dado aos variolosos era o mesmo indicado pelas autoridades médicas europeias, evidenciando o caráter central do pensamento do velho continente para a prática médica e farmacêutica brasileira

O tratamento empregado na variola era o mesmo aconselhado pelas notabilidades medicas da Europa . O emprego da camara escura, como meio de diminuir a força da erupção, foi posto em pratica, porem sem grande resultado. A ausencia dos raios solares não impedia que a pelle de lixa se desenvolvesse com todo o furor; e, mergulhada na mais densa escuridão, ella deformava um individuo pela inchação, a ponto de fender- se a epiderme e tecido cellular de todo o corpo.” (THEOPHILO, 1922, p. 229 e 230)

Outrossim, não bastando apresentar os efeitos sociais causados pela epidemia, como sua alta taxa de mortandade e a introdução do micro-organismo naquela província, o autor se dedica a explorar as manifestações do vírus no organismo humano. Tal postura pode ser percebida no capítulo em que ele desenvolve o acometimento da doença na personagem Quitéria do Cabo, utilizando-se dela para evidenciar as ações da “legião de pequenos” naquelas carnes. Antes de trazer um diagnóstico, assim como um médico, ele vai contabilizando os primeiros sintomas, entre os quais, a febre com seu “queimor no corpo”, a secura nos lábios e os delírios, indiciando a “luta” daquele organismo contra a moléstia. No

²⁴ A queima do alcatrão é colocada por Teófilo como sendo uma das medidas feitas naquele momento, visando impedir o desenvolvimento do micróbio. Tal prática sinaliza o emaranhamento entre os métodos de prevenção relacionadas às teorias miasmáticas da doença e as novas ideias da microbiologia.

entanto, o quadro da personagem vai pouco a pouco se agravando: entorpecimento dos músculos, garganta “crivada de pústulas”, inchação no corpo, onde apresentava diversos pontos de cor púrpura pequenas e maiores. Após a descrição dos sintomas, como um conhecedor das artes de identificar as doenças, Teófilo evidencia o diagnóstico assertivamente:

Os exantheas, conquanto de pouco valor no prognostico das molestias, annunciavam em Quitéria a accentuação de um terrivel estado morbido. Não era para prognosticar uma fôrma benigna de febre exanthematica que o *rash purpurique* apparecia tingindo de purpura a epiderme da enferma. Elle era o signal precursor e pathognomico da variola hemorrhagica (...). (THEOPHILO, 1890, p. 352)

Depois de classificá-la, enquadrá-la, Teófilo segue com a narração daquela “vida a enfrentar a morte”, na qual “o sangue começava a extravasar das mucosas mais congestionadas”. As pústulas impediam-na de ingerir qualquer coisa, nem água que pudesse aliviar aquela secura causada pela febre, nada descia. Cada vez mais seu estado se agravava, a coloração purpura das “ecchymoses (...) vão pouco a pouco cingindo-se de uma aureola negra”. (THEOPHILO, 1890, p. 355). Em pouco tempo, diz que o seu útero já vertia sangue, bem como as narinas. O pulmão fizera expelir “gofadas de sangue”. Aquele corpo reduzido à doença que a atormentava, encontrava-se com “os órgãos da circulação e respiração gravemente comprometidos, a cianose e os fenômenos de asphyxia, cada vez mais se accentuando”. (THEOPHILO, 1890, p. 355). No entanto, a moribunda só morreu quando uma “onda de sangue” subiu ao cérebro se derramando nas meninges, “fulminando-a com a rapidez do raio”, caso contrário, esperaria algum tempo sofrendo asfixiada pelo seu próprio sangue (THEOPHILO, 1890, p. 356 e 357).

Teófilo conta em sua *História da Secca do Ceará*, que poucos eram os casos benignos da varíola, em sua maioria, esses aconteciam em indivíduos já vacinados. O tipo hemorrágico não era de conhecimento da província, não constavam nos relatórios a sua presença em outras secas acompanhadas da epidemia, assim, podemos supor que a descrição da morte de Quitéria do Cabo, carrega consigo algo de pedagógico²⁵, esquadrihando os sintomas, disseminando as características daquele gênero da doença, apontando para as suas propriedades:

Essa especie de variola tornou- se o terror da população. Tinha os mesmos prodromos de variola confluyente. Tres ou quatro dias depois de sua invasão,

²⁵ Leticia Martins (2012) diz que durante os anos de 1880 a varíola deixa de ser epidêmica no Ceará, tornando-se endêmica.

apareciam as hemorragias pulmonares, uterinas, nasales, oculares e as entorrias. Pela superfície do corpo saíam manchas negras de formas irregulares desde o tamanho de um grão de milho até o de um ovo de pombo. As hemorragias recrudesciam quando a molestia chegava a seu termo, isto quasi sempre do quarto ao oitavo dia. Dos innumerables casos de tão terrível enfermidade, não consta que houvesse nenhum feliz. O individuo acometido podia -se considerar perdido, embora não lhe faltassem os socorros da medicina. (...) O cadaver das victimas de tão tremenda doença entrava logo em putrefacção! A sua decomposição era rápida. (THEOPHILO, 1922, p. 240)

Da mesma maneira, a personagem Maria, filha de Inácio da Paixão, primo do protagonista Manoel de Freitas, é acometida pela doença. No entanto a mesma consegue recuperar-se, mas fica com deformidades no corpo, uma delas é a cegueira. A pobre menina, passou pelos cuidados da família de Freitas ao ser encontrada pelo pai mendigando nas ruas de Fortaleza. Paixão a abandonou no início do romance, bem como a sua mãe e irmãos. Maria foi a única que restou de sua casa, os outros foram mortos pela fome e pelas epidemias. Embora viva, a criança sofria das consequências da enfermidade, que lhe causou a cegueira. Além disso, feridas podiam ser vistas por todo o seu corpo, fazendo com que continuasse a sentir dores constantes. O estado no qual se encontrava intensificava cada vez mais a inflamação, pois ao sair de um dos lazaretos passou a ser explorada por uma mulher que a obrigava a andar longos períodos do dia pedindo esmola. O esforço fazia jorrar sangue das úlceras que chegavam a molhar os pés da menina (THEOPHILO, 1890, p. 467). Com isso, percebemos que nem mesmo aqueles que sobreviviam ao período da doença conseguiam prosseguir normalmente com suas vidas, pois sequelas faziam-se presentes nas carnes, modificando seus corpos, exigindo uma outra maneira de existir.

Além da varíola, outras doenças de caráter endêmico eram experienciadas pelas populações daquela província. A presença de febres de diversos tipos era uma constante nas estatísticas apresentadas pelos órgãos oficiais do período. O filósofo Michel Foucault, em seu livro *O Nascimento da Clínica* (2018), analisando a emergência da clínica moderna, afirmou que durante o período ao qual nomeou de Idade Clássica, correspondente à metade do século XVII e início do século XIX, havia dificuldades na maneira de tratar as febres devido, principalmente, a falta de interesse por parte dos estudiosos em investigar mais a fundo as suas causas. Nesse tempo, a presença da anatomopatologia voltava o olhar do pesquisador para os órgãos e as lesões presentes neles, com isso, sem uma sede orgânica, o estudo sobre as febres tornava-se dificultado. O importante anatomista francês, Xavier Bichat, por exemplo, pensava-as como “a forma observável de inflamações tissulares” (TEXEIRA, 2004, p. 44). Apenas no século XIX, com os trabalhos de Claude Bernard, as febres aparecem como objeto de preocupação dos estudiosos. Para Bernard elas eram

“efeitos de alterações do sistema nervoso, o qual, em última análise, seria o responsável pela regulação da temperatura corporal” (TEXEIRA, 2004, p. 44). A partir disso, conseguiu-se observar duas origens distintas para o fenômeno: tanto seria as “reações imediatas a um processo mórbido, localizado em algum ponto definido do organismo”, quanto poderia estar relacionada a agressões causadas pelo meio, sendo os miasmas a fonte privilegiada para essas perturbações no organismo (TEIXEIRA, 2004, p. 44).

No Brasil, segundo Luís Alberto Teixeira (2004), desde o início do século XIX, estudos associavam a proliferação das febres às condições climáticas. Muitos tomavam o princípio da irritabilidade de Broussais²⁶ como a base para a análise dos casos. Com a ascensão da microbiologia, pouco a pouco a febre passou a ser entendida “como um sintoma proveniente da reação a uma infecção específica” (TEXEIRA, 2004, p. 46). Entre as várias febres, mesmo havendo uma confusão generalizada entre os estudiosos, pois confundiam-na com outras febres como a remitente, intermitente ou intermitente perniciosa, o caso específico citado por Teófilo em *A fome* (1890) foi a da tifoide, mas também podia ser conhecida por outros nomes, como febre mucosa, perniciosa, maligna, nervosa, lenta nervosa ou pútrida, havendo uma confusão generalizada entre os diversos estudiosos, (PIMENTA; BARBOSA; KODAMA, 2015, p. 154).

Sem dúvida, essas doenças acometem os seres humanos há um longo tempo. Desde Hipócrates podem-se verificar descrições que indicariam a presença da enfermidade. No entanto, foi desde o século XVII que ganhou reconhecimento enquanto uma doença específica, quando seus sintomas foram catalogados pelo médico inglês Thomas Willis. Além disso, em 1826 foi diferenciada das demais enfermidades intestinais pelo médico francês Armand Trousseau (1801-1867). Com o desenvolvimento da microbiologia, novas pesquisas questionaram as teorias que tomavam os miasmas e o clima como justificativas para a presença endêmica de algumas doenças ou o desenvolvimento de epidemias. Dessa maneira, em 1880, o cientista Karl Joseph Elberth descreveu a presença do bacilo causador da febre tifoide: a *salmonella typhi*, mais conhecido como o bacilo de Elberth (TEXEIRA, 2004). Assim, é possível perceber que ao tratar do tema em seu romance, Rodolfo Teófilo estava atento as discussões médicas do seu tempo, utilizando-se do personagem Edmundo para explicar o quadro de sintomas externados no organismo humano acometido pela febre que atormentava as populações daquela província, propagada principalmente pelo estado sanitário presente.

²⁶ Broussais acreditava que “o resultado da reação da força vital contra os inimigos – os miasmas- “podiam causar reações no organismo (TEXEIRA, 2004, p. 45)

O autor inicia a descrição dos sintomas da enfermidade, apresentando as fortes dores de cabeça, como um de seus primeiros traços, insistindo que a cada tentativa de locomoção daquele personagem, uma sensação de “estalo” no cérebro se fazia presente; a febre, os calafrios, as dores intensas nos membros inferiores parecendo-lhe que “tivesse feito uma marcha forçada e de léguas”, a “coluna vertebral uma sensação de cansaço afflictiva”, todos esses foram inseridos na tabela sintomatológica daquela doença (THEOPHILO, 1890, p. 479). Além desses, a permanência de uma febre “sempre intensa”, o aparecimento de “desarranjos gástricos”, “diarrhêa rebelde acompanhada de dôres vivas e gargarejos na fossa ilíaca”, “no tronco algumas manchas ovaes côr de rosa, mas que desapareciam quando eram comprimidas”, “as mucosas nasaes, em uma epistaxis constante”, tudo isso formava o conglomerado de indícios que fazia o narrador incorporar o gesto médico para diagnosticar e constatar de modo assertivo o acometimento daquele organismo pela “febre tiphoyde” (THEOPHILO, 1890, p. 480), que tem como uma das principais causas de sua proliferação, as condições de higiene e saneamento ao qual estão submetidas as populações:

Na manhã do vigésimo primeiro dia de doença (...) o ventre tympanico, a língua completamente sêcca e os lábios fuliginosos. As feições profundamente alteradas e de uma côr lívida indicavam perigo imminente. A bronchite, o delirio, o soluço, a parotibe eram o cortejo terrível da febre typhoide adynamica, que seguia a marcha fatal. Era a crise vinte e um dias. (...) Edmundo estava mais para a morte do que para a vida. Às duas horas da tarde começou a se manifestar a carphologia. O doente não parava com as mãos um segundo. (...) ás oito horas da noite uma convulsão distendeu-lhe todos os musculos, contrahiou-os depois dando ao corpo a fôrma de um arco, que tivesse as extremidades sobre um plano. (...) Julgaram a convulsão da morte, e o vigário com todos os aparatos fúnebres chegou-se ao enfermo para ajudal-o a bem morrer. O ataque durou vinte minutos, findos os quaes voltou o corpo do doente á posição natural; cessou o delirio e o crocidismo; elle abriu os olhos, pediu agua, que bebeu com avidez, e adormeceu profundamente. Entrava o enfermo em convalescença; a crise passara, somente a natureza batera a molestia. (THEOPHILO, 1890, p. 481)

A todo o momento o personagem fora cuidado pelo vigário da vila, esse “lia noite e dia um médico homeopata, e procurava dar as doses por elle indicadas, embora sem diagnostico”, a febre, por exemplo, era tratada como a doença, “elle ignorava que febre é effeito e não causa, e dava acônito, alternando com outros medicamentos. Para elle toda a febre curava-se com acônito e bryonia” (THEOPHILO, 1890, p. 481). Ao escrever tal passagem, o autor não perde tempo para alfinetar aqueles que procuravam a cura fora dos preceitos científicos europeus, pois classifica o vigário como um “bom padre, mas péssimo medico” (THEOPHILO, 1890, p. 480), assim podemos inferir que qualquer tentativa de cura fora do espaço da ciência médica seria inútil, tendo o conhecimento científico o poder de, senão controlar, mas se aproximar do controle sobre as doenças, havendo naquele momento,

diante daquelas circunstâncias, apenas “a natureza e só a natureza a lutar com a molestia! Nem um medicamento a auxiliar-a!” (THEOPHILO, 1890, p. 480).

Igualmente às explicações dos fenômenos das doenças, onde o autor não se contenta em expor sutilmente seu acontecimento infeccioso, mas narra de maneira concisa os efeitos das moléstias nas carnes, a apresentação que ele faz da fome vai além da (re)produção de sua aparência nos corpos, objeto a ser tratado no terceiro capítulo deste trabalho. Teófilo insiste em narrar detalhadamente como essa miséria social também pode ser compreendida como uma miséria das carnes, dos processos orgânicos tomados pela imperfeição fisiológica. Para tanto, as carnes tornam-se protagonistas, assim como no momento em que tratou das patologias endêmicas. As palavras tomam a espessura da matéria, dando-lhe forma, exprimindo o movimento das reações sofridas pelas carnaduras inseridas naquele contexto:

A fome roia-lhes o estomago, que não podia-se habituar com tão grande jejum. Uma febre nervosa exasperava-os sem comtudo se denunciar pela temperatura da epiderme, que profundamente alterada se conservava fria. O calor do sol não os aquecia, nem uma gotta de suor eliminavam os póros; os liquidos se accumulavam como elemento necessario a um estado mórbido que se accentuava.” (THEOPHILO, 1890. p. 106)

A fome desorganiza o próprio organismo, enfraquecendo-o. O sangue que jorrava de seus corpos mortos de fome era “um sangue pobre, quasi incolor”, segundo o escritor-farmacêutico (THEOPHILO, 1890, p. 24). Numa outra passagem, afirma que possuem um “sangue côr de salmoeira” (THEOPHILO, 1890, p. 100). Em contraposição, para uma restauração das forças ele apresenta a ideia de que o organismo necessitava de animais de “sangue vermelho”, tal alimentação ajudaria no bom funcionamento e conservação dos órgãos (THEOPHILO, 1890, p. 91). Essas afirmativas se inserem numa tradição advinda de tempos muito remotos na qual o sangue é visto como um fluido do qual provém a vida (PORTER; VIGARELLO, 2012, p. 455), além disso é possível perceber a presença de elementos ligados a tradição analógica, na qual a “cor, forma, odor, calor, umidade, os elementos da natureza, “assinam” sua relação profunda com o corpo humano, assim como seu caráter nefasto ou benéfico” (PORTER; VIGARELLO, 2012, p. 446 e 447), dessa maneira, o consumo de algum animal de sangue vermelho poderia produzir o melhoramento do sangue do humano que dele se alimentasse, auxiliando na sua restauração. Ademais, à fome soma-se a sede na deterioração daqueles organismos. Teófilo narra em uma das passagens do romance os efeitos da desidratação nas carnes do homem:

havia dezoito horas que não bebiam! O exercício muscular, o calor, haviam gasto quase a agua do sangue! Os adultos ainda resistiam, mas as creanças deitadas no

sólo, entorpecidas no mais completo marasmo, com os olhos a saltar das orbitas, immoveis, e com as pupillas muito dilatadas olhavam inconscientes para o espaço. Tinham a boca aberta e a língua sêcca sahia e pensarava-se sobre a arcada dentaria inferior; assim exposta fendia-se a mucosa com o calor da atmosfera e o hálito quente dos pulmões, que agora trabalhavam mais em movimentos acelerados pela febre (THEOPHILO, 1890, p. 47 e 48)

Similarmente, constrói explicações fisiológicas para a inadaptação do cearense em outras terras ao estabelecer o personagem Ignácio da Paixão como principal exemplo. Dizia que o organismo cearense estranhava o clima quente e úmido do ambiente amazônico, ao mesmo tempo em que se deparava com uma alimentação radicalmente distinta daquela consumida no Ceará, à base de “pirarucú e tartaruga” (THEOPHILO, 1890, p. 450). Ao mesmo tempo sugere que a necessidade fez com que o indivíduo se dobrasse aos comportamentos exigidos por aquele espaço, mas seu corpo não ficaria livre das doenças propagadas por aquele clima insalubre: “A febre o derribou, e só depois de uma lucta terrível de mais de trinta dias, pôde da molestia Ignacio triumphar” (THEOPHILO, 1890, p. 450). A passagem associa-se àquela descrita no caso de Edmundo: a doença seria advinda de uma causa externa com a qual o corpo travaria uma luta, somente o corpo e mais nada. A não ser que as forças da ciência fossem convocadas, e, com isso, pudesse aliviar as aflições convocadas pelo curso natural da doença.

Como já explanado no primeiro capítulo deste trabalho, Teófilo atuou intensamente como defensor de algumas pautas sociais, como o abolicionismo, mas também contra a migração do cearense para outras províncias em períodos de calamidade social. Durante a chamada *grande seca* (1877-1879), a migração foi uma pauta corrente, mas não apenas naquele momento. No ano de 1889, período de outra grande estiagem, o governo provincial, na figura do presidente Caio Prado, estabeleceu como política pública o envio de retirantes para a região sul do país, que naquele momento, principalmente a província de São Paulo, via perder aos poucos sua mão de obra escrava nas plantações de café. No entanto, essa política foi abortada ainda no início devido a morte do presidente da província cearense (NEVES, 2002). Durante a seca de 1877, ao contrário, o envio de retirantes, em sua maioria, ficava restritos as províncias do norte, como o Pará e a Amazonas. Como denuncia Teófilo na sua escrita, havia uma rede de pessoas, denominadas de *paroaras*²⁷, que se beneficiavam com a exploração dos migrantes naqueles espaços. Ao chegarem esperançosos pela promessa de enriquecimento, os cearenses deparavam-se com trabalho compulsório e

²⁷ Será o nome do penúltimo livro de Teófilo, um exemplo de denúncia à migração cearense. Cf. Teófilo, Rodolfo. O paroara: scenas da vida cearense e amazonica. Ceara: Typ. Moderna, 1899, p. 504.

dividas exorbitantes que impediam o seu retorno ao torrão natal. Teófilo lutou incansavelmente contra essas políticas, que se tornaram comuns nos períodos de seca.

Esse capítulo tratou de apresentar quais as principais ideias que circulavam entre os letrados daquele período, bem como elas aparecem no romance *A Fome* (1890), articulando-se ao discurso literário na produção de imagens que muitas vezes poderiam ser descritas de maneira simplória, mas que ganham ares de excepcionalidade ao associar estrategicamente o discurso literário ao pensamento científico do momento. Não é difícil perceber as pretensões pedagógicas do autor, principalmente pelo movimento por ele praticado de ir do campo científico em direção à literatura, como já enfatizamos, devido a sua popularidade naqueles anos finais do século XIX. Dessa maneira, a ciência torna-se um pressuposto para a prática literária, esta atuando como uma porta-voz do saber científico, embora ultrapasse essa função ao formatar imagens sobre o real, ampliando os sentidos e significados dados a ele.

4. A FOME DAS CARNES OU OS CORPOS DA FOME: OS CEARENSES EM *A FOME* (1890)

Como um acontecimento de seu tempo, entendendo-o não como um evento qualquer, mas algo que em sua potência foi capaz de modificar o curso de uma trajetória, ao burilar os conceitos dispersos na imensidão dos ditos de outrora, o romance *A fome* (1890), faz transbordar de suas páginas retratos sempre parciais e tendenciosos da época em que foi publicado. Dispondo de saberes oriundos da ciência médica dos fins do século XIX, sua narrativa possibilita a encenação das tensões provenientes daquele momento, buscando chamar atenção do leitor para determinados problemas que compõe a sociedade do período. Segundo Valéria Machado “o romance é o lugar, por excelência, de encenação da tensão entre o homem e a sociedade” (MACHADO, 2016, p. 31), desse modo, entende-se que no romance a gramática discursiva que compõe o social tensiona constantemente aquilo que é o homem, porque é dela que a sua existência ganha forma, pois

(...) como seres de linguagem, os sujeitos se constituem no momento em que falam, por meio dos discursos que proferem. O romance é, assim, um lugar que encena o sujeito e seu(s) discurso(s) em sua relação com outros sujeitos e outros discursos, em tempos e espaços determinados (MACHADO, 2016, p.31)

Dos discursos, dos símbolos, das imagens, o homem emerge, se forma, ao tornar-se sujeito, mas também corpo. Ambos oriundos da encarnação dos elementos da cultura e do social nos quais estariam inseridos. O corpo, por exemplo, se constituiria pela relação conflitiva entre aquilo que poderia ser considerado a matéria biológica de sua fabricação, as carnes (que tomada em si mesma não seria de acesso ao mundo humano, por se localizar fora da linguagem) e o discurso. Dessa maneira, o antropólogo francês David Le Breton afirma que

O corpo (...) pertence de pleno direito à estirpe identificadora do homem. Sem o corpo, que lhe dá rosto, o homem não existiria. Viver consiste em reduzir continuamente o mundo ao seu corpo, a partir do simbólico que ele encarna. A existência do homem é corporal (LE BRETON, 2011, p. 7).

Diante disso, arriscamos a dizer que o romance apresentaria não apenas a tensão entre o homem e a sociedade, como falou Valéria Machado (2016), mas seria o lugar de encenação da tensão entre as carnes e a sociedade, já que dessa relação se produziria corpos, sujeitos e, conseqüentemente, o próprio homem. O corpo seria tecido pelo sentido atribuído às carnes, colocando-se à vista valores, desejos, sentimentos, entre outros elementos advindos da cultura, visando sua sempre precária e provisória feitura (ALBUQUERQUE JR,

2020). Desse modo, o corpo seria produto de diversas instâncias discursivas, mas também não-discursivas. Práticas que se desenvolveriam no seio da sociedade, sempre em relação às necessidades do momento, direcionando para maneiras de vê-los, senti-los e manuseá-los. Os corpos, nesse sentido, são materiais, mas também imaginários, os dois se entrecruzando, não existindo um independente do outro. Ambos mutuamente dando sustentação à existência do homem (LE BRETON, 2012).

Assim, *A fome: cenas da secca do Ceará* (1890), emerge como um arquivo de imagens acerca das corporeidades cearenses do período. O real é parcialmente transposto em realidade por meio de palavras que mobilizam emoções, gestos e desejos, direcionando para maneiras de agir em relação as carnes, enquadrando-as, formalizando-as. As carnes ganham sentidos através de explicações estrategicamente alinhadas, sempre acompanhadas de referenciais científicos que procuram atestar a veracidade do dito e buscam aproximar a narrativa literária do real, já que a ciência do século XIX, como foi visto no segundo capítulo deste trabalho, visa abarcar o real em sua plenitude, estabelecendo um desejo de controle sobre o acaso da natureza, espaço de localização das carnes.

Com isso, Rodolfo Teófilo mune-se com seus saberes de farmacêutico, visando “iluminar” com seu conhecimento esse espaço de trevas, onde impera a desordem, o acidente, as incertezas. Pensemos que a ideia de “scena” no título do romance não se dá aleatoriamente, pois estabelece-se o desafio em dispor o teatro de horrores do momento aos leitores, como se a seca pudesse ser compreendida como uma peça teatral, mostrando os dramas do cotidiano humano, especificadamente cearense, promovendo o objetivo de toda literatura pretensamente naturalista: “photographar” o real tal como ele é experimentado²⁸. Teófilo, o literato, não se preocupa em despir-se do avental de cientista, fazendo-se o farmacêutico-escritor, ao pôr em diálogo ambas formas discursivas, tramado, através da mobilização de diferentes modelos narrativos, sentidos para os corpos cearenses.

O romance inicia com uma minuciosa descrição da “carnação athletica” do protagonista Manoel de Freitas, que transmite ares de superioridade, pois, mesmo que sua musculatura tenha sido reduzida drasticamente pelo sofrimento imposto pela migração, podia-se perceber que haveria nele força suficiente para derrubar, com seus braços, “um touro pelos cornos”. A sua “caixa thoracica” era “bastante larga e bem conformada”, local

²⁸ Referindo-se à resposta de Teófilo as críticas feitas pelo escritor Adolfo Caminha: “Tenho consciencia do contrario, percorri os abarracamentos, ouvi com grande attenção e piedade as narrativas dos infelizes famintos e assim julguei ter photographado no meu livro, não todos os episódios d’essa angustiosa época, porem os que julguei mais extraordinarios sob o ponto de vista das miserias humanas” (THEOPHILO, Rodolpho. Cartas Litterarias, *O Pão*, 15 de outubro de 1895, nº 26, p. 4).

de guarda dos “órgãos mais importantes da vida”, que, contrariando a sua “physionomia”, descrita como “dolente” e seu “estado apathico”, apresentavam-se “sãos e vigorosos”. A tristeza, dessa maneira, contrastava com a sua “figura máscula” e viril ao expressar abalo perante as “retinas” de quem o via. Manoel de Freitas encarna, uma vez que ganha forma através das palavras, o sertanejo cearense, não qualquer um que nascesse naquele espaço, mas o proprietário de terras. O sertanejo falado pelo farmacêutico-escritor é aquele que possui bens, mas que por causa da seca, perde tudo e se vê obrigado a retirar-se do seu torrão natal. Dessa maneira, podemos intuir que o sertanejo que ganha rosto²⁹ na literatura de Teófilo não é qualquer um, mas aquele que descende “de uma das mais antigas e importantes famílias do alto sertão”, aquele que herdou de seu pai a “modesta fortuna e a influencia eleitoral na localidade” (THEOPHILO, 1890, p. 4). Da mesma maneira, embora o protagonista estivesse visivelmente abatido, ao sinal de qualquer perigo eminente, sua “musculatura entraria em acção” visando defender a honra de sua família. Desse modo, a figura de Freitas não seria a mesma que se transmuta em um “esqueleto animado”, embora o protagonista passe por momentos de degradação, humilhação nos centros urbanos e descreva a massa retirante como “companheiros de infortunio”. Ele e sua família não se confundiam na multidão dos retirados:

N'aquella imensa procissão viam-se individuos de todas as idades e tendo em vista o mesmo fim. Acoçados pela fome, seguiam caminho da Fortaleza a reclamar a assistência publica. Freitas achava-se mal com sua caravana n'aquelle meio. Individuos de todas as castas se confundiam alli. (...) Freitas comprehendia o perigo da situação. Precavia-se á hora das refeições, deixando a estrada e se internando com a familia pela matta. Trazia as borrachas d'agua escondidas no sacco da matalotagem. Ainda assim os famintos, com instincto de animal esfomeado, pressentiam que ele levava alimento e cercavam-no pedindo de joelhos uma migalha pelo amor de Deus (THEOPHILO, 1890, p. 46).

Dono de uma “musculatura agil e forte como a de um acrobata”, cada ação de Freitas representa uma superação das adversidades postas pelo destino, desviando-se do caminho destinado a qualquer retirante. Mesmo quando imerso na multidão, destaca-se pelo seu senso de justiça e moral, como nas narrativas românticas, evidenciado seu “caracter” em detrimento de uma época repleta de pessoas corrompidas (MARCHESAN, 2017). Em seu corpo residia “a bondade do coração, a dôce expansibilidade no lar entre a familia e os

²⁹ Na crescente sociedade individualizada do século XIX, o rosto torna-se veículo de distinção entre os indivíduos. Dessa maneira, dar um rosto é marcar a sua singularidade, é fazê-lo reconhecido em meio à multidão de iguais, o rosto torna-se um marcador da diferença. É, segundo David Le Breton (2019), “o lugar originário em que a existência do ser humano adquire sentido” sendo “por seu intermédio” que ocorre a identificação de cada pessoa”. In: LE BRETON, David. Rostos: ensaio de antropologia. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 11.

amigos”. O protagonista seria uma “figura de aço, cuja espinha jamais dobrou[-se] a curva da bajulação” (THEOPHILO, 1890, p. 2-3). Como um “chefe de família”, um dos primeiros termos utilizados para descrevê-lo, caberia a ele cuidar e direcionar sua gente, evitando que se perdessem em meio ao caos e a desordem. Tal figura contrasta com a realidade experimentada pelos inúmeros retirantes, corrompidos pelas circunstâncias nas quais se viam, cedendo ao roubo, à prostituição e aos vícios.

José do Patrocínio, jornalista do jornal *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, quando foi enviado a capital da província do Ceará, Fortaleza, para cobrir os acontecimentos da *Grande Seca*, no ano de 1878, expos da seguinte maneira a situação pelas quais algumas jovens passavam:

Meninas (...) todas ellas, filhas dos sertões, santificadas por uma vida simples, sem seductores, sem D. Juans miseráveis, chegaram ás cidades, mumificadas, é certo, porém virgens. A libidinagem abastada poz-se logo ao encalce das suas grinaldas e propoz lhes o terrível dilema: rendei-vos ou contaí com a morte. Mães, pais, maridos, o venerados atalaias da pureza da familia, collocados em tão dura alternativa, e sem força para reagirem, cedem á transacção ignóbil da honra pela vida. (PATROCÍNIO, José. Viagem ao Norte (Ruas e praças da Fortaleza). Nº 201. 23 de julho de 1878. p. 1)

A moralidade torna-se um tema de grande pertinência nesse fim de século, aparecendo como sustentáculo da própria nacionalidade. O historiador Frederico de Castro Neves (2006), em artigo sobre a leitura de José do Patrocínio acerca da pobreza no Ceará no ano de 1878, afirma que a preocupação com a “degradação dos costumes tradicionais e dos valores morais” aparece “mais do que a fome e a miséria das famílias retirantes (...), a vulnerabilidade social dos sertanejos” (NEVES, 2006, p. 84). Segundo Neves, José do Patrocínio entenderia que “o choque cultural provocaria (...) a desagregação dos valores tão solidamente estruturados na sociedade simples em que viviam”, desse modo

Ao retirar-se do campo, o homem pobre do sertão cearense não somente se desliga de um mundo conhecido e estável, como também se insere em um universo de mentiras, mudanças, velocidade e enganos, característico das cidades grandes, que já absorveram “todos os vícios do mundo”. (NEVES, 2006, p. 84)

Nesse sentido, em *A fome* (1890), a personagem Victorina torna-se a representante da pobre retirante que sem a figura paterna e materna, sucumbe à falência moral do mundo contra sua própria vontade, mas impulsionada pelo espírito corrompido da época. A jovem é levada para uma festa por um grupo de homens, entre os quais o comissário do governo que administrava os abarracamentos. Lá a jovem foi ludibriada e convencida a tomar bebidas alcoólicas, que, segundo o farmacêutico-escritor, serviu-lhe de ensejo para os desgostos

morais praticados. Descrevendo o ato como uma “maldade”, a violação fazia-se sentir através de “dores physicas” e pensamentos que “ruborisava-lhe as faces”, indiciando a sua vergonha. O corrompimento moral entrecruza-se ao físico, devastando qualquer possibilidade de resignação, pois teriam maculado com tal ato a sua “innocencia” e a sua “virgindade”. Ao encontrar um de seus algozes, tristemente clama por sua mãe, que já não é viva. Nessa cena, percebe-se que a família, atrelada aos ensinamentos morais, torna-se peça chave para a manutenção da ordem social, sendo a instituição mantenedora de princípios essenciais para o afastamento de males como a prostituição e a mendicância. Tal indicio pode ser percebido na explicação dada pelo personagem Roque da Piedade, um dos rapazes presentes naquela fatídica noite, à jovem Victorina: “Convidei-a, porque vossê devia ser do mundo” (THEOPHILO, 1890, p. 318)

A busca pelas grandes cidades litorâneas durante o período de estiagem, abrirá brechas para a aglomeração da grande multidão retirada do sertão. A cidade de Fortaleza, por exemplo, capital da província do Ceará, será muito referida durante o romance. Os retirantes a tomarão como “um paraizo”, o lugar de “conforto das populações famintas” (THEOPHILO, 1890, p. 201). Na narrativa, durante o percurso, pouco a pouco a fome faz-se presente nos corpos dos personagens, atingindo profundamente suas formas, deteriorando-os, destituindo-os de sua racionalidade. Teófilo utiliza-se de imagens dantescas para expressar o horror dos acontecimentos durante o movimento, no qual o matuto, termo utilizado pelo autor para referir-se àqueles que moravam no campo, com suas mãos “calosas e grosseiras”, eram obrigados a retirar-se daquele espaço em que nasceram e para o qual teriam sido criados. Buscando transmitir uma “atmosfera” de pavores e desilusões, o trágico irrompe desvirtuando o curso natural da vida. A seca é tida como a grande hidra que corrompe o meio e conseqüentemente os seus habitantes: “O sol tostára tudo! A terra coberta de uma floresta de esqueletos, com tons de tristeza, vestia-se de uma expressão lutuosa e desoladora, além o seu perfil sombrio (...). Nem um vivente n’aquelle sitio (...)” (THEOPHILO, 1890, p. 92). Os raios do sol ao caírem sobre a terra “aqueciam as rochas e os vegetaes como um forno de reverbero”, tudo era uma “natureza rocada de morte”, onde os “homens e os rebanhos erravam á toa (...) procurando a vida” (THEOPHILO, 1890, p. 5), nem os insetos se faziam presentes, tinham morrido ou emigrado. Complementa afirmando que a presença dos urubus “n’um crocitar constante, tornavam aquella solidão mais tétrica e pavorosa” (THEOPHILO, 1890, p. 8). Esses bichos, “de uma gula insaciável espreitavam as victimas, que cahiam aos centos mortas de fome e de peste, e banquetevam-se n’aquelle repasto de pelangas, de podridão” (THEOPHILO, 1890, p. 8).

Tortuoso terreno, que em sua aridez largava à morte os filhos que tanto o amavam e dele sentiam saudade. Inúmeras são as passagens em que Freitas e seus amigos rememoram com alegria o seu lugar de nascença. Esse mesmo lugar, tornou-se algoz de sua gente, uma vez que “o calor emitido(...) era, á sombra, de 38° centigrados” (THEOPHILO, 1890, p. 5). Com isso, “sendo o sol muito quente, a luz muito intensa e insuportável, as rajadas de vento um tormento para os olhos e bronchios” (THEOPHILO, 1890, p. 44). Além disso, a falta de uma nascente de água, obrigou-lhes a consumir o líquido presente numa planta denominada de “mucunã lisa”, que segundo o farmacêutico-escritor era personagem muito recorrente durante as secas, pois dela podia-se extrair uma farinha que matava a fome dos retirantes. No entanto, o presente entregue pela natureza poderia sair muito caro àqueles que o recebiam ingenuamente, poderia levar a morte de quem a consumisse caso não passasse pelo demorado processo de extração da fécula, que teria um potencial tóxico. Teófilo, a considera “a maior assassina que o Ceará tem tido durante as sêccas” (THEOPHILO, 1890, p. 78). É importante destacar que o autor dois anos antes da publicação de *A fome* (1890), escreveu um estudo sobre as propriedades da planta denominado de *Monografia de Mucunã* (1888).

Dessa maneira, podemos pensar o naturalismo como um movimento estético ligado a questões mais amplas da realidade social, nas quais a escrita realista e a presença da ciência não foi o suficiente para abarcar os sentimentos da época, pondo em recorrência estreitos laços românticos que transmutam-se em personagens monstruosos e temas que enfatizam, segundo Marina Sena (2017), a partir de Nelson Werneck Sodré (1965) e Alfredo Bosi (1979), os “comportamentos limítrofes do ser humano – loucura, assassínio, transgressões e perversidade” (SENA, 2017, p. 10). Dessa maneira, pode-se compreender melhor a recorrência ao grotesco, ao feio, ao horrível, que para muitos deformaria a busca pela realidade, mas que neste movimento articula novos sentidos na fabricação dos olhares sobre os corpos e, conseqüentemente, sobre o mundo existente, já que o corpo é produto e produtor dos elementos presentes no mundo, seja imaginários ou físicos. Esta interpretação, dá ênfase à angústia e ao vazio ou as várias emoções decorrentes da desilusão com o mundo (SENA, 2017), pelo qual o escritor é atingido, mesmo que contraditoriamente queira enquadrá-la num retrato conscientemente articulado. Destarte, atentar-se às metáforas corporais é imprescindível para percebermos como as práticas possibilitam a encenação da corporeidade dessa gente por meio das palavras, incrustando sentidos sobre a matéria carnal dos cearenses, fazendo parte de um senso comum que atravessa todo o século XX, embora com outras configurações.

Além da fabricação de paisagens tétricas para a sua narrativa, os eventos apresentados muitas vezes extrapolam os limites humanos, promovendo em quem ler, uma série de questionamentos acerca da veracidade dos fatos descritos. No entanto, independente da credulidade das imagens, o leitor é convidado a sentir espanto e repulsa. A tinta utilizada para escrever o livro certamente foi à base de lóquios, pus e dejetos, tensionando com um mundo pretensamente burguês, que recepcionaria aquela obra, interessado na higiene, representado pela moderna forma de narrativa, o romance. De fato, não apenas o discurso presente se mostrava conflitivo com os desejos das elites, mas o próprio real, que necessitando de forma, ansiava urgentemente por enquadramentos, entre eles, aquele “cheiro insupportavel de carniça”, que fazia a “atmosfera” parecer “pôdre”. Corpos mortos eram esquecidos em suas casas devido a sua insignificância perante os poderes:

(...) [o] rosto já estava medonho pela decomposição. A pelle cyanotica estilhava a putrefacção, que fazia a cara disforme e horripilante. A physionomia mais hórrida tornava o nariz, que diluído em uma amalgama de pús e vermes, cahia sobre a bôca, já sem lábios, e em parte cobria os dentes alvos e sãoos. Os olhos arregalados a saltar as orbitas, n’um olhar de morto sem luz e consciência (...) (THEOPHILO, 1890, p. 59).

Ou mesmo largados às margens das estradas, observados por cada caravana que passava, pois “mirrados todos os musculos, as visceras se colaram aos ossos, dispensando o concurso da fermentação putrida, o banquete dos vermes(...)” (THEOPHILO, 1890, p. 52). Antes o corpo, que “durante um periodo de annos deram-se muitos e diversos actos chimicos; as peças de uma machina que activa funcionou mantendo e regulando a vida” (THEOPHILO, 1890, p. 53), agora, reduzido a “uma caveira coberta de pelle sêcca e lustrosa eriçada de cabelos duros como as sêdas do caitatú, de orbitas vazias, as fossas nazaes abertas e sem nariz, a boca cerrada pelas filas de dentes de branco esmalte [que] articulava-se ao esqueleto” (THEOPHILO, 1890, p. 52). Descrições como essas, enredam os fatos vivenciados à cada seca, produzindo camadas de sentidos para o fenômeno.

Ademais, traço característico de uma modernidade que desde Galileu encontra na matemática a fórmula do mundo (LE BRETON, 2011), o parágrafo acima traz uma das ideias mais presentes entre filósofos, médicos e outros pesquisadores do período: o corpo como uma máquina. É possível perceber uma vasta literatura que desde a ascensão da filosofia mecanicista, no século XVII, faz romper a tradicional ligação entre o homem, o corpo e o universo. A natureza pouco a pouco é afastada do homem, compreendido como a fusão entre a carne e o espírito, embora a primeira fosse considerada a dimensão menos humana, que o segundo a transforma em seu objeto na tentativa de controlá-la. Como atesta

David Le Breton (2011), a filosofia cartesiana não funda nada, mas, sim, aponta para a sensibilidade de uma época. No entanto, segundo o mesmo autor, na obra de René Descartes (1596- 1650), é possível encontrar “as fórmulas que distinguem o homem de seu corpo [que entenderemos como carne], fazendo deste último uma realidade à parte e, além disso, depreciada, puramente acessória” (LE BRETON, 2011, p. 83). Com isso, percebemos que o espírito se torna o Outro da materialidade carnal, localizado em um espaço radicalmente distinto dele, espaço superior, que sem ele não haveria o homem. A carne, entretanto, é rebaixada, sendo considerada aviltante, grosseira e ofensiva: “a dimensão corporal [carnal] da pessoa recolhe toda a carga de decepção de não valor” (LE BRETON, 2011, p. 84), sendo localizada na dimensão da natureza, portanto, não poderia ser compreendida como algo confiável, da esfera da razão, haveria sempre uma suspeita sobre ela.

O princípio mecanicista do século XVII instituiu a necessidade de controle sobre o acaso da natureza. Para tanto, pretendia-se encontrar as leis que faziam sua engrenagem movimentar-se. Visando essa descoberta, colocou-se em suspeição os saberes apreendidos única e exclusivamente através dos sentidos corporais, pois para filósofos como Descartes eles conduziram ao erro, sendo necessário a intromissão de artefatos que conseguissem neutralizar a imprecisão das carnes. O relógio, o termômetro, o telescópio, o microscópio, a imprensa, são inventadas privilegiando essa ideia de um aperfeiçoamento da precariedade dos sentidos, na percepção do tempo, da temperatura, do olhar a longas e mínimas distancias, da proliferação da cópia, entre outros sentidos que vão sendo ampliados por esses novos artefatos. Conjuntamente à suspeita da natureza, o filósofo francês pensava que a materialidade carnal humana (con)fundia-se ao do animal, que diferiria do humano menos pela especificidade corporal, porém mais por não possuir linguagem, nem pensamento. O animal-máquina, irrompe atravessando séculos suscitando novas explicações para o seu funcionamento, concomitantemente, outras concepções acerca do funcionamento das carnes humanas, como o vitalismo, apareciam em cena visando melhor apresentar o que regeria a matéria, mobilizaria as partes, provocariam a interação para a produção de movimentos do todo. O corpo-máquina, “não é mais do que uma constelação de utensílios em interação, uma estrutura de engrenagens bem-ajustadas e sem surpresa” (LE BRETON, 2011, p. 95). No caso posto por Teófilo, a manutenção da vida ficaria a cargo das reações físicas e químicas, que impulsionariam a engrenagem mantedora do corpo humano. É importante destacar a sua defesa das explicações racionais e materialistas, como a fala feita pelo personagem Xenophontes, em que afirma:

O que há n'este mundo que não seja matéria orgânica e inorgânica? Quem poderá afirmar que existe alma e que seja immortal? Deixemos essa crença para os imbecis, deixemol-a como arma dos padres, d'esses hypocritas de batina deixemol-a para as beatas, as feiticeiras no uso de suas bruxarias. (...) Eu sou materialista. Deus para mim é uma palavra sem sentido. Desde a monera até o elephante, desde o protocus até o sycomoro, desde o atomo até á rocha, só se precisou do tempo, luz, agua e calor!" (THEOPHILO, 1890, p. 296).

De fato, a utilização do discurso da física e da química para justificar o funcionamento da máquina corporal, emerge desde o século XVI (PORTER; VIGARELLO, 2012), no entanto, foi entre os séculos XVIII e XIX com a inserção do método científico nos círculos letrados, que os princípios físicos e químicos ganharam destaque, tornando-se explicação do funcionamento fisiológico humano, dando suporte à emergência da fisiologia enquanto disciplina, substituindo as antigas concepções que se sustentavam na metafísica. Portanto, não é difícil perceber que a compreensão de Teófilo acerca do humano se aloja na ideia de uma dualidade constitutiva do homem, que para Descartes corresponderia a alma e ao corpo [neste trabalho entendido como carne], mesmo que o espírito para o farmacêutico-escritor não ganhe ares metafísicos, e seja mais um produto das reações físicas e químicas, tornando-se um elemento que pouco a pouco perde espaço nessa composição devido a irrupção da fome e seus efeitos no organismo.

Ainda nas primeiras páginas, esmiuçando acontecimentos sobre a retirada, o autor nos alerta sobre os primeiros “sinais da fome”: a palidez do corpo, o “ar desalentado”. Esses são os indícios iniciais de sua manifestação, que pouco a pouco começa a trazer desordens ao organismo acometido. Ao lado desses traços, sons como “um murmúrio de cascata” vindo da barriga podem ser percebidos, da mesma maneira, “uma bala que subia-lhe do estomago á garganta” produzindo “uma sensação de estrangulamento” (THEOPHILO, 1890, p. 38), decorrendo em delírios. A fome, como indicia o título do romance, é a grande personagem dessa narrativa, seja a fome pelo ordenamento social (como atentamos em passagens do segundo capítulo) ou a fome pelo alimento (como procuraremos evidenciar nesta parte), mas também podemos pensar a fome por justiça, entre outras. O fato é que a fome se torna, assim, um grande *tropo* para indiciar os problemas sociais do momento.

O farmacêutico-escritor utiliza-se constantemente de metáforas, como “esqueletos animados” (THEOPHILO, 1890, p.427) e “magreza de mumia” (THEOPHILO, 1890, p. 22), mas também a frase: “não se via um rosto que não fosse uma caveira, um corpo que não fosse um esqueleto” (THEOPHILO, 1890, p.99), para referir-se as características corporais dos famintos fugidos do sertão devido à seca e reduzidos à mendicância nos centros urbanos. A exaustão das viagens a pé, mas também a falta de comida e água, os longos períodos em

jejum, provocando uma má regulação de suas funções vitais, intensa perda de gordura e massa muscular, faz com que as suas matérias carnis fossem pouco a pouco reduzidas evidenciando sua ossatura, além do acometimento de doenças como a anasarca e a hemeralopia (THEOPHILO, 1890, p. 99).

Teófilo tece mais um véu de sentido despejado sobre o real, fazendo parte de um dispositivo mais amplo de produção de saberes e poderes que atuam modelando e produzindo identidades, sujeitando carnes, tecendo os corpos. Diante disso, a partir do conceito foucaultiano, alargado pelo filósofo italiano Giorgio Agamben, não é difícil perceber o livro, em sua materialidade e potência, como um dispositivo, por reunir em seu texto elementos das mais variadas proposituras, que articulados produzem determinados sujeitos ao sugerir disciplinas, gestos, formas de pensar, imaginar, etc. O fato é que *A fome* (1890) localiza-se nessa elaboração imagética dos corpos cearenses ao lado de outras produções, como a obra *Os retirantes*³⁰ (1879) de José do Patrocínio, bem como as famosas fotografias das vítimas da *grande seca*, feitas em 1878 pelo fotógrafo Joaquim Antônio Correia, na cidade de Fortaleza³¹, nas quais os corpos dos indivíduos são retratados em vários ângulos e poses, ao mesmo tempo em que são adicionadas legendas nas imagens, pequenos poemas, com o objetivo de intensificar a dramaticidade das mesmas (BARBOSA, 2002). A variedade das posturas registradas, mostram o quanto esses corpos merecem destaque e preocupação. Talvez, não tanto pelos seus estados deploráveis, mas pelas suas imprecisões, suas incertezas, as dúvidas que provocam a quem os miravam. A câmera tratava de enquadrá-los, congelá-los antes do fim de suas existências, visando um melhor entendimento de seus gestos e expressões, identificando-os em sua humanidade ou o que restaria dela, mas também poderia dar a percebê-los como um outro tipo de ser, destituído das características humanas, e, assim, justificar determinadas ações políticas.

³⁰ Foi publicada em formato de folhetim no jornal Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro durante o ano de 1879, podendo ser considerada a primeira narrativa que tentava caracterizar o fenômeno da seca e da retirada na literatura.

³¹ Consideradas como um dos marcos no fotojornalismo nacional, essas imagens pertencem hoje ao acervo da Biblioteca Nacional, podendo ser encontradas no site da Brasileira Fotográfica. O acervo é constituído por um conjunto de 14 fotografias, enviadas para a Corte pelo jornalista José do Patrocínio que havia ido a mando do jornal Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, ao norte brasileiro para cobrir as denúncias de mau gerenciamento dos recursos públicos na ajuda aos desvalidos da seca de 1877-1878, rendendo alguns relatos publicados na primeira página do jornal entre maio e setembro de 1878, sob o título de “Viagem ao Norte”. Visando causar mais comoção entre as elites letradas, foram encaminhadas para publicação na revista *O Besouro*, n. 16, 20 de julho de 1878, escandalizando toda a sociedade. Ver: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=749915&pagfis=175>>;<<https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=1499>>;<<https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/browse?value=Corr%C3%Aa%2C+J.+A.&type=author>>.

Essas fotografias adentram a Corte abalando os sentidos daqueles que as viam, porque a ilusão de um real presentificado pelas imagens³², muito influenciado pelo realismo nas manifestações artísticas, fazia com que a coisa se tornasse mais atordoante do que as descrições jornalísticas enviadas do norte brasileiro em direção à capital do Império. Alexandre Barbalho (2005), em artigo intitulado *Corpos e mentes dilacerados: o grotesco nas Imagens da Seca de 1877*, faz o seguinte questionamento sobre elas: “os corpos retratados, nus ou semi-nus, revelando as deformidades causadas pela fome e pela sede, se conformam à realidade?” (BARBALHO, 2005, p. 144). O autor procura evidenciar com esse problema, o caráter fabricado daquelas imagens. Ele prossegue dizendo que aquelas pessoas existiram e sofreram miseravelmente, no entanto haveria um arranjo para a confecção das imagens, justificando que

por conta da limitação técnica da época, que exigia um tempo prolongado de exposição, possivelmente os retratados tiveram que ser imobilizados (em, pelo menos, uma das fotos percebemos o recurso de equipamentos imobilizadores). Para manter a luz e as condições ambientes, os retratos foram feitos em estúdio – ou no ateliê fotográfico, como se dizia na época, termo emprestado do ambiente da pintura -, e não, digamos, ao natural, ao ar livre (BARBALHO, 2005, p. 144).

Dessa maneira, torna-se impossível dizer que elas corresponderiam ao real, como já discutimos exaustivamente neste trabalho. Prossequindo na discussão, Barbalho, diz que devido à falta de referências dos fotografados perde-se sua pretensão realista-naturalista. Diante disso, eles tornam-se corpos meramente expostos, “corpos que posam para o fotografo”, exibindo suas deformações e dilaceramentos, provocando naqueles que as veriam um sentimento de repugnância que, em sua ambiguidade, retrai e atrai os observadores. Segundo o antropólogo David Le Breton (2016) a repugnância é “irreversível”, pois caracteriza-se pela “alteridade absoluta”. Como tudo que é acessível pelo humano, a repugnância é construída culturalmente, ela solicita todos os sentidos, inclusive o olhar e a moralidade do indivíduo. O seu objeto, aqueles corpos, é considerado um grande perigo, revela-se como “uma ameaça real ou simbólica ao sentimento de identidade” (LE BRETON, 2016, p.).

Com isso, as imagens tornam-se veículo de denúncia do sofrimento social imposto, mas também a denúncia da existência daqueles seres. As imagens fazem parte de uma estética muito próxima daquilo que Barbalho (2005) denomina de realismo grotesco, que se constitui, conforme a interpretação de Mikhail Bakhtin da obra de Rabelais, em referência a

³² Fruto de um processo mecânico, onde não havia interferência humana em sua feitura, ganhando ares de objetividade, havendo naqueles que a fitavam, a compreensão de que a fotografia produziria uma cópia do real (BARBALHO, 2005).

ambivalência percebida em seus “personagens exagerados e hipertrofiados, em que as ordens da terra e do corpo são indissolúveis; onde há degradação, mesmo que não signifique apenas destruição, há também um aspecto regenerador” (BARBALHO, 2005). O grotesco em Rabelais, evidencia a carnalidade humana, bem como seu contato com o mundo ao redor. Trazendo a leitura de Wolfgang Kayser, o autor afirma que o grotesco “não se constituiu um domínio autônomo, resultado da fantasia liberta de todo laço com o real”, para Kayser “o mundo do grotesco é o nosso mundo – e não o é” (KAYSER, 1986, p. 40 apud BARBALHO, 2005, p. 146). O grotesco aparece em oposição ao sublime, que indicaria o esplêndido, a perfeição, a valores mais amistosos e elevados. Os corpos dos retirantes da seca, encarnam o estranho, o diferente, eles encontram-se com o “eu”, que “não pretende compreender o “outro” por ele próprio, e sim a partir de sua definição do que seja a norma, para colocar o diferente como desvio, como patologia” (BARBALHO, 2005, p. 146). Essas fotografias auxiliariam na tessitura da constituição da identidade nortista, e consequentemente, cearense, mas também considerada posteriormente como identidade nordestina. A miséria, a barbárie, o sofrimento, o atraso, torna-se as imagens correntes dessa identidade, em contraposição ao moderno, civilizado, progressista, presentes no discurso constitutivo das identidades do sul do país.

Em *A fome* (1890), o corpo-máquina do homem acometido pelos efeitos negativos da fome no organismo, já não consegue realizar suas funções vitais de modo correto, a razão, peça importante da constituição da humanidade das carnes, é abalada significativamente:

N’aquella onda maltrapulha e esfomeada, que revolvía-se com os vermes da podridão, havia dôres cruciantes, mas que não podiam ser todas percebidas; não havia n’elles mais sensibilidade moral para avalial-as. O senso intimo havia-se embotado e com elle a maioria das faculdades d’alma (THEOPHILO, 1890, p. 100)

Aos poucos, é perceptível que os seres reduzidos “a magreza extrema”, “havam perdido o senso intimo e deixavam-se dominar pelas necessidades da animalidade” (THEOPHILO, 1890, p.46). Assim, percebe-se que ao lado da degradação física das carnes, a psicologia não se manteria intacta, a razão cederia lugar a desrazão, abrindo caminhos para a ascensão do “instincto da animalidade”, bem como a “perversão moral” (THEOPHILO, 1890, p. 56). Em uma cena de luta pelos víveres saqueados do governo, o protagonista decide intervir, mas percebe que não adianta pois,

Como, se no delirio famélico embota-se o senso intimo e homem fica reduzido a bruto, a animal carnívoro, e que se vê faminto? Havia allí uma multidão de homens

em tudo semelhantes a uma manada de porcos esfomeados a disputar o maior quinhão da ceva (THEOPHILO, 1890, p. 90).

Alia-se a isso, suas “physionomias” que continham nas “linhas do rosto escaveirado e macilento” a expressão de “uma gradação de tons mórbidos”, não se percebendo “um traço alegre, uma expressão de contentamento íntimo” em suas faces (THEOPHILO, 1890, p. 75). Ao retirante, não poderia conceber-se outro sentimento além de tristeza e sofrimento, todas consideradas emoções socialmente negativas e detentoras de passividade. Só uma avalanche dessas sensações poderia caracterizar tais sujeitos.

Outrossim, uma das partes mais sugestivas dessa caricatura do retirante animalesco refere-se ao encontro entre Freitas e uma criatura que caminhava como um quadrúpede. Exalando um odor terrível, como uma “maritacaca”, a coisa “tinha um fedor que embebedava”. Devido a escuridão do local, o protagonista não conseguia discernir entre as formas desse ser, que (con)fundia-se em atitudes consideradas animalescas, achando até que fosse “onça, raposa ou cão de monturo”, porque percebia-se que “elle farejava ou espeitava”. Não conseguindo afirmar alguma coisa, lembrou-se dos famintos “no ultimo período da fome, a farejar migalhas” (THEOPHILO, 1890, p. 66). A coisa aproximou-se mais, então Freitas percebeu que

Não era um bicho mas um homem que a fome reduzira a um bicho. Chegando ao centro (...) poz-se de pé. Do chão alevantou-se o esqueleto, que media mais de metro e meio, e tinha a tetrica morbidez dos espectros. O tronco largo e bem desenvolvido mostrava ter sido vestido de uma carnação vigorosa, que havia consumido a fome e deixado núas as vertebrae e as costelas. O espinhaço, como uma columna de nós, apenas coberto de pelle, deixava contar todos os ossos. A ele se articulava a cabeça, um pouco mais vestida que uma caveira, com um rosto esquelético e a physionomia carregada da ferocidade de animal carnívoro e faminto. Os dentes completos e de branco esmalte, sem lábios mais que os abrissem, n’um riso de ironia e mofa, brilhavam em lúgubres scintillações (...). O olhar era vago. As pupilas dilatadas quais tocavam o disco do íris, que lhes servia de debrum, e sepultadas no fundo das orbitas davam á caveira uma expressão de vida, mas de vida besta. Os braços se estiravam ao longo do tronco envolvidos na pelle, que tendo perdido a frescura e macieza, enrugada e áspera, parecia de amarrotado pergaminho. As pernas magras, apenas os ossos e um quinto da musculatura, cambaleavam com o peso da carga, pelangas e ossos. O abdômen retrahido e colado á espinha deixava perceber as cristas dos ilíacos e a fôrma da bacia (THEOPHILO, 1890, p. 66-67)

Atentemo-nos a noção de “ultimo período da fome”, como se o corpo acometido por ela, passasse por estágios e findasse com a morte. Ou mais, como se a fome, a partir de determinado ponto, deixasse de ser compreendida como um estado ao qual um indivíduo é sujeito, tornando-se percebida como constitutiva de um ser, constitutiva de uma dada corporeidade. Para mais, já não se sabe a que campo o ente pertence, porque se não poderia

ser homem, também não poderia ser bicho já que não era “onça, raposa ou cão de monturo”. Dessa maneira, localiza-se no limiar entre o homem e o animal, porque embora radicalmente animalizado, não se pode deixar de levar em conta que aquele corpo já se tratou de um homem. Tal afirmativa ganha respaldo quando o próprio Freitas se preocupa com o pudor de sua filha, “cuja virgindade moral se macularia percebendo os seus sentidos as fôrmas de um homem todo nú”. É verdade que Freitas acreditava ter “um esqueleto” em sua frente, mas a ideia “de um esqueleto com sexo” o agoniava, porque “iria violentar a castidade dos sentidos de Carolina” (THEOPHILO, 1890, p. 67). Ademais, a “coisa” roía as unhas “com gula e desespero”, rangia os dentes, mastigava sua saliva e “articulou com dificuldade – fome – mas em um [som] abafado” (THEOPHILO, 1890, p.68). Fazendo-se visível a figura de Carolina, que dormia próximo ao local, o “retirante” fita o seu rosto percebendo

os tons d’aquella carnação, mas com o appetite de besta esfomeada. As narinas dilatam-se-lhe mais, fareja, procura o cheiro daquela carne sadia na qual tem ímpetos de saciar a fome, resgal-a a dentadas. O delírio aumenta, os músculos das faces (...) executam enfim uma serie de movimentos desordenados (...) na esperança de mastigar as faces da moça (THEOPHILO, 1890, p. 68).

Na tentativa de retirá-lo daquele espaço, Freitas o machuca com sua faca, abrindo-lhe um corte no antebraço. A atitude do retirante fez o protagonista perceber que aquilo que estava em sua frente era uma “besta humana”:

O faminto leva a ferida á bôca e, com uma avidéz que desarma e comove a Freitas, suga o sangue que sae do ferimento, mas um sangue quase incolor como o dos echinodermes. A sucção era feita com uma gula infrene. O faminto parecia querer sugar pela ferida todos os líquidos do corpo. Nem uma gotta mais vertendo o ferimento, começou elle a comer as proprias carnes (THEOPHILO, 1890, p. 70).

Além disso, o instinto de sobrevivência torna-se uma das características da suposta animalidade do retirante. A fome, na destituição de toda racionalidade, na incursão do corpo sofrente numa passividade, provoca a busca pelo apaziguamento daquilo que ele é privado: o alimento. Como na passagem em que Freitas chega a um vilarejo e encontra indivíduos em grande estado de desespero esperando a distribuição dos socorros, com a demora, sem forças para contestá-la, apenas “gemiam, suspiravam, porém não blasphemavam. (...) Sentavam-se outra vez e procuravam illudir a fome roendo as unhas ou comendo as escharas, que desagregavam da epiderme” (TEOPHILO, 1890, p.106). No entanto, é importante destacar, que o retirante não é apenas privado do alimento, a ele é negado qualquer coisa que lhe assegure o mínimo de dignidade, pois embora a Constituição do Império do Brasil lhe

garanta “socorros publicos” durante esses períodos de calamidade social³³, as práticas que se revelaram no percurso da migração e da estadia na capital, indiciam movimentos de sujeição desses corpos a um poder aniquilador, um poder de morte, porque o socorro dado é parco, sem nenhuma estrutura para suportar a quantidade de necessitados. Além do mais, pelo fato de não corresponder a nenhuma das exigências feitas pela ordem burguesa, a suspeição sobre o seu corpo é elevada a enésima potência, o que termina provocando a destituição de qualquer traço de sua humanidade, sendo sujeito a inúmeras violências. O retirante torna-se o signo da falta de tudo aquilo que seria a civilização. Ele encarna a barbárie, por não conseguir dominar os instintos. A animalidade se apodera de seu ser, e, como um animal, faz de tudo para sobreviver:

Minutos depois voltava o cura trazendo ás costas uma sacca de farinha, que encostou á porta da entrada. Um frenesi indescritivel contaminou em um instante os famintos. Nenhum sahiu de seu logar, mas movimentos desordenados agitavam-lhes os membros. Moviam os lábios, lambiam os beiços, coçavam-se, roíam as unhas, mastigavam a saliva, arregalavam os olhos, moviam o nariz como coelhos, emfim, uma excitação nervosa determinada pela presença do alimento tornava-lhes a razão dependente da animalidade, que somente os dominava. (...) O frenesi dos famintos quasi chegou ao delirio. Os membros throcacicos e os musculos do rosto em movimento desordenados pareciam executar a dança de S. Guido. (...) O cura começou a chamada e a distribuição com preguiça e calma. Uma chicara de farinha dava a cada faminto adulto e meia ás creanças. A ração era alli mesmo devorada com uma esfomeação que comovia. Muitos ingeriam-na com tal avidez que não davam tempo á saliva humedecer o bolo alimenticio, que, penetrando fora de tempo na pharynge, encontrava a glotte mal fechada e determinava um accesso de tosse violento e suffocante. Parte do bolo era rejeitado e sahia pelas fossas nasaes e boca, misturando-se á areia. Avaros das migalhas cahidas no pó, apanhavam-nas uma por uma e ingeriam-nas de novo cobertas de terra (THEOPHILO, 1890, p. 109-110)

Entre outras cenas do romance que poderíamos associar a essa, a do assalto desesperado a uma carroça de “víveres” que deveriam ser entregues para os “socorros públicos” no interior da província, é uma das que mais apresenta detalhes para a tessitura desse imaginário pavoroso sobre os corpos constituídos pela fome, pois expõe um dos maiores medos dos poderes vigentes: a “multidão [que] se evolucionava, segui[ndo] movida unicamente pelo instinto da conservação” (THEOPHILO, 1890, p. 87). O objetivo dos retirantes é capturar as sacas de farinha que encontravam-se no carro. O grupo se (des)articulava da seguinte maneira: “os mais fortes vociferavam contra os freiteiros; os mais fracos os seguiam tambem, mas de gatinhas ou de rastos como reptis” (THEOPHILO, 1890, p. 87). Além disso, a cena é composta de termos como “crescente alucinação” e “delírio famélico”, para justificar a ação, evidenciando uma espécie de loucura historicamente

³³ BRASIL. Constituição (1824) Constituição Política do Império do Brazil. Rio de Janeiro, 1824. Ver: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm>.

associada à multidão, que na sua movimentação faziam com que aqueles “sem forças” caíssem e morressem “pisados ou asphyxiados” (THEOPHILO, 1890, p. 88), terminando numa

lucta tremeda, uma briga de feras esfomeadas sobre um minguido repasto. **Os viveres seriam dos mais fortes e não dos mais necessitados.** Os que podiam agredir eram em muito pequeno numero. Tomaram conta das saccas, que abriram, e começou a lucta. Os mais esfomeados precipitavam-se sobre a farinha com uma gula e teimosia para as quae não havia opposição possível. Eram repellidos a empuxões, a murros; cahiam, mas voltavam de gatinhas gemendo ou praquejando. Não havia meio de debandal-os. Os que sustentavam a peleja não tardariam a enfraquecer, pois **os fracos** eram cem vezes mais. As turmas de famintos augmentavam e a confusão crescia sempre. **A victoria seria do mais forte**, e entre os que defendiam os viveres travou-se uma lucta, mas uma lucta impossível de termo. Pelejavam corpo a corpo. Não se ouvia o tinir de um ferro, mas percebia-se que as carnes dos luctadores eram rasgadas a dentadas. Enquanto os contendores rolavam no chão enovelados n’um amplexo fatricida, o sitio foi invadido pela onda que avançava sempre, e com uma gula difficil de descrever comiam a farinha a mãos cheias. (THEOPHILO, 1890, p.89-90. Grifos nossos).

Com base nos termos grifados acima, podemos pensar que o terreno da usurpação dos víveres tornou-se uma arena de luta entre diferentes tipos de corpos. O autor articula uma relação de opposição entre fortes e fracos, nos dando a perceber a presença das teorias darwinistas ligadas ao social. De fato, nos fins do século XIX o Darwinismo Social emerge a partir da utilização dos conceitos de “competição”, “seleção do mais forte”, “evolução” e “hereditariedade” por diversas áreas de conhecimentos ligadas ao social e ao cultural (SCHWARCZ, 1993). Essa teoria, acreditava que os seres humanos são naturalmente desiguais, uns dotados de configurações superiores e outros inferiores. Na parte citada acima, há um nítido objetivo em produzir uma interpretação acerca desses eventos relacionados a sobrevivência dos retirantes. É sabido que entre os conhecedores da teoria da seleção natural, haveria a relação entre vida e luta, e, portanto, a ideia de que “a luta pela vida exige[ria] grande esforço” (BARROS, 2003, p. 11), disseminando-se nos círculos letrados dos fins do século, equivocadamente, que a evolução levaria a uma espécie mais desenvolvida, e, desse modo, mais forte. No entanto, é importante destacar que para Darwin o sobrevivente seria aquele “detentor das melhores condições de adaptação” (BARROS, 2003, p. 11). Com isso, partir dos elementos grifados, intuimos que mesmo entre os retirantes haveriam distinções entre mais fortes e mais fracos, sugerindo uma maior complexidade na elaboração imaginária desses corpos, partindo da concepção racial dos mesmos.

Ultrapassando a temporalidade trabalhada nesta pesquisa, os próximos romances do mesmo autor tomarão como uma preocupação, a caracterização da racialidade dos sertanejos

cearenses, especialmente em *Maria Ritta* (1897), ao se dedicar em apresentar as *scenas do Ceará colonial*, subtítulo do próprio romance. Em sua dissertação de mestrado intitulada *Literatura, História e Ciência no século XIX: A visão naturalista de Rodolfo Teófilo sobre o povo cearense* (2020), Erika Gonçalves de Mendonça, ao analisar os quatro romances escritos por Rodolfo Teófilo durante a década de 1890³⁴, percebe que há o entendimento de que o povo se constituiria pela mistura do branco e do índio, de caboclos, embora diversas abordagens tenham sido direcionadas aos indivíduos pertencentes a esses grupos raciais e as suas variações miscigenadas. Ainda que tenha largamente propalado seu antilusitanismo, os personagens brancos, descendentes de portugueses, tornam-se os detentores das melhores qualidades possíveis. Mesmo que sejam criminosos, como o caso de Jesuíno Brilhante, em *Os Brilhantes* (1895), o crime se faz em nome de um bem comum. Já quando se pensa a questão da miscigenação, no lugar de se tornar um conceito inviabilizador para o aperfeiçoamento das raças, como deveria ser pensado a partir do Darwinismo social, torna-se um fato limitador, pois por não haver um conceito unívoco e fechado do que seria a raça, os autores do período trabalhado fizeram diferentes usos e interpretações desse conceito (MENDONÇA, 2020).

No entanto, em seus escritos, Teófilo tenta silenciar a contribuição negra e africana para a constituição do povo cearense. Embora alguns personagens sejam caracterizados como negros, sempre ganham o *status* de escravizados, loucos, bandidos, criminosos, etc. Em *A fome* (1890), por exemplo, a presença negra fica a cargo do personagem Punaré, considerado antropófago, que é descrito como “um individuo de côr preta (...) bastante alto, musculoso, de feia catadura, um olhar feroz” (THEOPHILO, 1890, p. 472), mas também através dos escravizados, como Felippa, pertencente a família de Freitas, porém vendida pelo seu primo, Ignácio da Paixão, para o comendador Prisco da Trindade, um traficante de escravos, bem como sua filha Bernadina. As duas ganham destaque principalmente na segunda parte do romance, denominada de Casa Negreira, na qual a presença do tráfico interprovincial de escravizados durante a seca é apresentada. É certo que Teófilo era um abolicionista e a segunda parte do romance serve de denúncia da instituição da escravidão, entretanto isso não quer dizer que não simpatizasse com o racismo científico: a personagem Felippa termina louca, após sucessivas crises epiléticas desencadeadas pelas agressões sofridas no cativo, a mando da mulher do comendador, a senhora Faustina; enquanto sua filha Benardina é vendida, enviada ao sul do país para trabalhar nas plantações no interior

³⁴ A Fome: *Scenas da seca do Ceará* (1890); *Os Brilhantes* (1895); *Maria Ritta: Scenas do Ceará Colonial* (1897); *O Paroara: Scenas da vida cearense e amazonica* (1899).

paulista. Outro negro retratado nessa parte do romance é Elias, feitor da casa de Prisco da Trindade, considerado uma figura “sinistra”, de uma “musculatura atletica”, mas com uma “feia catadura iluminada por um olhar feroz irradiado de uns olhos pequenos e injectados, como de cão hydrophobo” (THEOPHILO, 1890, p. 151) Desse modo, percebe-se que os personagens negros são imaginados como feios, submissos, sofrentes, detentores da tristeza, degenerados, movidos pelo instinto da violência e da criminalidade.

Seguindo o pensamento de Barbalho (2006) acerca das fotografias, mas também de Marina Sena (2016) em relação ao naturalismo, podemos pensar que *A fome: cenas da secça do Ceará* (1890), diante do que já foi exposto, mantém um intenso diálogo com o linguajar científico e com o gênero do grotesco, tornando-se difícil defini-lo como pertencente a um estilo ou escola específicos. O farmacêutico-escritor, mesmo que apresente seu conhecimento científico, utilizando-o como importante elemento da tessitura de sua narrativa, coloca em evidência os medos, as angústias, o arsenal de pavores de seu tempo, abrindo-se àquilo que Júlio França e a Marina Sena (2015) denominou de gótico-naturalismo. A fome torna-se a grande metáfora que tem em seu sentido a ideia da falta, a desordem que a ausência do lastro ordenador causaria. Importante salientar, que não seria apenas a falta de alimento, uma das consequências para o desencadeamento da trama, mas a própria falta de qualquer instrumento que ordenasse minimamente a sociedade. A seca, dessa maneira, advém como um elemento que avassala mais rapidamente o que já estaria em declínio, em grande medida representada pelas antigas estruturas paternalistas que pouco a pouco desintegravam-se diante da queda da produção de algodão no início da década 1870 (NEVES, 200). Entretanto, como aponta Luis Gonzaga Marchesan (2017), Teófilo era um atento leitor de jornais, sabendo bem utilizá-los em suas narrativas. Parte das cenas consideradas delirantes pela crítica literária do século XX, foram extraídas dos chamados *fait-divers*, espaço presente nos jornais onde é possível perceber diversos dos sentimentos envoltos no social, dessa maneira, torna-se pertinente interpretar seus escritos como um discurso sobre os “medos gerados pela percepção” do mundo “sob uma ótica científica” (FRANÇA; SENA, 2015, p. 29).

Outro elemento que chama atenção no romance, é o corpo doente, especialmente o corpo doente da varíola. Como já foi discutido no segundo capítulo deste trabalho, a varíola foi considerada endêmica no Ceará, após devastar toda a província entre os anos de 1878-1879, tornando-se um dos pavores daquele momento. O choque possibilitado pelo encontro entre o real do mundo e o real das carnes, produz sempre algo, mesmo que se revele nocivo e termine por definhá-la. Nesse caso, as carnes, matéria biológica,

irremediável e inevitável, relaciona-se constantemente com os micro-organismos. Vírus, fungos e bactérias tornam-se figuras presentes a todo instante nesse mundo, inicialmente inacessível ao humano, por carecer daquilo que faça sentido, embora note seus impactos, ao perceber os frutos que se abrem àquela carne, proporcionando modificações das mais variadas. Como salienta Teófilo em seu livro *História da Seca do Ceará (1877-1880)*:

As pustulas tinham a forma cylindrica, eram de 10 a 20 centímetros de comprimento e de 2 centímetros de diametro. Coberta a superficie do corpo de tão enorme caustico, quando entravam as pustulas em supuração, não havia organismo que resistisse, as forças se aniquilavam de um dia para outro e o doente parecia se desmarchava em pús (THEOPHILO, 1922, p. 229).

Do choque entre as carnes e os micróbios, os frutos gerados alimentam a inquietação do homem, que os percebe como intruso, vetor de repugnância, abrindo-se ao simbólico humano e, através de um esquadrinamento proporcionado por saberes já difusos, tornam-se sinais, indícios de que a carnalidade foi ferozmente atingida por um mal. Os sinais são dispersos em um quadro, que em relação abrem portas para um diagnóstico. Desse modo, percebe-se que a doença e o doente são categorias que se situam no plano do social, não se constituindo como algo puramente biológico, localiza-se também no espaço do filosófico, do religioso e do histórico (MARTINS, 2012).

O choque, o encontro, a interação do vírus, no caso da varíola, e as carnes humanas, imprime suas marcas, (des)fazendo corpos, (de)formando determinadas corporeidades, interferindo no cotidiano de quem experimenta a doença. Torna-se estigma, de acordo com o antropólogo estadunidense Erving Goffman (1963), um traço de atenção sobre os demais naquele espaço corporal (GOFFMAN apud MARTINS, 2012). No caso da varíola este traço ganha ares negativos, porque suas cicatrizes extrapolam as normas sociais, modificam as compreensões humanas da pessoa, por atingir em larga medida, principalmente, as extremidades do corpo, especialmente o rosto. Diante disso, no romance, o corpo doente é submetido a um sistema político-institucional que toma o ambiente como objeto de sua atuação, a medicina social, que visando ordenar, limpar, organizar a sociedade, constrói espaços, recintos, lugares para alojar esses corpos corrompidos. Corpos que geram atordoamento, perturbação e desconcerto a depender de quem os olha, porque “pousar o olhar sobre o outro não é um acontecimento anódino(...) o olhar favorece e se apropria de algo para melhor ou para pior. (...) Não é somente um espetáculo, e sim o exercício de um poder (LE BRETON, 2019, p. 271). À vista disso, o corpo estigmatizado fisicamente é

enquadrado e enjaulado pelo olhar civilizado. O sentimento de repugnância gerado pela sua presença, exige que se mantenham distantes, escondidos.

Em *A fome* (1890), Teófilo refere-se aos sobreviventes da enfermidade como uma “onda de maltrapilhos, afeiados pela variola e vomitada pelos lazaretos” (THEOPHILO, 1890, p.387). Em uma cena, após o fraquejar da epidemia, seguindo para a pedreira do Mucuripe, os retirantes sobreviventes, com seus “espíritos zombeteiros”, faziam piadas da situação, pois alguns estavam sem nariz, sem orelhas, cegos, com o rosto como “um sacco mal arremendado” (THEOPHILO, 1890, p. 388). Muitos pequenos ficaram órfãos e cegos, tendo que irem viver nas ruas. Em uma das partes desse mesmo capítulo alguém diz que “o presidente vai fazer uma colônia para prendel-os” (THEOPHILO, 1890, p. 388), trazendo a evidência da presença de uma medicina de caráter social. A maioria dessas crianças ficaram “horripelmente deformadas pela variola; feia como um sapo e repugnante pelas ulceras que cobriam-lhe os membros inferiores” (THEOPHILO, 1890, p. 466), contrastando com a “voz harmoniosa” que saiam das suas gargantas cantarolando os seguintes versos “a ceguinha que aqui vêdes/ tinha olhos, via a luz; E agora, irmãos, pede esmolas/ Pelo sangue de Jesus” (THEOPHILO, 1890, p. 466). O próprio Manoel de Freitas foi acometido pela doença, junto com sua família, com exceção de Carolina que havia sido vacinada. O sertanejo recuperou-se mas ficou com o “rosto semelhante a um ralo de cobre velho” (THEOPHILO, 1890, p. 387). A varíola deixava as pessoas “desfigurada [s], com a mascara bronzeada” (THEOPHILO, 1890, p.467). Entre as várias modificações decorridas no corpo durante o curso da doença, Teófilo lista algumas no livro:

O sofrimento alli tinha todas as phases. Havia de tudo, e de tudo que há de mais horrível! Corpos cuja pelle a inchação havia estirado a ponto de fender-se em todos os sentidos e assim em carne viva, sem mais o involucro protector, sentia o desgraçado a aspereza da lona da cama penetrar nos tecidos nus, como um ferro encadecente e produzindo as dôres de uma horrível queimadura! (...) Outros não menos infelizes, no ultimo periodo da moléstia, completamente desvairados, sem consciência da podridão dos tecidos, erguiam-se dos leitos, e alucinados de dôr, gritavam enquanto a carne putrefacta, despregando-se dos ossos, cahia no chão do lazareto! Alguns com a razão completamente perdida, rasgavam com as unhas as pústulas, arrancavam-lhes a crosta e mesmo coberta de pús e sangue comiam-nas com avidéz, tão profundas eram as desordens de sua mentalidade (THEOPHILO, 1890, p. 347).

Concomitante ao sofrimento imposto pela doença ao corpo, o estigma, como citado, muitas vezes exige a segregação do corpo doente para um ambiente onde o olhar civilizado não possa tocá-lo, evitando o contato com aquela “chaga physica e moral” (THEOPHILO, 1890, p. 348) presente na relação entre o sofrente e quem o olha: no caso do romance, os lazaretos. No romance, esse espaço é descrito como “tristes logares”, a “habitação da dôr”

(THEOPHILO, 1890, p. 347). Em seu livro *História da Secca do Ceará (1877-1880)* (1922), Rodolfo Teófilo faz a seguinte descrição dos lazaretos:

Um lazareto, pode-se dizer, é um lago de pús onde boiam enfermos, moribundos e mortos ! E' a morada do soffrimento, é um foco de podridão, á cuja vista todos fogem excepto as affeições caras e sinceras e a caridade, sublime filha de Deus. D'estes tristes logares tudo havia fugido excepto o medico, que a sciencia havia atado ao leito do enfermo, os enfermeiros que a falta dos meios de subsistencia prendia ali, e as irmãs de caridade que, fieis a seu voto, iam procurar a humanidade nos seus mais angustiosos momentos, para cumprirem assim a promessa que haviam feito ao Crucificado (THEOPHILO, 1922, p. 238).

Dessa maneira, percebe-se uma descrição altamente negativa desses espaços. Aqueles que ali permanecem para cuidar dos doentes, estariam presos a algum dilema em sua vida, seja em nome da ciência ou em nome de Deus. Assim, compreendemos que o médico, da mesma maneira que uma freira ou padre, deve agir como um devoto, em nome daquilo que acredita. Ademais, no romance, Freitas e sua família foram levados ao lazareto da Lagoa Funda. Ali, havia uma assistência muito parca, servindo mais de estabelecimento para confinar os retirantes, uma vez que a quantidade de enfermos era muito superior aos leitos disponibilizados, ao passo que se uma pessoa morresse, a outra automaticamente reutilizava-os, não havendo o descarte dos materiais que compunham o leito (THEOPHILO, 1890, p. 347). O autor segue descrevendo como o ambiente se chocava com as sensibilidades burguesas, causando perturbações nos sentidos do indivíduo:

affrontava com coragem e abnegação um espectáculo que repugnava-lhe a quase todos os sentidos, aquelle mar de pús onde boiavam enfermos, moribundos e mortos. (...). Se o olfato se impressionava desagradavelmente com o fedor da enfermaria, o ouvido por sua vez se molestava com os sons agudos e confusos que lhes abalavam o tympano. Os gemidos surdos dos moribundos e os gritos desconcertados dos variolosos que deliravam, formavam um concerto que commovia e aterrava (THEOPHILO, 1890, p. 347)

Desse modo é possível perceber que esses lugares, serviam em grande medida para afastar, excluir, eliminar o corpo doente do espaço civilizado, pois o mesmo causava perturbação nos sentidos dos indivíduos aburguesados, embora a varíola fosse uma doença que não tivesse pudor algum, atingindo a todos os grupos sociais, sem nenhuma distinção (VIGARELLO, 2002). No caso narrado pelo autor, a generalização do vírus na cidade de Fortaleza fazia com que o quadro se tornasse mais desolador. O caso é descrito como de “terror geral”, de “pranto e desolação” (THEOPHILO, 1890, p. 333), uma vez que não havia condições de limitar a presença de elementos que compunham o universo repugnante do adoecer e morrer. Ilustrando detalhadamente a situação, Teófilo constrói um cenário

pavoroso, no qual os mortos são largados no caminho, servindo de alimento a abutres, sem falar de seus avançados estados de decomposição, que, por sinal, a doença já adiantava em vida. Os corpos eram estigmatizados, desde o adoecer, até ao morrer, pois levados ao cemitério,

amortalhados com os trapos que vestiam (...). Alguns tinham como esquife a rêde rôta e imunda, outros mais desgraçados, nem esta possuindo, iam amarrados de pés e mãos em um longo pau para a valla e conduzidos por dois retirantes, aos quaes o governo pagava quinhentos reis por cadaver (THEOPHILO, 1890, p. 333).

Visando aliviar a aflição dos sentimentos da população citadina perante ao espetáculo de horrores, o governo decide mandar “que os cadáveres fossem conduzidos ao cemiterio pela beira-mar” (THEOPHILO, 1890, p. 334), evitando o seu desfile pelo centro da cidade. Entretanto, “as valas do cemiterio recebiam mil corpos por dia e a peste a recrudescer!... Os cadáveres ficavam às vezes insepultos por mais de vinte e quatro horas, por não haver coveiros em numero sufficiente para o serviço dos enterramentos. (THEOPHILO, 1890, p. 334). A epidemia de varíola, atinge violentamente os sentidos da população burguesa crescente naqueles anos dos fins do século XIX no Ceará.

Mas não apenas os variolosos, embora os retirantes fossem os mais expostos a doença. Porém, todos os corpos que negavam os valores pretendidos pela elite letrada e aburguesada cearense. Corpos que fugiam da norma, porque transpareciam a sua carnalidade, expunham seus instintos, suas paixões, evidenciavam a sua natureza, produtos de um punhado de decisões políticas estrategicamente (des)ordenadas, porque essas decisões conflitavam com as urgências daquela população, relegando-os à morte por inanição ou à senzala. Inseridos no caos, às elites letradas e aburguesadas restariam apenas uma a forma de apaziguamento, de intervenção social, fazendo diluir as imagens pavorosas sobre as corporeidades cearenses através das letras, visando a tomada de iniciativas por meio dos poderes públicos. Iniciativas que normatizassem ou expurgassem essas corporeidades. Assim podemos perceber as políticas de expulsão dos retirantes da cidade de Fortaleza entre os anos de 1879 e 1880. No entanto, como trabalhado ao longo desta monografia, os objetivos de uma obra desprendem-se de sua composição ao ser lançada no mundo, rastejando pelo tempo, incitando outros usos. Desse modo, as imagens construídas sobre os corpos cearenses revelam-se dotadas de um caráter pejorativo que reduz esses indivíduos a sinônimo de miséria e barbárie, pois não se contentando em denunciar os problemas sociais, Teófilo incorpora em diversas passagens um caráter monstruoso a esses seres. Ainda mais, utiliza-se da ciência para justificar a degradação do homem, a perda da humanidade, o

definhamento do ser humano em direção ao limite entre o homem e o animal. Desse modo, pode-se perceber, a partir da filosofia de Giorgio Agamben sobre a relação entre o Homem e o Animal, que Teófilo participa ativamente da máquina antropológica³⁵ moderna, que se caracteriza pela constante tentativa de desumanização do homem, relegando os corpos retirantes à animalidade (AGAMBEN, 2013). Desse modo, a humanidade não se constitui como um ser, mas é trabalhada historicamente a partir de determinadas condições de possibilidade, tendo o discurso de Teófilo a potência em nomear e classificar os corpos na proximidade com o animal, que articulado a outros domínios discursivos, as fotografias, romances, os jornais, entre outros, instituem modos de imaginar e agir sobre os cearenses na sociedade ao produzir valores diversos acerca dessas corporeidades.

³⁵ Seria um dispositivo, no sentido Foucaultiano do termo, que reúne em si discursos de diferentes áreas, como a filosofia, a teologia, as ciências naturais, etc. Verdade que Agamben profana o conceito fabricado por Furio Jesi (1941-1980), no entanto projeta sobre ele, sua posição ao produzir uma máquina elíptica em detrimento de uma máquina circular do primeiro. No filósofo francês, a máquina antropológica tem dois polos que são sempre articulados e rearticulados, de um lado a figura da animalidade, de outro da humanidade. Além disso, possui um centro vazio, porque ambas categorias são sem essência. O vazio do centro, aponta para uma perpetua suspensão do homem entre os dois termos, exigindo-se a sua constante humanização para manter-se posicionado no lugar de superioridade perante toda a natureza. É importante salientar, que seus produtos são historicamente datados, não se constituindo permanentemente, portanto a Máquina moderna estabelece como não-humano um já considerado humano. Ela desumaniza o homem, animalizando-o. Cf.: AGAMBEN, Giorgio. O Aberto: entre o homem e o animal. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora alguns autores perceba a escrita de Rodolfo Teófilo exclusivamente na escola realista-naturalista, é possível perceber que seu texto reside no limiar entre o romantismo e o naturalismo, pois não se enquadraria nem em um, nem em outro, mas ele se localizaria entre dois modos de praticar a literatura, ao captar, consciente ou inconsciente, aquilo que lhe convém de ambas tendências literárias. O romance *A fome* (1890), em vista disso, não segue à risca o projeto naturalista, embora alguns críticos falesem desse excesso, pois mesmo que a presença do discurso científico apareça no decorrer de suas páginas como a forma privilegiada de pensar o social, o corpo e as ações humanas, haveria sempre algo que escaparia ao domínio do racional: a capacidade de afetar os indivíduos no seu íntimo. A literatura, dessa maneira, é tratada pelo autor como arma para a promoção de afetos, visando intensas modificações na vida social dos indivíduos, nas formas de perceber o mundo, de senti-lo, apreciá-lo, não percebendo-a apenas como mais um discurso de divulgação dos modos de fazer ciência. Importante destacar que não só em seu conteúdo, mas na própria materialidade do livro, é possível pensá-lo como produtor de gestos, posturas e ações que disciplinam os indivíduos. Desse modo, há pedagogias inscritas no livro e no próprio texto literário. Sua captação extrapola os próprios limites do espaço racional dos indivíduos.

Outrossim, mesmo que a ciência tome espaço em seu texto, Teófilo não deixa de lado os exageros característicos de uma vertente do romanismo relacionada ao gótico. O farmacêutico-escritor utiliza-se de imagens grotescas para desenhar o fenômeno da seca e os impactos delas nos corpos dos cearenses. A monstruosidade decorrente da desordem emerge dilacerando o ar puro das lembranças sertanejas dos personagens. O excesso torna-se arma recorrente em sua narrativa, visando demonizar o tempo da seca e seus efeitos. A fome do alimento confunde-se com a fome de ordem, de justiça, pelo desejo, pelo sexo, pela felicidade. O sertanejo transmuta-se em retirante, que se torna o signo da falta, a falta de tudo o que a modernidade instituiu como valores que caracterizaria a humanidade. Todos os valores civilizatórios estão ausentes em seu corpo, que pouco a pouco ganha em animalidade ao evidenciar a perda do senso, deixando-se dominar pelas necessidades instintivas, perdendo sua fisionomia humana.

Contudo, é evidente que o corpo dos vitimados pela seca não poderia reduzir-se ao animal, a algum ser de outra espécie. Com isso, o corpo do retirante sobreviveria no

limiar entre o humano e o animal, encarnando aspectos de uma vida destituída de qualquer coisa que lhe assegure o mínimo de dignidade, mesmo que a Constituição do Império reconhecesse a assistência pública como um direito em momentos de calamidade. Sua figura é formada pela passividade, pela ausência de estímulo contestatório à ordem vigente, e pela tristeza, sentimento essencial para a sua caracterização. Ao retirante, ao cearense camponês sofredor das secas, é relegado o desespero, a agonia da fome, a sede saciada pela lama, o alimento pela mucunã, visando acalmar o apetite que faz sentir em suas carnes, mas também o sofrimento padecedor de seu corpo através da morte lenta e dolorosa pelo envenenamento ocasionado pela planta. A fome altera a forma dos corpos, destitui, segundo o farmacêutico-escritor, o homem de sua racionalidade.

No entanto, é necessário distinguir essas figuras de personagens como a de Manoel de Freitas, pois este não representaria o pobre camponês cearense, maioria daqueles retirantes citados no romance e utilizados apenas como pano de fundo para mostrar a miséria e a morte dela decorrente, mas o latifundiário que perdeu tudo e é obrigado a ir em direção à capital da província na busca dos socorros públicos do governo, e que se depara com um ambiente inóspito. Ademais, o farmacêutico-escritor deixa implícito em *A fome* (1890), como as raças contribuem para uma maior ou menor degradação biológica de seus corpos, mas também de seus valores sendo necessário uma análise mais detalhada acerca desse fenômeno tomando como base os outros romances produzidos por ele. Assim, talvez, seria possível entender a caracterização dos protagonistas e sua posição na narrativa, pois, como foi salientado no trabalho, a maior parte dos romances produzidos pela chamada “literatura das secas” tomava esses grandes latifundiários em declínio como seus protagonistas, visando denunciar a potencialidade destrutiva do fenômeno para a economia e para a ordem social daquela província, mas aqui o econômico não dissocia do contexto biológico, portanto haveria explicações de cunho político para a escolha das características físicas dos personagens. Além da destruição econômica e da ordem social, é importante salientar que também seria para os valores e costumes através do choque entre dois mundos, duas realidades, a do sertão e àquela emergente dos grandes centros urbanos, desorganizando o curso da vida dos advindos do interior da província. Assim, a moralidade torna-se arma de manutenção da ordem vigente, sustentáculo da própria nacionalidade, devendo ser preservada pela família, que se torna instituição importantíssima para a restauração da norma, tendo a figura masculina como suporte para a promoção de seus valores.

Por conseguinte, o corpo do retirante é subjugado por um poder de morte, estando sujeito às intempéries da vida. O romance *A fome* (1890), faz jus ao seu subtítulo *Scenas da secca do Ceará* estabelecendo-se como um acervo de imagens acerca dos corpos cearenses, possibilitando a emergência de mais uma camada de sentidos e significados sobre as carnes dessa gente padecedora dos efeitos da seca, a concepção de um imaginário sobre os corpos cearenses, auxiliando na confecção de sentidos e significados sobre o evento da própria seca, ao construir estágios em sua narrativa pelos quais os indivíduos sofrentes teriam que passar durante o trajeto da retirada, bem como durante a vida deles na capital, enfatizando uma unanimidade do sofrimento imposto. Os corpos figurados por Rodolfo Teófilo, ganham caráter pejorativo, sendo desumanizados pouco a pouco a partir de uma série de metáforas animalizantes, tendo a ciência, em grande medida, como arma para justificar suas degradações.

REFERÊNCIAS

Fontes Bibliográficas

THEOPHILO, Rodolpho. **A fome**: Scenas da secca do Ceará. Porto: Typ. De A. J. da Silva Teixeira, 1890.

TAVORA, Franklin. **O cabeleira**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1876.

THEOPHILO, Rodolpho Marcos. **Historia da secca do Ceará**: 1877 a 1880. Brasil: Impr. Inglesa, 1922.

Fontes Jornalísticas

O pão - CE (1892-1896)

A quinzena - CE (1887-1888)

O cearense - CE (1889 -1890)

O retirante - CE (1877-1878)

Gazeta de Notícias - RJ (1878)

Bibliografias

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer**: o poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009. p. 40-41

AGAMBEN, Giorgio. **O Aberto**: entre o homem e o animal. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

AGAMBEN, Giorgio. **O uso dos corpos**: Homo sacer IV. São Paulo: Boitempo, 2017.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **Falas de astucia e de angustia**: a seca no imaginário nordestino: de problema a solução: (1877-1922). 1988. 435 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. As imagens retirantes. A constituição da figurabilidade da seca pela literatura do final do século XIX e do início do século XX. **Varia História** [online]. 2017, v. 33, n. 61, pp. 225-25

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **História**: a arte de inventar o passado. Curitiba: Editora Appris, 2019.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. (MAIS)CULINOS: outras possibilidades de corpos e gêneros para as carnes sexuadas pela presença de um pênis. **Outros Tempos: Pesquisa em Foco - História**, [S. l.], v. 17, n. 29, p. 260–281, 2020.

ALENCAR, Manoel Carlos Fonseca de. **Adolfo Caminha e Rodolfo Teófilo**: A cidade e o campo na literatura naturalista cearense. 2002. 145f.- Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza (CE), 2002.

ALVES, Marco Antônio Sousa. A autoria em questão a partir de Foucault: autor, discurso, sujeito e poder. **Matraga** (Rio de Janeiro), v. 22, p. 79-97, 2015.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes. **Proletários das secas**: arranjos e desarrajos nas fronteiras do trabalho (1877-1919). 2014. 354f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em História Social, Fortaleza (CE), 2014.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2012, I vol.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2012, II vol.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2012, III vol.

CORREIA, André Brayan Lima. **“O Ceará é condenado mais pela tirania do governo do que pela inclemência da natureza”**: aspectos biopolíticos nas obras de Rodolfo Teófilo 1901-1922). 2016. 153 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico ou Profissional em 2016) - Universidade Estadual do Ceará, 2016.

COURTINE, Jean-Jacques: **Decifrar o corpo**: pensar com Foucault. Petrópolis: Vozes, 2013.

COURTINE, Jean-Jacques e HÁROCHE, Claudine. **História do rosto**: exprimir e calar as emoções. Petrópolis: Vozes, 2016.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

CZERESNIA, Dina. **Do contágio à transmissão**: ciência e cultura na gênese do conhecimento epidemiológico [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1997. 123 p.

DAMASCENO, Bruno de Brito. **Rodolfo Teófilo e a migração cearense para a Amazônia na passagem dos séculos XIX e XX**. 2018. 107f. - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza (CE), 2018.

DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Márcia (orgs.) **História do corpo no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2011.

DOMINGUES, Heloisa; SÁ, Magali Romero; GLICK, Thomas (orgs.) **A recepção do Darwinismo no Brasil** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003, 189 p.

FERREIRA, Antonio Nelorracion Gonçalves. **A miséria da piedade: o governo da pobreza no dispositivo da caridade (Fortaleza, 1880-1930)**. 2019. 257f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza (CE), 2019.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das Ciências Humanas**. 10 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: N-1, 2013.

FARGE, Arlette. **Lugares para a história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

FRANÇA, Júlio; SENA, Marina (ORGs.). **Sobre o medo: o mal na literatura brasileira do século XX**. Niterói: Hugin Munin, 2020.

FRANÇA, Júlio; SENA, Marina. O gótico-naturalismo em Rodolfo Teófilo. **Soletras**, n. 30, p. 23-38, 2015.

GARCIA, Ana Karine Martins. **A sombra da pobreza na cidade do sol: O ordenamento dos retirantes em Fortaleza na segunda metade do século XIX**. 2006. 208 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

GOMES, Ana Carolina Vimieiro. “Um programa de ciência do Brasil”: a inserção da fisiologia experimental na agenda científica brasileira em fins do século XIX (1880-1889). 01/04/2009. 306 f. Doutorado em História Instituição de Ensino: Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: Biblioteca da FAFICH – UFMG.

GIRÃO, Raimundo. **História Econômica do Ceará**. 2 ed. Fortaleza: Ed. UFC, 2000.

GUINSBURG, J; FARIA, João Roberto (orgs.). **O Naturalismo**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis, Vozes, 2015.

KALIFA, Dominique. **A Tinta e o Sangue: narrativas sobre crimes e sociedade na Belle Époque**. São Paulo: Ed. UNESP, 2020.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LE BRETON, David. **Sociologia do corpo**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos**. Petrópolis: Vozes, 2016.

LE BRETON, David. **Antropologia da dor**. São Paulo: Unifesp, 2013.

LE BRETON, David. **Antropologia das emoções**. Petrópolis: Vozes, 2019.

LE BRETON, David. **Rostos: ensaios de sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2019.

MALAQUIAS, Anderson Gonçalves. O micróbio protagonista: notas sobre a divulgação da bacteriologia na Gazeta Médica da Bahia, século XIX. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.23, n.3, jul.-set. 2016, p.733- 756.

MENDONÇA, E. G. **Literatura, História e ciência no século XIX: a visão naturalista de Rodolfo Teófilo sobre o povo cearense**. Orientador: MANOEL CARLOS FONSECA DE ALENCAR. 2020. 162 p. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em História e Letras) - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ, Quixadá-CE, 2020.

MORAES, Adriana de Paula. **As cruzadas de um morto-vivo: Estudo sobre os romances de Rodolfo Teófilo**. 2020. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo 2020.

NETO, Lira. **O poder e a peste**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1999.

NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história: saques e outras ações de massa no Ceará**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

NEVES, Frederico de Castro. A miséria na literatura: José do Patrocínio e a seca de 1878 no Ceará. **Tempo** [online]. 2007, v. 11, n. 22 [Acessado 9 Dezembro 2022], pp. 80-97.

Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-77042007000100005>>. Epub 16 Out 2007. ISSN 1980-542X. <https://doi.org/10.1590/S1413-77042007000100005>.

NEVES, Frederico de Castro. Estranhos na belle époque: a multidão como sujeito político (Fortaleza, 1877-1915). **Trajeto Revista de História UFC**, Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 113-138, 2005.

NEVES, Frederico de Castro. **A seca na história do Ceará**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000.

NEVES, Frederico de Castro. A "capital de um pavoroso reino": Fortaleza e a seca de 1877, **Tempo**, núm. 9, julho, 2000, pp. 93-111 Universidade Federal Fluminense Niterói, Brasil

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

PINHEIRO, Charles Ribeiro. **Rodolfo Theophilo: a construção de um romancista**. 2011. 201f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Literatura, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza-CE, 2011.

PINHEIRO, Charles Ribeiro. **Rodolfo Teófilo polemista: a crítica polêmica como estratégia de glorificação literária**. 2019. 333f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará - Programa de Pós-graduação em Letras, Fortaleza (CE), 2019

RIPARDO, Sérgio. “A Fome”, clássico de Rodolfo Teófilo, diseca cadáveres da seca. In: **Folha Online**, dia 11 de outubro de 2002. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/critica/ult569u947.shtml> >.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SENA, Marina Faria. **O gótico-naturalismo na literatura brasileira oitocentista**. 2017. 99 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Inglesa; Literatura Brasileira; Literatura Portuguesa; Língua Portuguesa; Ling) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SOMBRA, Waldy. **Rodolfo Theophilo: o varão benemérito da pátria**. Fortaleza, 1997.

TEIXEIRA, Luiz Antônio. As febres paulistas na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo: uma controvérsia entre porta-vozes de diferentes saberes. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, vol. 11 (suplemento 1): 41-66, 2004.

VALE NETO, Isac Ferreira do. **Batalhas da memória: A escrita militante de Rodolfo Teófilo**. 2006. 217f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza (CE), 2006.

VIGARELLO, Georges. **O sentimento de si**: História da percepção do corpo, séculos XVI-XX. Petrópolis: Vozes, 2016.

